



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

GILBERTO PENTEADO STAM

**O DIÁLOGO ENTRE NEUROCIÊNCIA E PSICANÁLISE NO
JORNALISMO CIENTÍFICO: O CASO DA REVISTA *MENTE E
CÉREBRO***

**THE DIALOGUE BETWEEN NEUROSCIENCE AND
PSYCHOANALYSIS IN SCIENTIFIC JOURNALISM: THE
CASE OF THE *MIND AND BRAIN* MAGAZINE**

CAMPINAS

2015

GILBERTO PENTEADO STAM

**O DIÁLOGO ENTRE NEUROCIÊNCIA E PSICANÁLISE NO
JORNALISMO CIENTÍFICO: O CASO DA REVISTA *MENTE E
CÉREBRO***

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Seno Chibeni

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO
ALUNO GILBERTO PENTEADO STAM E
ORIENTADA PELO PROF. DR. SILVIO SENO
CHIBENI.**

CAMPINAS

2015

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

St21d Stam, Gilberto Penteado, 1975-
O diálogo entre neurociência e psicanálise no jornalismo científico : o caso da revista *Mente e Cérebro* / Gilberto Penteado Stam. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Silvio Seno Chibeni.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. *Mente e Cérebro* (Revista). 2. Neurociências. 3. Psicanálise. 4. Jornalismo científico. 5. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. I. Chibeni, Silvio Seno, 1958-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The dialogue between neuroscience and psychoanalysis in scientific journalism : the case of the *Mind and Brain* magazine

Palavras-chave em inglês:

Mente e Cérebro (Magazine)

Neurosciences

Psychoanalysis

Journalism, Scientific

Interdisciplinary approach to knowledge

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestre em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Silvio Seno Chibeni [Orientador]

Germana Fernandes Barata

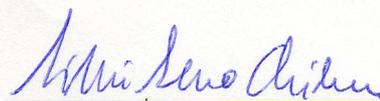
Alexander Moreira-Almeida

Data de defesa: 25-08-2015

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

BANCA EXAMINADORA:

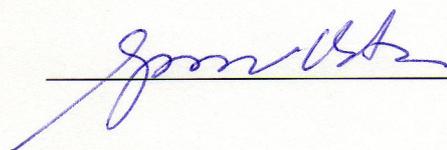
Silvio Seno Chibeni



Alexander Moreira de Almeida



Germana Fernandes Barata



Fátima Siqueira Caropreso

Márcio Barreto

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Silvio Seno Chibeni pelo estímulo e por ter me ajudado, com o didatismo apropriado, a retomar um interesse antigo pela filosofia, tentando esclarecer as dúvidas fundamentais que pairam sobre um tema como as relações mente-cérebro; pela liberdade conferida ao longo do processo; por ter acreditado no projeto em sua forma inicial; e também, quando foi o caso, por não ter acreditado em certos desvios de rota pretendidos ao longo do caminho.

Os cursos do Programa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp - cuja notável interdisciplinaridade versa desde a sociologia, antropologia, história, linguística e filosofia até a arte - foram fundamentais ao desenvolvimento deste trabalho, propiciando estimulante debate e abertura de horizonte intelectual. A todos os professores, em especial Germana Barata e Marcio Barreto, pelos comentários valiosos ao manuscrito, e aos colegas, cuja interlocução também foi fundamental.

Ao Bob, querido e interessado pai, cujo escopo intelectual admirável passou a incluir também a neurociência, pelas contribuições a este trabalho e diálogo permanente; à Gilda, querida mãe, por sua capacidade de empatia humana, inteligência e humor aguçados (*in memoriam*); à minha pequena mas querida família brasileira, Célia, André, Isabel e Ana Helena, pela convivência, carinho e acolhida; e à minha grande família americana, por ser tão divertida e acolhedora.

RESUMO

O jornalismo científico sobre os fenômenos mente-cérebro tem sido pautado, principalmente, pela abordagem baseadas na metodologia quantitativa das ciências naturais, através de disciplinas como neurociência, psiquiatria biológica e psicologia comportamental e cognitiva. Apesar de sua validade e relevância parcial, essa cobertura tem como limitação dar pouca ênfase aos aspectos qualitativos da experiência subjetiva que são tradicionalmente abordados pela psicanálise. Dessa forma, consideramos que recai sobre a psicanálise a expectativa de apresentar um discurso que complemente o das ciências naturais, hegemônico na atualidade. Com essa perspectiva, esta dissertação tem por objetivo examinar o diálogo entre psicanálise e neurociência na revista *Mente e Cérebro: psicologia, psicanálise e neurociência*, o veículo especializado nessa área mais vendido no Brasil. A análise revela que, tomadas em conjunto, as áreas que seguem a metodologia científica quantitativa representam 85% do total de matérias, enquanto apenas 9% delas trata de psicanálise. Nesse espaço reduzido, sugerimos que a psicanálise é frequentemente apresentada através de textos de difícil acesso ao leigo e muitas vezes de maneira subserviente à neurociência, diminuindo seu potencial para difundir um discurso alternativo que vá além da abordagem objetivante típica das ciências naturais.

Palavras-chave: neurociência, psicanálise, jornalismo científico, revista *Mente e Cérebro*, medicalização, interdisciplinaridade.

ABSTRACT

Scientific journalism on mind-brain phenomena has mainly covered the quantitative approach of natural sciences, through disciplines such as neuroscience, biological psychiatry and behavioral and cognitive psychology. Regardless of its partial relevance and validity, this approach does not take into account the qualitative aspects of subjective experience which are traditionally addressed by psychoanalysis. We therefore consider that it is psychoanalysis' role to present a discourse that complements the currently hegemonic one of natural sciences. Bearing this perspective in mind, this thesis aims to examine the dialogue between neuroscience and psychoanalysis in the magazine *Mind and Brain: psychology, psychoanalysis and neuroscience*, the best-selling specialized publication of its type in Brazil. The analysis reveals that, taken altogether, the areas which follow the quantitative scientific methodology represent 85% of all articles, while only 9% of them follow a psychoanalytic approach. The thesis posits that, in this reduced space, psychoanalysis is often presented in a way which is too complex for the layperson and often as subservient to neuroscience, reducing its potential to diffuse an alternative discourse which goes beyond the typically objectifying approach of the natural sciences.

Keywords: neuroscience, psychoanalysis, scientific journalism, *Mind and Brain* magazine, medicalization, interdisciplinarity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. Divulgação científica como campo interdisciplinar	10
1.2. Aspectos filosóficos das relações mente-cérebro	16
1.3. O sujeito oculto da medicalização	23
1.4. Desqualificação e validação neurocientífica da psicanálise	26
1.5. Neurociência e psicanálise na mídia	33
2. A REVISTA <i>MENTE E CÉREBRO</i>	45
2.1. Uma proposta interdisciplinar	48
2.2. Material e métodos	50
2.3. Abordagens na estrutura da revista: capas, seções, colunas e retrancas	51
2.4. Matérias e o discurso de cada abordagem	54
3. DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES	63
3.1. O diálogo fluído entre neurociência e psicologia comportamental	63
3.2. As variedades de diálogo entre neurociência e psicanálise	65
3.2.1. Polêmica e discussão	66
3.2.2. Validação neurocientífica	69
3.2.3. Fusão de abordagens	72
3.2.4. Relato clínico e ressignificação de sintomas pela psicanálise	74
3.3. O sujeito em pânico	77
4. CONCLUSÕES	86
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
6. MATERIAL DE ANÁLISE	94
7. ANEXOS	107
7.1. Entrevista com Ana Claudia Ferrari	107
7.2. Primeiro editorial da revista <i>Mente e Cérebro</i>	110
7.3. Tabela 1: Abordagens nas capas	111

<u>7.3.1. Exemplos de referências temáticas nas capas</u>	<u>115</u>
<u>7.4. Tabela 2: Abordagens nas matérias</u>	<u>116</u>
<u>7.5. Tabela 3: Tipos de diálogo entre neurociência e psicanálise</u>	<u>117</u>
<u>7.6. Tabela 4: Resumo das diferenças entre abordagens</u>	<u>118</u>
<u>7.7. Minha trajetória acadêmica e em jornalismo científico</u>	<u>119</u>

1. INTRODUÇÃO

Quando estou diante de uma pessoa e posso vê-la por inteiro, nossos horizontes concretos e vivenciados não coincidem. Pois a cada instante, independentemente da posição e da proximidade entre mim e essa pessoa que contemplo, sempre saberei de algo que ela, de frente para mim, não consegue ver por si só: partes de seu corpo que ficam inacessíveis ao seu olhar (sua cabeça, seu rosto com sua expressão), o mundo atrás dela e uma série de objetos e relações que, independentemente do posicionamento de uma pessoa com relação a outra, está acessível a mim mas não a ela. Enquanto nos olhamos, dois mundos diferentes são refletidos em nossas pupilas. É possível reduzir essa diferença de horizontes ao mínimo, mas para eliminá-la por completo, seria necessário operar uma fusão em que nos tornássemos uma única e a mesma pessoa.

Mikhail Bakhtin (1935, p. 23).

1.1. Divulgação científica como campo interdisciplinar

Fazer uma divulgação científica interdisciplinar das relações mente-cérebro, por muito tempo designados na filosofia pela dicotomia ‘corpo e espírito’, implica alguns desafios que se somam àqueles que, intrinsecamente, fazem parte do processo de tradução da ciência para a linguagem do público leigo. Talvez nenhum objeto de estudo seja analisado hoje por abordagens tão variadas e díspares, resultado de uma tradição de pesquisa milenar que começa com a filosofia antiga e a definição do ser humano como “animal racional”. Ao longo dos séculos XIX e XX, multiplicaram-se as disciplinas que estudam as várias facetas do fenômeno humano: história, sociologia, antropologia, economia, linguística, entre outras, inclusive a moderna psicologia experimental e a metapsicologia, ou psicanálise (Wolff, 2010).

Nesse meio tempo, no início do século XX, o histologista espanhol Santiago Ramón y Cajal foi um dos responsáveis pela primeira descrição dos neurônios como células discretas que se conectam para formar o tecido cerebral. A neurociência fornece um exemplo

de como, nesse processo, novas disciplinas se constituem pela combinação de disciplinas antigas. Na década de 1960, um grupo no Instituto de Tecnologia de Massachusetts concebe uma nova proposta de pesquisas que, combinando disciplinas variadas e usando uma abordagem reducionista molecular, prevê que grandes avanços poderiam ser feitos na compreensão do funcionamento do cérebro. Essa previsão se baseava no sucesso de propostas interdisciplinares anteriores em áreas como biologia molecular, genética, imunologia e biofísica (Rose, 2013). Um livro de divulgação científica que se tornou popular na década de 1980 nos Estados Unidos apresenta a neurociência da seguinte maneira:

Seus praticantes vêm de cerca de uma dúzia de áreas anteriormente separadas, incluindo neurofisiologia, neuroquímica, neuroanatomia, farmacologia, psiquiatria, psicologia, etologia, ciências da computação, engenharia elétrica e física. Alguns deles colocam os ratos para correr em labirintos em T; alguns tentam simular processos de memória em computador; outros mapeiam as geometrias vertiginosas da alucinação. Há neurocientistas que empalam sonhos com eletrodos superfíno, e aqueles que são como espeleólogos em grotões freudianos. Para alguns, a mente é um órgão homogeneizado de espuma leitosa batido em um liquidificador; para outros é uma pequena caixa-preta de desejos e apetites. Para outros é um intrincado mapa de células nervosas tingido com corante fluorescente, ou uma paisagem de Van Gogh retorcida por alucinações e delírios (Hooper e Teresi, 1986, p. 2-3).

Somando-se a essa inerente complexidade científica do estudo do cérebro, a neurociência estabelece também relações interdisciplinares mais amplas com áreas tradicionais que já estudavam a mente a partir de perspectivas humanistas, como a filosofia e a psicanálise. O objetivo do nosso trabalho é fazer uma análise do diálogo que se estabelece entre neurociência e psicanálise no jornalismo científico. Em nossa revisão bibliográfica faremos recortes específicos de algumas dessas interações, mapeando elementos do debate acadêmico que consideramos relevantes para entender o contexto mais amplo do diálogo entre neurociência e psicanálise no jornalismo científico. Em alguns casos, essas relações podem ser consideradas como de colaboração e complementaridade; em outros, surgem polêmicas e conflitos, bem como tentativas de desqualificação. A revista *Mente e Cérebro* se enquadra nos nossos objetivos por sua identidade interdisciplinar - como mostra o subtítulo, e como veremos de forma mais detalhada adiante, na sua proposta editorial - que abre um espaço

significativo para que as humanidades e as artes apresentem também suas contribuições ao conhecimento da mente.

Mais significativo para este trabalho, porém, é o fato de que, dentro dessa proposta integrativa, a revista inclui a psicanálise em sua cobertura, ao contrário das outras seis revistas similares em outros países, (como veremos no capítulo 2), contrapondo-se, implicitamente, a visões excessivamente restritivas da própria ciência, que serão identificadas adiante. Ao contrário da neurociência, porém, o jornalismo especializado em psicanálise é bastante incipiente. Embora não seja possível esgotar essa busca, não encontramos, de fato, nenhum outro exemplo de cobertura regular na mídia dessa área além da própria *Mente e Cérebro*¹. A consequência disso é que, aparentemente, não existe nenhuma referência bibliográfica específica sobre o diálogo entre neurociência e psicanálise na mídia², o que reforça nossa opção pela interdisciplinaridade para apoiar nossa análise.

A abordagem interdisciplinar implica o pressuposto de que disciplinas distintas possam dar contribuições diferentes para abordar determinado problema ou questão. A psicanálise é relevante nesse contexto por ter desenvolvido um aparato teórico para explicar a forma como o indivíduo atribui significado aos sintomas psíquicos. Os conceitos fundamentais dessa metodologia, como associação livre, inconsciente, o papel da sexualidade na psique e a transferência são apresentados em *Estudos sobre a Histeria* (Freud e Breuer, 1893), que pode ser considerada a obra fundadora da psicanálise. Na prática, o que mais diferenciou a psicanálise das abordagens anteriores foi a proposta de examinar os sintomas como manifestações que faziam sentido considerando-se a vida e a psique do paciente, e não apenas como sinais de uma doença orgânica que influenciava seu comportamento (Quinodoz, 2007).

A metodologia psicanalítica se consolida com a publicação de *A interpretação dos sonhos*, de Freud (1900), obra que explica a formação dos sonhos como produto das associações livres, expressão de desejos inconscientes e a censura dos desejos sexuais infantis reprimidos (Quinodoz, 2007). Apresenta também os mecanismos de formação do sonho,

¹ O título deste trabalho, portanto, se refere mais à presença da psicanálise no contexto do jornalismo científico do que a um ‘jornalismo científico de psicanálise’ propriamente dito – aliás, termo que seria polêmico, já que o status científico da psicanálise é alvo de discussão, como veremos neste capítulo.

² Foram feitas buscas com as palavras-chave “neurociência”, “psicanálise”, “mídia”, “jornalismo científico” e “medicalização”, em português e em inglês, nos sites de busca *Google Books*, *Google Scholar*, *BVS*, *Portal de Periódicos Capes/MEC*, *PubMed*, *SciELO*, *Bielefeld Academic Search Engine (BASE)*, *Refseek*, *Academicinfo* e *Infotopia*.

como condensação e deslocamento, que serão abordados brevemente na seção 1.5. A interpretação dos sonhos serve como base para uma teoria do funcionamento psíquico e, na clínica, apresenta uma possibilidade para que o indivíduo entre em contato com conteúdos inconscientes, atribuindo significado a eles ao interpretar esses sonhos, em um processo de elaboração. Ao afirmar que o sonho era uma produção com significado pessoal, Freud marca posição contrária aos cientistas que entendiam o fenômeno como algo meramente fisiológico. Dessa forma, a teoria de Freud provocou polêmicas que permanecem até hoje, e que encontraremos, ainda que de forma muito pontual, no arquivo da revista *Mente e Cérebro*. Resumindo, a psicanálise apresenta uma perspectiva distinta da neurociência, que busca compreender o funcionamento do cérebro como órgão físico e as bases fisiológicas da mente, sendo portanto uma abordagem importante para um debate interdisciplinar sobre o tema (ver Tabela: Resumo das diferenças entre abordagens, anexo 7.6).

Ao contrário da crença de que apenas a abordagem quantitativa das ciências naturais é legítima, que discutiremos a seguir, argumentamos que o advento da neurociência e sua popularização, ao provocarem novos debates e colaborações interdisciplinares no campo científico, podem representar também para a psicanálise uma nova oportunidade de difusão. Ao mesmo tempo, contrariamos a ideia, ainda que implícita, de que não vale a pena fazer divulgação e jornalismo de psicanálise. Nesse contexto, a revista *Mente e Cérebro*, ao fazer uma cobertura sistemática da área, proporciona um campo novo de experimentação, que é o objeto específico deste trabalho. Para análise da revista, que conta com um arquivo de dez anos, foi escolhida uma amostra de três anos: o primeiro (2004-5), o quinto (2008-9) e o décimo (2013-4), de forma que pudéssemos perceber possíveis mudanças na revista ao longo do tempo. Trata-se de uma seleção parcial, de modo que este trabalho não se permite fazer generalizações conclusivas sobre a revista, mas observar tendências e características marcantes da amostra escolhida. Vale lembrar, também, que a maioria dos textos é assinada por pesquisadores, de modo que muitas vezes usamos ‘jornalismo’ para nos referirmos ao contexto mais amplo.

Primeiro, faremos uma análise quantitativa por abordagem das matérias e, depois, uma análise qualitativa com foco no caso específico do diálogo entre neurociência e psicanálise. A análise quantitativa demonstra a exuberância da cobertura de neurociência, psicologia cognitiva e comportamental e psiquiatria biológica - todas elas disciplinas baseadas na metodologia quantitativa das ciências naturais - diante de uma tímida cobertura da psicanálise, uma assimetria que reflete a importância dessas áreas na sociedade contemporânea, bem como a recepção favorável do público ao reducionismo biológico. Por

outro lado, deixa de lado a possibilidade de um entendimento humanista do sofrimento psíquico e esvazia as possibilidades de agenciamento do indivíduo diante de sua própria condição, esta agora constantemente mediada por dados quantitativos, pela ciência e pela medicina. Além disso, nossa análise qualitativa demonstra que a divulgação científica da psicanálise nem sempre é explorada em todo o seu potencial, fazendo com que a disciplina pareça, muitas vezes, pouco atraente do ponto de vista jornalístico, ou como subserviente ao aval neurocientífico. Dessa forma, pretendemos contribuir para ampliar o debate interdisciplinar sobre as relações mente-cérebro no âmbito do jornalismo científico e, mais especificamente, analisar as possíveis contribuições da psicanálise nessa área. Nosso objetivo não é favorecer determinada abordagem, mas buscar entender suas especificidades, limitações e possíveis contribuições.

Nossa revisão bibliográfica será feita nos itens 2 a 4 deste capítulo. Na seção 2, discutiremos o papel da filosofia - bem mais relevante do que aparenta na mídia - na neurociência e na sua divulgação, bem como possíveis confusões entre os planos científico e filosófico; na seção 3, abordaremos os conflitos decorrentes da expansão neurocientífica em áreas antes restritas às humanidades, bem como a discussão sobre a medicalização, incluindo a questão da preservação do espaço subjetivo no tratamento de transtornos mentais e aspectos históricos das relações entre psicanálise e psiquiatria; e, na seção 4, falaremos sobre as relações entre neurociência e psicanálise no âmbito científico, seja pela colaboração, seja pelas tentativas de desqualificar a psicanálise cientificamente. Nesta introdução vamos estabelecer as questões principais, relativas ao diálogo entre neurociência e psicanálise, no contexto acadêmico mais amplo das relações mente-cérebro, para depois verificar, através de amostras da mídia em geral (na seção 5 deste capítulo) e da revista *Mente e Cérebro* (no capítulo 2), até que ponto o jornalismo cobre essas questões. A constatação imediata é que há uma série de discussões e polêmicas interdisciplinares, bem como colaborações, pouco exploradas pela mídia, mas que contribui para contextualizar e compreender o significado de alguns dos avanços nessa área.

Ao longo deste trabalho, o conceito de diálogo é usado em sua concepção mais abrangente, formulada pelo filósofo e linguista russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), para quem todo discurso é perpassado pelo discurso alheio, a tal ponto que todo enunciado e a própria língua, desde o balbuciar do bebê com a mãe até os textos filosóficos mais sofisticados, podem ser definidos como intrinsecamente dialógicos. Além de servir de inspiração metodológica, o conceito é extrapolado aqui para as diversas formas de interação entre disciplinas que se debruçam sobre os fenômenos mente-cérebro. Esse conceito de

diálogo, porém, não se restringe ao sentido de ‘entendimento’ ou ‘consenso’, abrangendo também o embate discursivo entre ideias, perspectivas e atitudes que geram conflitos e polêmicas, sejam eles explícitos ou não (Fiorin, 2008).

Uma das implicações do dialogismo é que o eu não existe de forma autônoma pois “necessita da colaboração de outros para poder definir-se e ser autor de si mesmo” (Stam, 1992). Para Bakhtin, o fato de que cada indivíduo ocupa um ponto único no espaço e no tempo faz com que ele seja dotado do que chama de “visão excedente” (Bakhtin, 1935, p. 23), sendo assim capaz de ver o que seu interlocutor não pode enxergar. A ideia de que indivíduos (ou disciplinas) se complementam remete também ao processo de construção coletiva do conhecimento descrito por Ludwig Fleck (2010). Usando o termo cunhado por ele, podemos dizer que a ‘forma de pensar’ contemporânea é pautada pelo protagonismo do corpo e da dimensão biológica, e marcada pela novidade que é o estudo do cérebro. Esse protagonismo conjuntural, entretanto, deve ser entendido no contexto histórico em que diferentes programas de pesquisa passam por um período de alto impacto seguido por posterior retração, num processo marcado por revoluções paradigmáticas que estabelecem, constantemente, novos padrões de ciência normal, segundo a conhecida caracterização de Thomas Kuhn (1962).

Embora a produção midiática possa ser interpretada à luz do debate sobre a medicalização, não aprofundaremos essa abordagem pois isso requereria uma discussão mais ampla, comprometendo nossa proposta interdisciplinar³. Outra ressalva importante é que, apesar da inspiração bakhtiniana, cuja obra é comumente associada com a análise do discurso, nosso foco não é o discurso em si, do ponto de vista linguístico, mas a forma como o texto articula conceitos e conteúdos de forma interdisciplinar. Por isso, embora essa abordagem seja usada em muitos trabalhos sobre neurociência na mídia, ela não foi incluída em nossas referências.⁴

³ Um exemplo disso é a análise que Guarido (2008) faz da revista *Nova Escola*, mostrando como o saber médico se dissemina cada vez mais nas explicações sobre os fenômenos da infância e da adolescência, passando a expressar aspectos humanos através de concepções biológicas. Ao tratar da medicalização da educação, Guarido se apoia em uma tradição já bem estabelecida para discutir as possíveis contribuições da psicanálise nessa área.

⁴ Para uma ampla discussão sobre questões como mídia, discurso e sujeito pela ótica da análise do discurso ver Santana (2007).

1.2. Aspectos filosóficos das relações mente-cérebro

Talvez a relação interdisciplinar mais notável da neurociência seja aquela que acontece com a filosofia, área que extrapola o âmbito da pesquisa científica propriamente dita e entra no terreno da análise conceitual e teórica, que tipicamente sugere um posicionamento mais crítico relativamente a algumas das pretensões de parte dos neurocientistas. A importância desse diálogo pode ser exemplificada pelo fato de que, com o advento da neurociência, o ramo da filosofia que se debruça sobre as relações mente-cérebro floresce e ganha a nova denominação de ‘filosofia da mente’. Nem sempre, porém, essa relação aparece de forma evidente no jornalismo científico. Um exemplo disso é a promessa frequente de que a ciência poderá, no futuro, desvendar a verdadeira natureza da mente através do estudo do cérebro. Embora seja apresentada como uma avaliação científica concreta, essa promessa se baseia no pressuposto filosófico implícito, conhecido como monismo, de que mente e cérebro são manifestação da mesma substância. Há um segundo pressuposto cuja natureza filosófica é ainda mais elusiva ao público, e que discutiremos a seguir, de que essa substância que dá origem ao cérebro e à mente é a matéria. Por isso, esse pressuposto recebe o nome de monismo materialista. Uma das versões mais populares do monismo materialista é a teoria da identidade, que defende a existência de uma correspondência perfeita entre cérebro e mente. O filósofo Paul Churchland define-a da seguinte maneira:

Estados mentais *são* estados físicos do cérebro. Ou seja, cada tipo de estado ou processo mental é numericamente idêntico a (ou exatamente o mesmo que) algum tipo de estado mental ou processo dentro do cérebro ou sistema nervoso central. No momento não sabemos o suficiente sobre o intrincado funcionamento do cérebro para descrever as identidades relevantes, mas a teoria da identidade se compromete com a ideia de que a pesquisa do cérebro, eventualmente, irá revelá-las (Churchland, 1994, p. 26, *italico do autor*).

Uma teoria derivada da teoria da identidade, mas que radicaliza suas consequências em termos das relações mente-cérebro, é o eliminativismo materialista. Essa teoria prevê o fracasso da teoria da identidade, não por uma falha do monismo materialista, mas porque considera que a ligação entre os conceitos da neurociência e os da psicologia seriam impossíveis porque estes últimos não são verdadeiros. Supostamente, o estudo reducionista do cérebro revelaria que toda a teoria psicológica se constitui em “uma concepção falsa e repleta de enganos das causas do comportamento humano e a natureza da

atividade cognitiva” (Churchland, 1994, p. 43). Consequentemente, toda a psicologia tradicional, bem como todo o vocabulário usado para descrever fenômenos mentais, não teria validade científica e viriam a ser substituídos por conceitos ou teorias da neurociência. Um aspecto relevante dessa teoria que terá grande repercussão na divulgação científica é a promessa de que esse programa de pesquisa irá, no futuro, desvendar o funcionamento da mente através do estudo do cérebro. David Hubel, vencedor do Prêmio Nobel de Medicina em 1981, teria dito que “a palavra *mente* é obsoleta” (Schwartz e Begley, 2002, p. 25).

O fato de que o programa neurocientífico poder buscar esse tipo de apoio filosófico é algo que nem sempre é explicitado no campo da divulgação científica. Entretanto, é justamente desse pressuposto filosófico monista que depende boa parte do poder de atração da neurociência para o público, justamente pela promessa de desvendar a mente. Essa colaboração filosófica se dá mais no plano do discurso do que dentro do laboratório, já que as reflexões ontológicas sobre a essência da mente não fazem parte da rotina de pesquisa, e nem podem ser testadas pela metodologia científica. Uma vez que o cientista deve priorizar espistemicamente os fenômenos, isto é, aquilo que se pode observar experimentalmente, a ciência não tem meios de dar uma resposta definitiva para questões sobre a natureza íntima ou essencial da matéria. Dessa forma, mesmo sendo aceito por parte muito significativa dos cientistas, o materialismo deve ser encarado, antes de tudo, como uma proposição inerentemente filosófica, e não científica. Como aponta Araujo:

Assim, tudo o que a ciência pode fazer é descobrir a existência de fenômenos e de suas relações, mas jamais a essência e a natureza última da realidade, já que estas últimas não podem ser dadas no nível empírico, requerendo, portanto, um conhecimento de outro tipo. Além disso, embora a prática científica possa estar atrelada a uma visão de mundo – como demonstram os estudos de Fleck e Kuhn - a ciência é uma atividade epistêmica em constante desenvolvimento, de forma que sua cristalização em uma visão de mundo seria contrária à sua própria natureza. [...] Em suma, ciência e materialismo são coisas distintas, que só por um deslize conceitual podem ser tratadas como idênticas (Araujo, 2013, p.115).

Além disso, também não se pode dizer que, no campo filosófico, as relações mente-cérebro tenham sido resolvidas, já que o monismo materialista é apenas uma entre diversas opções igualmente válidas do ponto de vista filosófico. Com todo o avanço da neurociência, não há nenhuma nova teoria que refute cabalmente, por exemplo, o dualismo de

Descartes, ou mesmo o monismo espiritualista de George Berkeley, para quem a única substância (no sentido filosófico do termo) é o espírito, os corpos portanto sendo também de natureza espiritual (“coleções de ideias”) (Berkeley, 1975). A noção filosófica de substância é metafísica e não corresponde a nada que seja observável sensorialmente, como as chamadas propriedades corporais, como extensão, cor, textura, etc., ou propriedades mentais (ou espirituais), como pensamento, vontade, etc. Abre-se assim um espaço para posições divergentes que podem até ser influenciadas por observações, mas não são definidas ou provadas por elas.

Um dos motivos pelos quais o materialismo ganhou popularidade como explicação ontológica entre os cientistas pode ter sido a demonstração de que há uma correspondência entre muitos processos mentais e processos cerebrais, ou nervosos, através, por exemplo, do efeito dos fármacos psicotrópicos, pelas técnicas de neuroimagem ou mesmo pelas alterações de personalidade resultantes de lesões cerebrais. O raciocínio poderia ser o seguinte: o cérebro seria visto como matéria, e se a manipulação dessa matéria produz efeitos sobre a mente, conclui-se que a mente tem origem na matéria. O equívoco aqui está no passo inicial de considerar que conhecemos a origem ontológica da substância que forma a mente.

Embora exista um interesse evidente em atrair a atenção do público e apoio financeiro para sua própria linha de pesquisa, o contexto histórico dessas descobertas também pode ajudar a entender essa mistura de entusiasmo científico legítimo com equívocos de origens diversas. O projeto neurocientífico tomou corpo conforme o desenvolvimento da farmacologia demonstrava que era possível intervir no mundo mental pela ação química sobre o cérebro, um órgão cujo funcionamento por tanto tempo representou um mistério para a ciência. Aparentemente, essa nova e promissora possibilidade tornava obsoleta a noção dualista predominante até então de que cérebro e mente são feitos de substâncias distintas: matéria e espírito. O fato de que a nova abordagem não explicava a lacuna entre cérebro e mente, deslocando a questão para uma dimensão microscópica, talvez tenha parecido uma ressalva pouco relevante diante das possibilidades que se abriam (Rose, 2013).

Um exemplo desse diálogo com a filosofia no âmbito da divulgação científica é o livro *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano* (1994), do neurocientista português António Damásio, considerado um clássico da área. Damásio tem um papel de destaque por ter sido o cientista que incluiu as emoções no estudo do cérebro. O livro é um exemplo de como a neurociência se apoia na filosofia, mas nesse caso não pelo apoio explícito do monismo materialista, mas pela contraposição ao dualismo. Apesar do destaque

no título, o grande filósofo francês é mencionado apenas duas vezes, e na primeira apenas de passagem:

O controle das inclinações animais pelo pensamento, razão e arbítrio foi o que nos fez humanos, de acordo com *As paixões da alma* de Descartes. Eu concordo com essa formulação, com exceção de que onde ele especifica um controle realizado por agentes não físicos eu vislumbro uma operação biológica estruturada dentro do organismo humano, nem por isso menos complexa, admirável ou sublime. (Damásio, 1994, p. 124)

Como veremos adiante, o autor argumenta em seguida que essa proposta não implica reducionismo biológico dos fenômenos sociais. Por enquanto, porém, manteremos o foco em Descartes, que volta a aparecer no final do livro, quando Damásio afirma que seria impossível apresentar sua proposta sem invocar (ou, poderíamos dizer, desqualificar) Descartes. Seu ataque a Descartes, além de anacrônico, é também contraditório, já que o filósofo é considerado um dos fundadores da ciência moderna. Além disso, a afirmação de que Descartes teria “apartado a mente do cérebro” (p. 247) parece ser imprecisa, pois Descartes foi um dos pioneiros, no período moderno, no estudo detalhado do corpo humano e de suas relações com o mundo mental, como testemunham, por exemplo, ao menos duas de suas grandes obras publicadas no século XVII, *As paixões da alma* (1649) e *O homem* (1664, póstumo). Notemos, por exemplo, que foi ele a figura central, na ciência e filosofia modernas, que defendeu, com base em argumentos e evidências específicas, que o cérebro seria o órgão relacionado com a mente (Descartes, 1973), algo que não era nada evidente na época. No nível de detalhe, ele levantou a hipótese de que essa relação corpo-alma tinha seu principal centro na glândula pineal.

Damásio identifica em Descartes a origem de uma tradição de pesquisas que relega a corporalidade biológica ao segundo plano e que por isso precisaria ser “descartada” como um equívoco. Não cabe aqui aprofundar os méritos do argumento de Damásio – ou, ao que tudo indica, o “erro de Damásio” – mas apenas constatar que sua proposta se dá mais no campo filosófico do que no campo propriamente científico. O mais relevante é que sua “refutação” da proposta dualista de Descartes pode ser entendida em parte como uma espécie de licença filosófica que, além do aspecto mais evidente que é refletir entusiasmo legítimo com uma abordagem nova e promissora, visa defender seu próprio programa como se para isso fosse necessário encontrar supostas falhas nos outros, algo que frequentemente é observado na divulgação de neurociência.

Dessa forma, a interdisciplinaridade científica, com seu potencial colaborativo para novas descobertas, se apresenta de forma fundamentalmente diferente no diálogo interdisciplinar que vai estabelecer com as ciências humanas, marcado agora por uma suposta discordância radical. No entanto, apesar dos avanços da neurociência e desse suposto consenso, muitos filósofos acreditam que fenômenos como consciência e subjetividade representam um desafio ainda não resolvido. Embora seja quase que universalmente aceito o fato de que existe uma estreita relação entre mente e cérebro, ainda não há nenhuma teoria científica ou filosófica *concreta* que *efetivamente* mostre como seria possível eliminar a diferença entre atributos físicos, sobre os quais todos concordam, como altura, tamanho e peso, e os atributos subjetivos, referidos na filosofia empirista como ‘qualia’ que são impossíveis de serem transmitidos de forma precisa. Por isso, os filósofos, de modo geral, questionam as pretensões neurocientíficas de explicar a mente a partir do cérebro.

Para o filósofo David Chalmers (1995), por exemplo, ‘consciência’ é um termo vago, por isso ele divide os problemas científicos relacionados com o fenômeno em fáceis e difíceis. Os fáceis seriam aqueles diretamente acessíveis pela metodologia padrão das ciências cognitivas ou cerebrais, para as quais funções e habilidades cognitivas poderiam ser explicadas em termos de mecanismos neuronais ou computacionais que causam o fenômeno em questão. Essas funções, porém, não explicariam os aspectos subjetivos da consciência, pelos quais as informações são vivenciadas de formas diferentes, ou com diferentes qualidades. Embora as funções e habilidades cognitivas possam ser explicadas, os problemas difíceis permanecem porque eles não são resultado direto dessas funções. Para Chalmers, isso não quer dizer que a consciência subjetiva não esteja intimamente ligada aos processos físicos do cérebro, mas que nenhum processo físico poderá explicar o ‘qualia’ ou experiência subjetiva, porque, diferentemente de outros fenômenos da natureza, ele não poderia ser reduzido⁵. Isso constituiria, assim, o mistério central da consciência (Chalmers, 2003)⁶.

Resumindo, o potencial da neurociência para desvendar a mente humana permanece como um tema envolto em debates e polêmicas. Levando-se em conta essa discussão, parece não haver argumento que garanta uma promessa nesse sentido, o que por

⁵ Chalmers menciona diversos mecanismos físicos propostos para resolver a questão, como injeção de caos, dinâmica não linear, processamento não-algorítmico e mecânica quântica, mas todos teriam falhado (Chalmers, 1995)

⁶ Para uma defesa do dualismo, além do próprio Chalmers (1995), ver proposta do neurofisiologista John Eccles (1984). Alguns filósofos defendem também que a mente não tem origem no cérebro, mas seria uma entidade externa a ele. Ver Fleck (2010) e Noë (2009).

sua vez justificaria a defesa de que múltiplas abordagens, das ciências naturais e humanas, possam contribuir para diferentes aspectos da questão. Essa posição, por sua vez, não coloca nenhum tipo de empecilho para o avanço dos projetos da neurociência, apenas ressalta que a natureza íntima da mente e do corpo ainda não é (e talvez não seja de fato) explicável através de testes experimentais de hipóteses. Permanece válida, assim, a posição de John Locke e David Hume, dois dos grandes filósofos do período modernos, que, a partir de um referencial epistemológico empirista - ou seja, que privilegia a experiência como fonte e fundamento do conhecimento - adotaram uma posição cética com relação a explicações sobre a natureza, ou essência, do corpo e da mente, para que com isso a ciência e a filosofia pudessem concentrar-se no estudo dos fenômenos físicos e mentais e suas relações (Chibeni, 2007, 2011 e 2014).

Apesar dessa indefinição científica, a adoção de uma posição monista e materialista, ainda que implícita, pode ser vista como uma ferramenta filosófica que permitiu à neurociência adentrar espaços antes reservados às humanidades. Surge assim os prefixo *neuro* para designar “uma nova estrutura teórica para investigar fenômenos antes compreendidos em termos sociais, psicológicos, filosóficos ou até espirituais” (Rose e Abi-Rached, 2013, p. 6). Alguns exemplos dessas novas áreas que surgem por essa fusão são: *neuro-judiciário*, *neuro-economia*, *neuro-marketing*, *neuro-estética*, *neuro-ergonomia*, *neuro-filosofia*, *neuro-teologia*, *neuro-psicanálise*, *neuro-educação* e *neurociência social*.

Essa expansão da neurociência, por sua vez, causou uma reação por parte de pesquisadores da área de humanidades, que enxergam essa influência não tanto como uma colaboração, mas como uma extrapolação inapropriada da biologia para os assuntos humanos. Para o sociólogo italiano Maurizio Meloni, “a atual explosão de referências neurocientíficas em uma pletora de disciplinas representa uma das características mais reveladoras dessa nossa época” (Meloni, 2011, p. 298). A neurociência seria usada agora em áreas que anteriormente rejeitavam “a sedução do discurso biológico e neurocientífico” (p. 299). Para ele, essa atração seria sintomática de certa frustração intelectual com a filosofia e o pós-modernismo e, conseqüentemente, a neurociência passaria a ser vista como a maior candidata a servir de base intelectual da nova filosofia e teoria social. Como evidência, Meloni oferece um panorama das várias colaborações que acontecem entre essas áreas, nos dois sentidos. Argumenta, porém, que há uma tendência de marginalizar aquelas que optam por não aderir a esse novo vocabulário e esquema conceitual.

Dessa forma, o discurso neurocientífico teria se tornado de tal forma hegemônico que criticá-lo passaria a ser visto como uma posição retrógrada. Meloni cita a crítica de Paul Ricoeur, num diálogo com o neurocientista Pierre Changeaux, de que a ciência do cérebro

estaria pressupondo “uma construção do mental” que procede “desmantelando a experiência humana” e “empobrecendo nosso conhecimento da psique”. (Ricoeur in Changeaux e Ricoeur, 2000, p. 74 e 79). O filósofo Bento Prado Jr. (2004) apresenta esse movimento como retrógrado e reducionista, e não inovador, porque apenas apresentaria uma velha proposta com novas roupagens:

Tal literatura [neurocientífica] nos devolve à atmosfera do naturalismo de meados do século XIX, que exigiu vários “retornos a Kant”, bem como esforços simultâneos de Bergson, de Husserl e de toda a linha da filosofia analítica. O paradoxo seria o seguinte: [...] tudo se passa como se boa parte dos pensadores contemporâneos ignorasse todas as grandes obras do século XX. Hoje, muitos não se escandalizariam, apenas “modernizariam” a frase de Büchner, há 150 anos, segundo a qual o cérebro seria uma espécie de “glândula”, e o pensamento, sua secreção (Prado Jr., 2004, disponível na internet).

Uma das preocupações centrais nessa crítica humanista está no achatamento da dimensão subjetiva que seria operada por esse discurso neurocientífico. Isso aparece de forma explícita no eliminativismo materialista, ao apresentar a subjetividade de forma negativa, como uma “concepção primitiva e altamente confusa de nossas atividades internas” (Churchland, 1994, p. 45). A teoria da identidade, que poderia parecer mais razoável no primeiro momento, ao tentar fazer uma ponte entre o cérebro e a mente, na prática iguala as duas coisas, o que parece ser uma forma de priorizar o estudo do órgão, pelas técnicas das ciências naturais, e evitar a dimensão subjetiva com suas contradições, paradoxos e falta de precisão científica.

Cabe, contudo, perguntar: haveria um sentido nesse eterno retorno [do materialismo]? Num primeiro momento, podemos entendê-lo apenas como uma ingenuidade teórico-conceitual, oriunda do desprezo ou desconhecimento em relação à própria história da ciência e da filosofia. Mas nossa tese é a de que ele revela uma significação mais profunda, que diz respeito a uma falta de atenção para os limites epistêmicos do ser humano. Ou seja, o que todos os materialistas estão tentando, pelo menos desde o século XVIII, é eliminar a autonomia da dimensão subjetiva da experiência humana, reduzindo-a ou reformulando-a em termos da dimensão objetiva das ciências naturais (Araujo 2013, p. 117).

Assim como as relações mente-cérebro, não há perspectiva de que essa redefinição de fronteiras se resolva tão cedo. De qualquer forma, focamos aqui essas discussões por revelarem aspectos fundamentais do problema, embora muitas vezes ganhem pouca visibilidade. Ainda que polêmicas possam ser marcadas por posições extremadas, a existência dessas disputas é relevante porque mostra que questões científicas ou filosóficas não estão tão ultrapassadas quanto aparentam.

1.3. O sujeito oculto da medicalização

A forma como o ser humano é definido não é uma discussão meramente teórica, mas um conceito em permanente transformação que interfere nas relações sociais e políticas (Wolff, 2007). Um dos exemplos de como isso pode afetar as pessoas de modo mais direto envolve o debate sobre a medicalização da sociedade. Embora o termo ‘medicalização’ se refira aos possíveis excessos da medicina em geral, a psiquiatria representa um nicho particularmente fértil para esse avanço da medicina em detrimento de outras abordagens. Isso se explica pela etiologia complexa dos transtornos mentais, que envolvem fatores biológicos, psicológicos e ambientais, mas cujas causas específicas são desconhecidas. Por não possuírem marcadores biológicos definidos (como os patógenos, no caso das infecções), os remédios atuam apenas sobre os sintomas, e não as causas dos transtornos. Isso faz com que os transtornos mentais sejam, muitas vezes, de difícil definição, uma característica que tem sido explorada ao longo das últimas três edições do DSM no sentido de ampliar os diagnósticos, com o objetivo de propiciar melhor tratamento a população ou aumentar o número de consumidores da indústria farmacêutica, dependendo do autor (Aguiar 2004).

O problema fundamental seria a crescente influência da abordagem médica baseada no reducionismo biológico para tratar problemas que também dizem respeito ao âmbito social ou subjetivo. No entanto, as críticas à medicalização se desdobram em diversas frentes: a alegada piora no atendimento psiquiátrico, no qual o médico teria perdido interesse pela história pessoal e aspectos subjetivos; o excesso de diagnósticos estimulado pelo *Manual de diagnóstico e estatística dos transtornos mentais* (DSM); a eficácia limitada de certos medicamentos, como os antidepressivos; o problema da prescrição de psicofármacos por clínicos que não têm formação em psiquiatria; a transformação de uma especialidade médica em uma indústria altamente lucrativa amparada por um aparato midiático de propaganda capaz de manipular o público de acordo com interesses comerciais (Rose, 2007); e a medicalização excessiva da infância e da pedagogia (Rose, 2007; Guarido, 2008). Nesse

último tópico, aliás, há denúncias de que o TDAH seja um transtorno mental inventado pela indústria farmacêutica (Moysés e Collares, 2009), repercutindo em uma das maiores polêmicas dessa área na mídia.

A abordagem biológica se tornou hegemônica nos Estados Unidos graças às pesquisas em bioquímica cerebral, que vêm permitindo o estudo de diversos neurotransmissores, e os avanços da psicofarmacologia, com o desenvolvimento de novos medicamentos para diversas perturbações mentais (Aguiar, 2004). Esse movimento, entretanto, representa uma reação à hegemonia anterior da psicanálise na psiquiatria. O primeiro DSM a adotar a psiquiatria biológica foi a terceira edição, publicada em 1980, sendo que os anteriores eram amplamente baseados na psicanálise. Como nota Aguiar:

Alguns autores caracterizam essa tendência como um movimento de remedicalização da psiquiatria, em oposição às fortes perspectivas de afastamento da psiquiatria do modelo médico que predominou no cenário psiquiátrico norte-americano e de outros países nas décadas de 1950, 1960 e 1970. A chamada psiquiatria biológica emerge na década de 1970 como um movimento de reação à desmedicalização do campo psiquiátrico nos Estados Unidos, e passa a dominar a psiquiatria americana e mundial a partir de 1980. (Aguiar, cap. 2, p. 2, 2004)

Ao mesmo tempo, Rose assinala que a transição recente do universo ‘psi’ para o universo ‘neuro’ foi marcada pela transição entre a técnica de ‘ouvir’ da psicanálise por uma nova medicina da ‘visão’, marcada pelas novas técnicas de neuroimagem. A situação começou a mudar na década de 1960, com a invenção de tecnologias como a tomografia computadorizada, a imagem por ressonância magnética (MRI) e a imagem por ressonância magnética funcional (fMRI).

A maioria dos relatos do uso dessas tecnologias são escritos como se agora fosse possível visualizar o interior do cérebro e observar sua atividade em tempo real enquanto ele pensa, percebe, se emociona ou deseja – nós podemos ver a “mente” nas atividades do cérebro vivo. [...] Claro, essa realidade é muito mais complicada do que sua representação popular: imagens do cérebro produzem dados que são mapeados pixel por pixel para formar uma representação padronizada do espaço cerebral para produzir essas simulações do “cérebro real” (Beaulieu; 2000, Dumit, 1997, 2003) De qualquer forma, o significado

dessa aparente semelhança desse modo de visualizar a mente não é apenas retórico, ou clínico. Ele é epistemológico. O cérebro vivo e visualizado agora parecia ser apenas mais um órgão do corpo para ser aberto aos olhos do médico (Rose, 2007, p. 196).

A psiquiatria biológica reconhece a abordagem psicológica apenas quando diz respeito ao comportamento e à cognição. Embora isso seja muitas vezes apresentado como abordagem “interdisciplinar”, nesses casos há uma notável afinidade de abordagem, como veremos nos textos da revista *Mente e Cérebro*. Já a psicanálise, que trata de aspectos inconscientes, é desqualificada como não sendo uma prática científica, como veremos na próxima seção, o que empobrece a compreensão do sofrimento humano. Por outro lado, algumas das críticas à medicalização podem ser também igualmente extremadas, recusando por exemplo os possíveis benefícios do remédio ou não reconhecendo a relevância dos fatores biológicos. De modo geral, porém, o que a crítica da medicalização parece buscar é que o indivíduo seja considerado de forma integral e humana, através da combinação e valorização de diferentes abordagens, e não apenas como ser biológico, através da medicina. No campo da clínica, uma das propostas é um atendimento que evite focar apenas os psicotrópicos, levando em consideração a subjetividade do indivíduo. Embora moderada, essa proposta já representaria uma grande mudança de foco em um discurso médico que atualmente se encontra fortemente vinculado ao reducionismo biológico medicamentoso (Aguiar, 2004).

Não se trata de fazer ressuscitar uma antipsiquiatria. O conhecimento do funcionamento do cérebro promete ajudar a tratar diversas patologias e os psicotrópicos já trouxeram grandes avanços no tratamento das pessoas que sofrem de transtornos mentais, isso é indiscutível. No entanto, é preciso que o clínico se deixe atravessar por outros saberes sobre a subjetividade humana para que possa captar a potência de intervenção dos psicotrópicos e os conhecimentos da biologia, sem cair na medicalização e no aprisionamento pelo diagnóstico, mas sim criando novas possibilidades de vida para os sujeitos que o procuram. (Aguiar, cap. 8 p. 5, 2004).

Embora esta dissertação se insira apenas parcialmente no debate sobre a medicalização, nos interessa aqui ressaltar o aspecto histórico das relações interdisciplinares entre neurociência e psicanálise, com as abordagens ganhando ou perdendo espaço ao longo do tempo. Isso nos permite dizer que embora a abordagem reducionista da mente seja predominante hoje, esse crescimento também tem um aspecto circunstancial. É provável que

se observe uma tendência, talvez intrínseca na ciência, de que o objeto de pesquisa se revele cada vez mais complexo e acabe frustrando as expectativas iniciais mais exaltadas, como aconteceu no caso do genoma. A psicanálise, por sua vez, busca agora reconquistar um espaço que perdeu, provavelmente sem a pretensão de retomar a antiga hegemonia, mas tentando contribuir com uma perspectiva diferente, dentro do novo contexto do desenvolvimento da psiquiatria biológica e da neurociência, de modo semelhante ao que propomos para o jornalismo científico.

1.4. Desqualificação e validação neurocientífica da psicanálise

Uma das manifestações do achatamento do espaço da subjetividade é a tentativa de desqualificar a psicanálise sob a alegação de que ela não teria legitimidade científica (Holowchak, 2014), ou a afirmação de que a disciplina deve receber o selo de aprovação (ou reprovação) das ciências naturais (Kandel, 2006). Por outro lado, como se sabe, a proposta inicial de Freud em *Projeto para uma psicologia científica* era explicitamente inspirada na neurologia (Freud, 2006). A psicanálise foi por ele classificada como *metapsicologia* porque teria proposto, talvez pioneiramente, uma elaboração de conceitos capazes de explicar no plano teórico os fenômenos observados, metodologia elaborada por Freud inspirado pelas ciências naturais. O exemplo principal disso é o próprio conceito do inconsciente, que praticamente define a disciplina. Por causa disso, alguns autores argumentam que embora a clínica por si só não possa ser considerada uma prática científica, poderia ser vista como a etapa empírica, ou de coleta de dados, que será usada posteriormente nessa teorização. O psicanalista Renato Mezan, do Instituto Sedes Sapientiae, expõe da seguinte maneira a visão freudiana da cientificidade:

Antes de mais nada, observação cuidadosa, em condições favoráveis, daquilo que deveria ser explicado. Em segundo lugar, descoberta e verificação de leis universais que, em diferentes níveis, governam os fenômenos descritos pela observação mencionada. Em terceiro lugar, possibilidade de comprovação dos resultados por observadores independentes, possibilidade de correção dos conceitos e hipóteses formuladas anteriormente, possibilidade de ampliar o território das observações mediante o uso de instrumentos mais aperfeiçoados, por sua vez construídos levando-se em conta a natureza do campo de investigação. Estes eram, e continuam sendo, os critérios de

‘cientificidade’, respaldados pela decisão metodológica e epistemológica de não invocar causas sobrenaturais para os fenômenos, alvos da pesquisa (Mezan, 1995, p. 269-270).

A crítica cientificista da psicanálise parte do pressuposto metonímico de que as ciências naturais representam a ciência como um todo, uma percepção que tem origem, possivelmente, no fato de que as ciências naturais fundaram historicamente a ciência moderna. Mas voltando um pouco no tempo, porém, podemos afirmar também que foram filósofos, como o próprio Descartes e Francis Bacon, que fundaram as ciências naturais. Nesse contexto histórico, valeria a pena voltar à discussão filosófica para verificar quais são as visões sobre o estatuto científico das ciências humanas nesse plano. David Hume, por exemplo, cujos argumentos tinham origem na epistemologia e na moral, propunha que essas duas áreas fossem tratadas de forma análoga às ciências naturais. “Propôs, assim, que a filosofia fosse entendida como uma ‘ciência da natureza humana’. Nessa ‘ciência do homem’ ficavam excluídas quaisquer supostas fontes de conhecimento por revelação, bem como quaisquer concepções metafísicas *a priori* sobre sua essência” (Chibeni, 2014, p. 7). Como Locke, não pretende estudar a natureza íntima da alma, mas suas manifestações empíricas. “Caberia ao cientista da natureza humana restringir-se, ou pelo menos priorizar epistemologicamente a delimitação das diversas partes e poderes da mente” (p. 7).

Cabe fazer aqui um paralelo entre a desqualificação da psicanálise e o suposto desmantelamento de Descartes efetuado por Damásio, em nome da defesa das ciências naturais “contra” uma tradição “opressora” por relegar a importância do corpo biológico. Como essa é uma proposição altamente controversa, conforme exposto acima, cabe refletir aqui se ela não tem a mesma motivação de promessas sem embasamento empírico e derivadas de equívocos filosóficos, ou seja, a autopromoção. Da mesma forma, o olhar revisionista pelo ataque de grandes autores poderia ser motivado por uma necessidade de autoafirmação de uma nova área. O ataque à psicanálise parece seguir a mesma lógica, mas talvez constitua o alvo preferencial pela proximidade temporal e temática, uma vez que Freud criou a psicanálise quando a neurociência engatinhava e desenvolveu um trabalho que foi considerado um marco na compreensão da mente. Não é raro encontrar breves citações com críticas negativas, que pouco acrescentam ao argumento, mas se parecem com uma espécie de demarcação de terreno⁷. Ao mesmo tempo, essa atitude talvez reflita preconceitos comuns

⁷ Exemplos disso aparecem em *Incógnito, as vidas secretas do cérebro* (Eagleman, 2011) e no clássico *Como a mente funciona* (Pinker, 1999).

contra certos aspectos mais primitivos e inconscientes da vida mental, que são abordados pela psicanálise..

No entanto, embora as várias polêmicas apresentadas nesta introdução sejam marcadas, às vezes, por posições extremas, o monismo materialista em sua forma mais disseminada, a teoria da identidade, não implica, *a priori*, uma rejeição da subjetividade. Retomamos aqui a continuação do trecho do próprio Damásio, citado acima, em que ele segue citando Freud, mas, ao contrário de muitos neurocientistas, faz uma espécie de ‘elogio’, dizendo que ele não era dualista, e também uma crítica, bem mais branda, assinalando que ele não levava em consideração a dimensão corpórea. Nenhum dos comentários, como veremos adiante, é totalmente verdadeiro, mas o interessante aqui é que Damásio propõe um paralelo com o conceito de superego freudiano que visaria acomodar os instintos dentro das normas sociais:

Uma tarefa que se coloca aos neurocientistas hoje é se debruçar sobre a neurobiologia que serve de base adaptativa para as supra-regulações, termo pelo qual eu me refiro ao estudo e compreensão das estruturas cerebrais que são necessárias para compreender essas regulações. Eu não estou tentando reduzir os fenômenos sociais aos fenômenos biológicos, mas sim discutir as poderosas conexões entre eles. Deveria estar claro que embora cultura e civilização surjam do comportamento de indivíduos biológicos, o comportamento foi gerado em coletivos de indivíduos interagindo em um ambiente específico. A cultura e a civilização não poderiam ter surgido de um único indivíduo, e muito menos poderiam ser reduzidas a um subgrupo de especificações genéticas (Damásio, 1994, p. 124).

Posteriormente, em resposta a artigo do neurocientista estoniano/americano Jaak Panksepp, da Washington State University, com o título “Emoções vistas pela psicanálise e neurociência: um exercício de conciliação”, publicado na revista *Neuropsychoanalysis* (Damásio, 1999) - o autor afirma que “Devo começar esse breve comentário confessando que li Freud no ensino médio, 30 anos atrás, e que apesar do grande deleite e admiração que ele causou em mim, voltei apenas para checar citações, mais uma vez com grande deleite, em ‘O mal-estar na civilização’”(p. 38). Entretanto, deixando de lado a questão da assumida falta de conhecimento do neurocientista sobre psicanálise, bem como o esforço diplomático que faz ao mencionar as ciências humanas, o ponto mais interessante aqui talvez seja a forma como ele se posiciona tão enfaticamente contra o dualismo, mas, paradoxalmente, apresenta a

relação entre ciências humanas e biológicas ele mesmo de forma “dualista”. Em outras palavras, Damásio pretende refutar o dualismo cérebro e mente, mas aplica um tipo de dualismo semelhante ao apartar o indivíduo - para ele um ser cuja natureza é, de forma auto-evidente, biológica – da esfera social construída coletivamente.

Essas posições de Damásio não impedem, entretanto, que ele próprio participe de um debate interdisciplinar, mantendo um diálogo colaborativo na linha de pesquisa conhecida como neuropsicanálise. Como assinalamos acima, outra possibilidade de diálogo bem mais conciliatória e menos contenciosa entre neurociência e psicanálise é a tentativa de fazer uma ponte, com via de mão dupla, entre as disciplinas. O neurologista e psicanalista sul-africano Mark Solms, o principal responsável por essa tentativa de fertilização mútua, publica um artigo na revista *Scientific American* cuja tradução, “Freud está de volta”, aparece logo depois no site de *Mente e Cérebro*, junto com a primeira edição da revista (Solms, 2004). Para Solms, embora Freud não tenha apresentado evidências sólidas para suas teorias, que até os anos 1980 eram consideradas ultrapassadas por setores importantes da comunidade científica, a neuropsiquiatria também não era um modelo de perfeição teórica já que a farmacologia “não ofereceu uma teoria global alternativa de personalidade, emoção e motivação. [...] Sem esse modelo, a neurociência focou seu trabalho de maneira restrita deixando de lado o quadro geral” (Solms, 2004, p. 84).

As recentes pesquisas sobre o cérebro estariam, porém, confirmando diversos aspectos da teoria psicanalítica. Solms cita vários exemplos de descobertas feitas por pesquisadores que trabalham estritamente dentro da metodologia da neurociência, mas que usam a psicanálise como inspiração para interpretar dados que confirmariam aspectos da teoria psicanalítica, como a existência de um inconsciente, a amnésia infantil, o fenômeno da repressão (mecanismo de defesa em que ideias consideradas imorais, geralmente de natureza sexual, são “empurradas” pelas instâncias psíquicas que representam a moralidade para o inconsciente, de modo a ficar fora do alcance da consciência) e o princípio do prazer (princípio que governa o inconsciente marcado por domínio do desejo e falta de lógica). Afirmam ainda que os instintos primitivos que governam a motivação humana (que Freud chamou de *id*) são ainda mais primitivos do que ele imaginava e identificaram um dos sistemas cerebrais (o sistema límbico de recompensa, envolvido no desejo e na adição) como o equivalente cerebral da *libido*. Solms menciona inclusive neurocientistas renomados que colaboram nesse projeto, como o próprio António Damásio, Jaak Panksepp e Eric Kandel, que será mencionado adiante, entre outros (Solms, 2014).

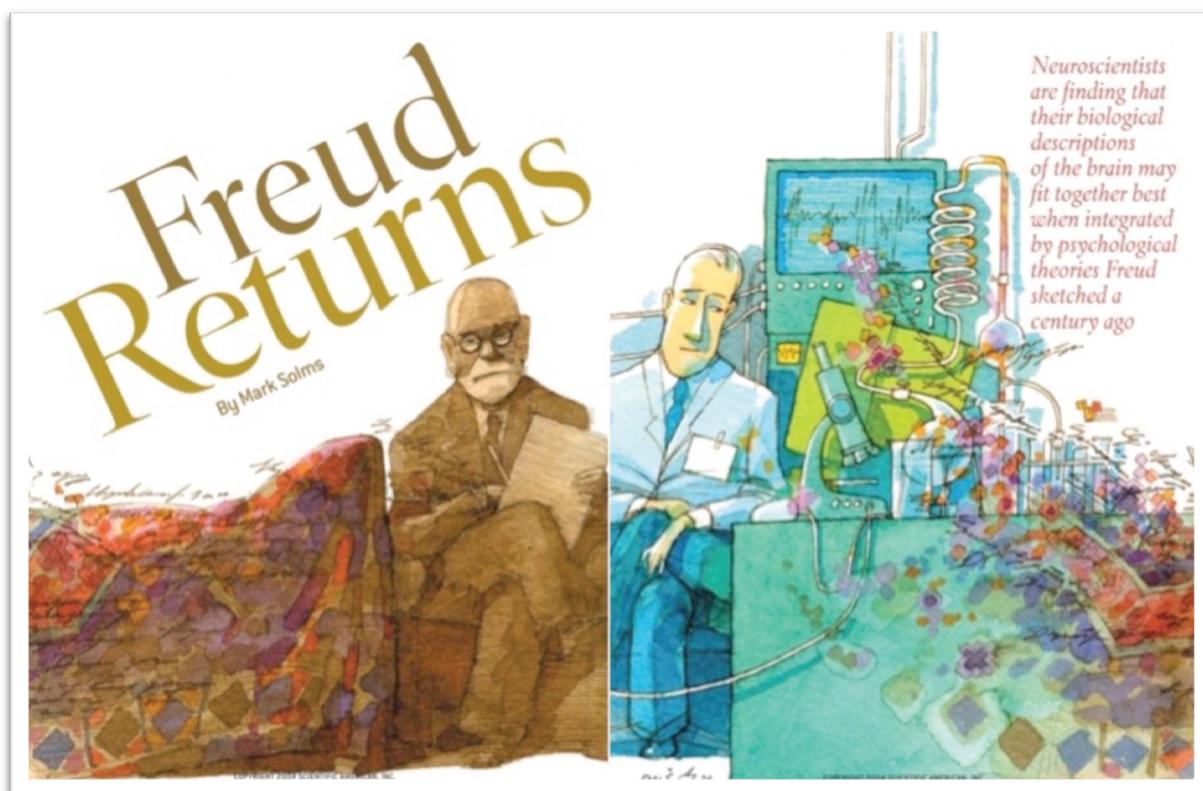


Figura 1: Resgate neurocientífico. Fonte: *Scientific American* (Solms, 2004).

Solms lembra que Freud era um entusiasta da psicofarmacologia, e afirma ainda que a neurociência de hoje comprovaria que a psicanálise afeta o cérebro de modo semelhante ao das drogas. Para o autor, a resistência à psicanálise por parte de neurocientistas antigos deriva do “espectro de uma teoria aparentemente indestrutível” (p. 88), mas ressalta que não se trata de provar se Freud estava certo ou errado, mas de “terminar o serviço” que ele começou, fornecendo um quadro teórico geral da mente sobre o qual os detalhes do funcionamento do cérebro seriam preenchidos pela neurociência.

Se conseguirmos terminar esse serviço [...], será coisa do passado o tempo em que as pessoas com dificuldades emocionais precisam escolher entre a terapia da fala psicanalítica, que pode estar fora de sintonia com a moderna medicina baseada em evidências, e as drogas prescritas pela psicofarmacologia, que não levam em consideração a relação entre a química do cérebro que ela manipula e as complexas trajetórias da vida real que culminam em sofrimento emocional (Solms, 2004, p. 88).

No Brasil, a reavaliação freudiana ganhou projeção pelo neurocientista Sidarta Tollental Gomes Ribeiro, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, assíduo divulgador científico e responsável pela coluna “Limiar” na *Mente e Cérebro*. Ribeiro afirma que alguns aspectos da teoria de Freud teriam sido confirmados: por exemplo, que os sonhos frequentemente contêm os chamados ‘restos do dia’, ou elementos da experiência do dia anterior incorporados ao sonho. Pesquisas com ratos indicariam que o cérebro facilita o aprendizado consolidando durante o sonho as memórias, através da repetição de padrões de atividade neuronal semelhantes aos de vigília, principalmente quando a vigília inclui situação de desafio (Ribeiro, 2003). Atualmente, Ribeiro e colaboradores trabalham para elucidar os mecanismos envolvidos nesse processo, relacionados com o reforço seletivo de certos circuitos cerebrais (Calais *et al*, 2014)⁸. Sua defesa não se limita, porém, ao aspecto científico, e, em artigo no jornal *O Estado de São Paulo*, menciona também a importância da clínica no desenvolvimento pessoal.

Se a dor é inerente à condição humana, a psicanálise propõe fazer da própria vida uma obra de arte. É chegada a hora do reencontro da ciência com Freud, a partir da dissolução dos preconceitos em ambos os lados. Temem os psicanalistas, com certa razão, a invasão ignorante de seus domínios, o chauvinismo reducionista, a tirania da eficácia objetiva, a falta de introspecção arrogante da ciência. Temem também perder a redoma confortável que o isolamento ideológico provê. Falta diálogo aberto no próprio seio da tradição freudiana, cindida em guetos historicamente imiscíveis. O avanço da teoria legada por Freud requer espaço para novas sínteses, com as quais o empirismo biológico tem muito a contribuir. Por outro lado, é urgente reavaliar a importância da psicanálise para a neurociência. Freud não é mera curiosidade histórica. Ao contrário, legou um extenso programa de investigação pleno de hipóteses testáveis, um verdadeiro projeto para uma psicologia científica⁹.

⁸ Para um texto de divulgação sobre essa pesquisa, ver “Os relevos da memória: novas conexões entre as células cerebrais se formam durante o sono REM, a fase dos sonhos”, de Ricardo Zorzetto, na revista *Pesquisa Fapesp* (ed. 230, abr. 2015) Disponível em <http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/04/10/os-relevos-da-memoria/> (acesso jul. 2015)

⁹ Ed. 1 dez. 2007, disponível em <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,um-seculo-depois-a-vez-do-neurofreud,89000> (acesso em jul. 2015).

A possibilidade de fazer uma ponte entre neurociência e psicanálise, entretanto, não seria uma proposta nova, mas algo que remonta à própria concepção da psicanálise, na qual as ciências naturais serviram como inspiração. As referências neurológicas seriam um aspecto importante da obra de Freud, mesmo após o inicial *Projeto para uma psicologia científica*, e já na fase de elaboração dos conceitos metapsicológicos fundamentais, como id e ego (Simanke e Caropreso, 2011).

A metapsicologia permanece, portanto, sempre na condição de um “como se”, como Freud se exprime em 1898, mas não porque ele tivesse desistido da ideia de configurar a psicologia como uma ciência natural e continuasse apenas a empregar metaforicamente – sabe-se lá por que – uma linguagem naturalista. Ao contrário, esse “como se” se justificava pelo fato de que, aos olhos de Freud, os processos mentais só poderiam ser, em última instância, processos físicos cerebrais, e qualquer psicologia permaneceria incompleta e provisória valendo-se de uma linguagem parcialmente figurada enquanto não incluísse sua descrição e sua caracterização funcional nesses termos. (Simanke e Caropreso, 2011 p. 71).

Embora a associação entre as duas áreas possa ter vantagens, também é verdade que ela frequentemente coloca a psicanálise na posição de disciplina que precisa ser validada pela neurociência. Isso fica claro, por exemplo na posição de Eric Kandel no livro *Em busca da memória* (Kandel, 2006), em que faz alguns elogios iniciais à psicanálise, afirmando que a área despertou fascínio sobre os jovens na década de 1950. Segundo diz, “A psicanálise havia desenvolvido uma teoria da mente que me permitiu pela primeira vez apreciar a complexidade do comportamento humano e das motivações nas quais ele se baseia” (Kandel, 2006, p. 39). No entanto, posteriormente, argumenta que a psicanálise deveria adotar a metodologia científica para obter melhores resultados e maior reconhecimento, o que implicitamente reafirma a ideia de que o plano subjetivo é “pouco confiável” e que apenas a metodologia das ciências naturais é realmente científica. Não vamos aprofundar aqui a complexa discussão sobre a validade científica da psicanálise, partindo do pressuposto de que a validade da disciplina é conferida por seu grande impacto cultural, social e científico e pela consolidação

de sua prática clínica em diversos países¹⁰. Entretanto, como veremos na análise do material da revista, esse viés de validação aparece com frequência no diálogo entre essas áreas.

Para concluir, é importante assinalar aqui algo que será mencionado no capítulo 2, em que apresentaremos a revista *Mente e Cérebro*, que é a importância da proposta integrativa de Solms na própria concepção do projeto editorial, conforme comentado pela editora Ana Claudia Ferrari (ver Anexo 7.1). Poderíamos dizer que a proposta ousada de Solms inspirou a ousadia da proposta da revista, porém no campo do jornalismo. Ao mesmo tempo, assim como caberia à psicanálise não só a mera complementação de perspectivas, mas uma integração dessas abordagens em uma formação teórica coesa (Solms 2004), na nossa interpretação cabe à psicanálise a expectativa de levar adiante essa mesma operação no campo discursivo, dentro do jornalismo, uma discussão que será retomada na conclusão.

1.5. Neurociência e psicanálise na mídia

Antes de começar a análise da revista *Mente e Cérebro*, faremos uma apresentação geral da cobertura de neurociência e psicanálise na mídia geral, sem pretensão à completude, claro, com base em revistas publicadas durante o período de pesquisa da presente pesquisa (2013-2014). Não pretendemos fazer uma crítica aos veículos em si ou ao rigor científico da cobertura, mas sim uma análise de como os textos se inserem no contexto mais amplo das discussões apresentadas nesta introdução, buscando ilustrar algumas das características e principais temáticas desse tipo de jornalismo.

No campo discursivo da divulgação científica, o sucesso da neurociência deve ser

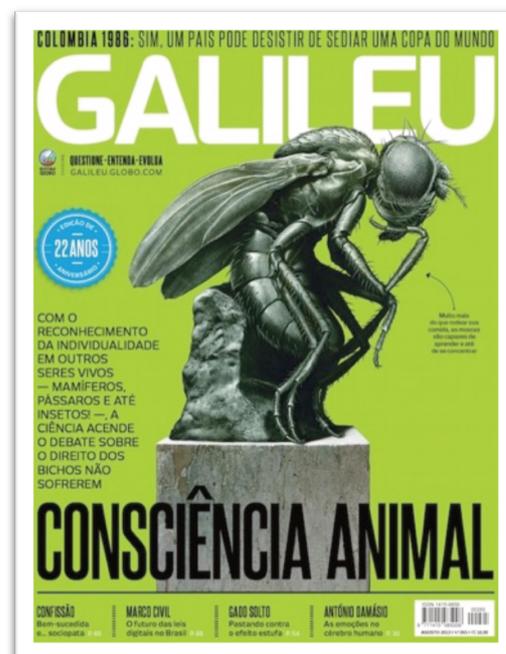


Figura 2: Novos modelos

¹⁰ Diversos livros abordam esse impacto em diferentes países. No caso dos Estados Unidos, país em que Freud proferiu as *Conferências introdutórias* (1966), Hale (1995) denomina o período após a segunda guerra mundial de “a era de ouro da psicanálise” (*apud* Taubman, 2011, p. 95).

entendido em seu contexto histórico mais amplo, como parte de um movimento que se distancia de um discurso anterior que, supostamente, não contemplaria adequadamente a dimensão corporal do ser humano. Na esfera da saúde, onde antes predominava um discurso baseado no medo da doença e no sofrimento, agora a ênfase recai sobre o corpo, em variadas formas: prática de exercícios, dieta, cuidados alimentares e consumo de vitaminas; transformações corporais, *piercing* e tatuagem como forma de expressão; operação para mudança de sexo; intervenção no funcionamento do cérebro, através dos psicofármacos, ou do corpo em geral, como nos transplantes e tratamento do câncer. Em todos esses casos, o indivíduo está munido de novas ferramentas para contornar antigas restrições da biologia (Rose, 2007).

Nesse contexto, a sociedade passaria a ser pautada por uma “ética somática” (Rose, 2007, p. 26), em que as pessoas estariam cada vez mais se apoiando no corpo - visto agora como passível de transformações e portanto um fator menos limitante - para expressar sua individualidade. Configura-se, assim, uma nova maneira de pensar, em que as explicações sobre a mente e o comportamento remetem ao cérebro. O diagnóstico psiquiátrico, por exemplo, passa a ser considerado mais preciso quando se refere a anomalias em elementos como neurônios, sinapses, membranas, receptores, canais de íons, neurotransmissores,

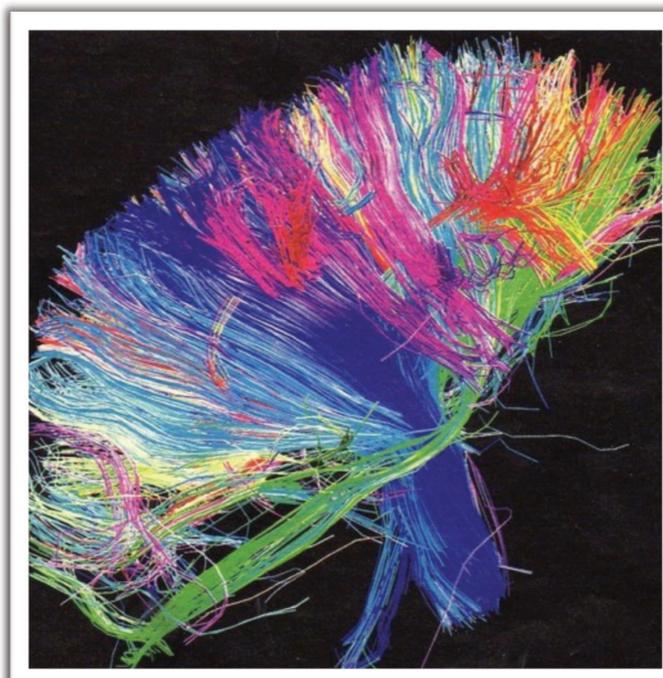


Figura 3: Representação do conectoma. Fonte: revista *Veja*

enzimas, etc. O ambiente e as experiências só são relevantes quando é demonstrado que afetam o cérebro (Rose, 2007). Esse novo indivíduo é definido agora como mais um entre os animais (Wolff 2012), retomando outra antiga discussão filosófica em que autores como Locke e Hume defendiam que os animais eram dotados de mente, isto é, eram seres pensantes (Chibeni, 2014), enquanto Descartes e a Igreja Católica achavam que não. Sintomaticamente, aumentam o interesse pelos estudos do comportamento dos animais e a

comparação entre eles e os seres humanos, como bem ilustra a chamada de capa “Consciência animal” da revista *Galileu*¹¹.

Os ventos da neurociência trazem também novos vocábulos para a linguagem do dia a dia. Cada vez mais as pessoas usam espontaneamente o vocabulário cerebral para se expressar, substituindo ‘mente’ por ‘cérebro’ ou indicando estados cerebrais como a origem dos estados mentais (Rodriguez, 2006). Essas metáforas cerebrais fornecem uma série de conceitos reducionistas que competem com os conceitos da psicologia convencional para explicar a mente, talvez por oferecer uma dimensão física palpável para conceituar fenômenos mentais abstratos. Esse poder de atração foi demonstrado em experimentos nos quais leigos avaliam textos com explicações sobre fenômenos psicológicos como mais esclarecedores quando incluem informações neurocientíficas, mesmo que essas informações sejam irrelevantes para a explicação (Weisberg *et al*, 2008). No livro *Cultura do cérebro: neurociência e mídia popular*, Davi Thornton (2011) denomina esse conjunto de ideias e vocabulário de ‘retórica do cérebro’ e faz uma análise das características principais desse tipo de discurso. Uma delas é a substituição do sujeito pelo cérebro:

Creio que essa seja uma metáfora peculiar – que remete à ideia de que o cérebro é tudo. Vejo essa mensagem o tempo todo nos discursos que analiso: “Você é seu cérebro”. É o sonho supremo – através da ciência podemos saber por completo tudo que há para saber sobre a natureza humana, e daí controlá-la completamente. [Esse discurso] não é só sobre ciência ou medicina, mas em última instância sobre essa fascinação em revelar os verdadeiros segredos da existência humana (Thornton, 2011).

Um exemplo disso é a matéria de capa da revista *Veja* intitulada “Cérebro: as imagens que revelam a origem biológica do pensamento e das emoções – e vão revolucionar o tratamento das doenças mentais”¹². A chamada, dessa maneira, faz uma ligação direta entre o resultado de uma pesquisa científica e o desejo do leitor de entender de onde vêm o pensamento e as emoções.

Assombrar-se sob a imensidão do céu noturno, sentir o cheiro de grama e recordar-se de um momento da infância, distinguir em um rosto o sorriso amigo ou a máscara da indiferença, chorar ao assistir a

¹¹ Editora Globo, ed. 265, ago. 2013.

¹² Por Tatiana Gianini (editora Abril, ed. 2311, ano 46, no 10, 6 mar. 2013, p. 80-86).

um filme. Essas sensações e outras mais complexas, como o amor materno e a fé, são fruto das interações eletroquímicas dentro de uma massa de proteína e gordura de 1,4 quilo, o cérebro. Nunca os cientistas estiveram tão perto de explicar seu funcionamento. Com instrumentos mais precisos, como os que produziram a imagem ao lado [acima], as pesquisas avançam em ritmo tal que nossa geração será a primeira a cruzar a fronteira final da experiência intelectual humana e decifrar o enigma da origem das emoções, do pensamento abstrato e da consciência (Gianini, 2013, p.81).

O texto relata a descoberta do chamado ‘conectoma’, uma rede de circuitos do cérebro que viria a explicar a origem dos pensamentos e das emoções. Grande parte do apelo da matéria, porém, está nas imagens, que além de serem instigantes do ponto de vista estético, têm o poder aparente de dar forma para aquilo que se desconhece - a natureza do pensamento - sendo usadas como uma prova autoevidente de sua origem biológica. Na imagem, cada um dos milhões de fios multicoloridos arrepiados e ligeiramente “despenteados” representaria, com enorme clareza, um caminho possível de transmissão do sinal nervoso que acompanha cada ação, pensamento ou emoção humana. O efeito estético da imagem e sua interpretação no texto desloca o leitor para um plano de abstração no qual pouco importa o significado dos pensamentos do sujeito experimental oculto, evidenciados pela imagem colorida, mas sim a suposta possibilidade iminente, e talvez perturbadoramente invasiva, de finalmente ler o pensamento de outra pessoa.

Mais do que uma representação quase artística do cérebro, a imagem promete revelar aquilo que não se conseguiria observar pelo olhar introspectivo. Para alívio do leitor, a imagem leva o olhar para longe do universo interior fugaz e obscuro do pensamento - por vezes misterioso, paradoxal, torturante, inapreensível, incontrolável, caótico, incontrolavelmente associativo - para um plano externo onde tudo é claro, lógico e explicável -



Figura 4: A mente como fronteira

das sensações mais simples às mais complexas, “como o amor materno e a fé, são fruto de interações eletroquímicas” (p. 81) - e até belo. Os mistérios das relações íntimas e fecundas entre pensamento e matéria aparentemente se esvai, assim, diante de uma fisicalidade capaz de desnudar o pensamento de forma científica.

Outra temática fundamental são as novas possibilidades de intervenção no cérebro, uma tradição que, como vimos acima, começou com a farmacologia e agora se dá também através da interface cérebro-máquina. Além de ser um grande atrativo para a abordagem cerebral, tem a vantagem de não se restringir a promessas vagas de compreensão da mente, produzindo inovações concretas para o tratamento de doenças ou lesões cerebrais. A possibilidade de captar as ondas eletromagnéticas geradas pelo cérebro através de eletrodos e processá-las em computador, permitem a manipulação de aparelhos pelo pensamento, úteis por exemplo para pacientes com problemas de locomoção ou comunicação (Nicoletis, 2011).

O limite entre inovação tecnológica e compreensão da mente, porém, se torna tênue em chamadas de capa como “A conquista da mente: afinal, a leitura da mente: a neurotecnologia que vai permitir que Stephen Hawking continue a se comunicar ajuda a entender o enigma da consciência e abre o caminho para a prevenção e a cura das doenças mentais”¹³, também na revista *Veja*. Extrapolação semelhante é feita pelo neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis, da Universidade Duke, especialista em interface cérebro-máquina, que defende a ideia de que novas tecnologias permitirão carregar a mente para uma plataforma digital, da qual poderia ser baixada no futuro, conferindo assim uma espécie de imortalidade. Afirma ainda que será possível conectar cérebros entre si como computadores, algo que ele chama de *cérebro net*, o que permitiria compartilhar pensamentos diretamente de um cérebro para outro, de modo que, segundo Nicolelis (2011), o indivíduo poderia expandir o seu próprio eu. Conforme assinalado anteriormente, esses exemplos ressaltam as promessas que caracterizam a divulgação da neurociência, feitas constantemente através da história das ciências do cérebro, de que novas tecnologias científicas irão revelar totalmente os mistérios da mente. Em 1913, por exemplo, administrador do Hospital Nacional para Paralisados e Epilépticos em Londres, Burford Rawlins, escreveu que:

A estrutura e funcionamento do cérebro foram revelados, e foi estabelecido o fato estupendo de que para cada um dos hemisférios são alocadas funções distintas e separadas. Esses entusiastas, perseguindo seus objetivos em condições adversas e com paciência

¹³ Por Filipe Vilicic (ed. 2.276, ano 45, no 27, 4 jul. 2012).

infatigável, demonstraram que em cada porção individual desse órgão aparentemente homogêneo foi alocada uma tarefa própria e particular, e como resposta às perscrutações e investigações da ciência cada fibra e filamento de sua complexa estrutura cedeu os segredos da sua existência (Star, 1989, p. xvii).

Ambas as matérias da *Veja* citam aquilo que seria a principal vantagem desses desenvolvimentos, ou seja, a possibilidade de curar doenças mentais: graças às descobertas do conectoma, o psiquiatra não precisaria mais conversar com o paciente para fazer um diagnóstico. “Quando ganharem acesso à gramática do conectoma, os cientistas poderão visualizar a doença mental e tratá-la corrigindo as alterações que ela provoca no cérebro” (Gianini, 2013, p. 84). Embora não fique claro como será definido o “modelo” do cérebro “normal”, a proposta implica um sujeito cada vez menos responsável sobre sua condição, o que de certa forma representaria um alívio, mas também o transforma em objeto passivo da intervenção médica. Dessa maneira, o texto conduz o leitor para uma interpretação específica da imagem cuja sedução talvez recaia sobre o desejo de não precisar fazer esforço para entender a mente, já que a ciência o fará. Frequentemente, porém, o uso da metáfora cerebral inspira uma relação mais paradoxal entre determinismo e responsabilidade sobre si próprio.

[...] as imagens do cérebro têm um objetivo duplo: elas são frequentemente usadas para justificar o determinismo biológico (“seu cérebro é responsável por tudo”) e enfatizam a responsabilidade do indivíduo (“você deve tomar medidas específicas para garantir a saúde do seu cérebro”) (Thornton, 2011, p. 4).

Esse tipo de paradoxo, em que o indivíduo é ao mesmo tempo objeto do seu cérebro (e, portanto, se reduz a ele) e agente (porque pode atuar sobre ele), é especialmente comum num tipo particular de texto que, embora possa ser situado dentro da divulgação científica, às vezes extrapola as descobertas científicas para oferecer sugestões de aplicações práticas da neurociência: trata-se da chamada neurociência popular ou de autoajuda, que busca oferecer novas ferramentas para “gerir” o próprio cérebro. A ideia é aplicar descobertas da neurociência com o objetivo de diminuir o estresse, melhorar a saúde e aprimorar a memória e a aprendizagem, ter sucesso na profissão ou resolver problemas na vida pessoal – uma estratégia que se transformou em obsessão nos Estados Unidos.

De acordo com essa neurociência popular, uma vez que o cérebro é a fonte de literalmente todo pensamento, emoção e comportamento humano, o esforço para melhorar o cérebro vai naturalmente permitir

uma inteligência superior, maior estabilidade emocional, e melhor performance em casa, na academia e no trabalho. [...] Nesse contexto, ter um cérebro saudável não é uma simples questão de evitar ferimentos ou doenças, mas está ligado com o projeto interminável de auto-otimização no qual os indivíduos são responsáveis por trabalhar continuamente em seu cérebro para se transformarem em melhores pais, trabalhadores e cidadãos (Thornton, 2011, p. 2).

Muitas vezes, porém, tais sugestões da neurociência acabam apenas confirmando o que já faz parte do senso comum. Na revista *Mundo Estranho* - cuja capa capta o paradoxo da responsabilidade de modo cômico, ao mostrar um cérebro musculoso se exercitando - a matéria “Treine seu cérebro: as poderosas dicas da ciência para turbinar raciocínio, criatividade e memória”¹⁴ apresenta dicas de como fazer exercícios físicos, dormir bem, gravar números na memória e usar truques mnemônicos como músicas para guardar informações. A novidade não está nas sugestões em si, mas no fato de que elas são embasadas por algum dado neurocientífico, um aspecto recorrente também na revista *Mente e Cérebro*.

Outro exemplo desse tipo, numa versão mais popular, aparece em “Cérebro nota 10: como turbinar o seu com 10 atitudes simples”, da revista *Popular Science*¹⁵. A matéria inclui recomendações como “Evite AVC tomando champanhe”, “Acredite em Deus para expressar melhor



Figura 5: Neurociência de autoajuda

suas emoções”, “Meditate para aumentar sua massa cinzenta”, “Melhore seus neurônios dando presentes” ou “Desfrute de ócio criativo para a saúde mental” (p. 48-51), todas supostamente baseadas em pesquisas neurocientíficas. Através de uma declaração de um médico, o texto apresenta um novo argumento em favor da alimentação saudável, afirmando: “Pensar em

¹⁴ Por Yuri Vasconcelos e Victor Bianchin (editora Abril, ed. 128, ago. 2012).

¹⁵ Por Helena Ometto (editora Alto Astral, ano 2, no 9, 2012).

como nutrir de forma adequada estas células [os neurônios], como incrementar as sinapses e melhorar o funcionamento das redes neuronais é fundamental” (p. 47). A matéria menciona também a plasticidade cerebral, ou capacidade de regeneração do cérebro, como conceito-base para apoiar a eficácia das sugestões que apresentada ao leitor.

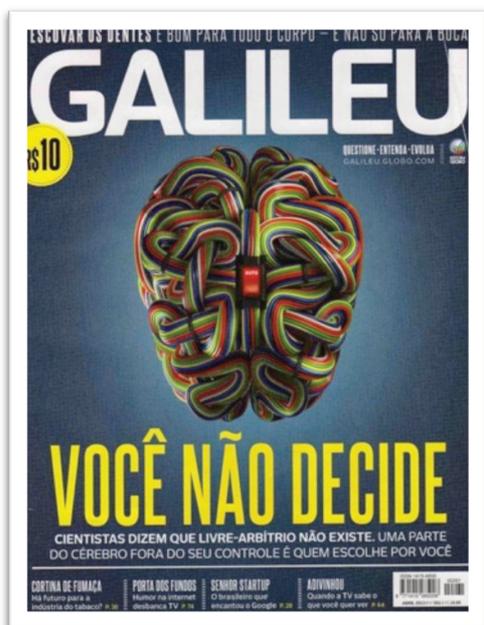


Figura 6: Paradoxo extremo

O aspecto paradoxal fica mais claro, talvez, na matéria da revista *Galileu*: “Você não decide: cientistas dizem que livre-arbítrio não existe. Uma parte do cérebro fora do seu controle é quem escolhe por você”¹⁶. No título, o cérebro assume o lugar do sujeito e se torna uma entidade rebelde que toma decisões independentes da “vontade” de seu “dono”. A matéria discorre sobre as descobertas da neurociência que questionam a crença no controle absoluto do indivíduo sobre si mesmo. Mas, já no final do texto, apresenta declaração do filósofo Renato Janine Ribeiro, da Universidade de São Paulo, em que aponta o risco de que a crença no determinismo leve à falta de uma consciência interna e reflexiva, e de Michael Gazzaniga, psicólogo e neurocientista da

Universidade da Califórnia, na qual afirma que o cérebro é capaz de apreender regras sociais que influenciam as decisões futuras, mesmo que faça isso de forma automática¹⁷. A matéria termina com as frases: “[...] no fim das contas, somos um todo. Você pode estar menos no controle do que imaginava – mas continua sendo você o dono de sua própria vida” (p. 51). Contradições à parte, o título tem a função de chamar atenção do leitor para as discussões apresentadas no texto.

Embora a mídia eventualmente faça uma adaptação seletiva dos resultados de pesquisa, apresentando promessas de validade questionável, ela se apoia em grande parte no discurso de divulgação dos próprios cientistas, ou alguns deles, que é também uma forma de

¹⁶ Ed. 261, abr. 2013.

¹⁷ Gazzaniga faz essa afirmação com frequência na mídia. Para um exemplo mais extenso, ver entrevista com Ginger Campbell no *Brain Science Podcast*, episódio 82. “How Mind Emerges from Brain (BSP 82)”. Disponível em <http://brainsciencepodcast.com/bsp/how-mind-emerges-from-brain-bsp-82.html> (acesso jul. 2015).

promover sua agenda de pesquisas¹⁸. Ao mesmo tempo, porém, em que a neurociência demonstra seu potencial de infiltração na linguagem e na cultura, alguns fatores podem ir de encontro a esse movimento e até contribuir para dismantelar concepções demasiadamente simplistas. Um deles são as críticas que aparecem, não apenas no âmbito acadêmico, como vimos no início desta introdução, mas também na própria divulgação científica (os neurocientistas Satel e Lilienfeld (2013), Burton (2013) e Frazzetto (2014) assinam livros de divulgação indicando limitações de sua área)¹⁹. Além disso, o próprio avanço da ciência, como aconteceu no caso do sequenciamento do genoma, mencionado anteriormente, pode revelar maior complexidade do que se imaginava. Por fim, outro fator é o próprio espírito crítico do público, e o interesse por áreas que contradizem o reducionismo cerebral, como é o caso da psicanálise.

Apesar do predomínio da neurociência tanto no plano institucional de pesquisas quanto na mídia – e apesar da crítica eliminativista discutida anteriormente – o destaque dado ao cérebro, junto com a proliferação de novas revistas que ocorreu no início do século parece ter dado impulso também à divulgação científica da psicanálise²⁰. Um dos exemplos disso é a própria revista *Mente e Cérebro*, que incluiu a psicanálise como um dos temas de destaque. No mesmo ano de seu lançamento, em 2004, a revista lançou também o especial “Memória da psicanálise”, dedicado a grandes nomes da área, com seis edições. Quando o especial foi relançado em 2009, dessa vez com nove edições, a gerente de circulação da Duetto, Carla Lemes, afirmou que “Essa coleção é o maior sucesso da Duetto, tanto em bancas quanto em pedidos de números atrasados”²¹. Em 2005 é lançada a revista mensal *Psique* (editora Escala),

¹⁸ Uma palestra do neurocientista coreano naturalizado americano Sebastian Seung ilustra bem o jogo discursivo entre ciência e divulgação científica. Seung começa com uma brincadeira com a crítica ao reducionismo e pede que repitam: “Eu sou mais do que os meus genes!”, mas depois atualiza o mote para “Eu sou o meu conectoma!”. Mas logo depois, quando apresenta os resultados da pesquisa, faz uma ressalva, explicando que se trata de uma hipótese que ainda precisa ser comprovada. Disponível em: http://www.ted.com/talks/sebastian_seung?language=en#t-225271 (acesso em jul. 2015).

¹⁹ Outras referências do tipo, em período anterior, são citadas em “Ficções neurocientíficas”, texto publicado na revistas *New Yorker* (30 nov. 2012). Disponível no site: <http://www.newyorker.com/news/news-desk/neuroscience-fiction> (acesso em jul. 2015)

²⁰ A *Superinteressante* lançou as revistas *Mundo Estranho* (ago. 2000), *Aventuras na História* (jul. 2003), *Vida Simples* (jan. 2003) e *Revista das Religiões* (maio 2003), nas quais atuei como colaborador, com exceção da última.

²¹ Declaração disponível no site:

http://www.dinap.com.br/site/noticias/conteudo_393154.shtml (acesso jun. 2015)

com temática semelhante e portanto uma concorrente²², além de outros especiais, como a *Coleção Guias da Psicanálise*, em 2012 (da mesma editora); *Psicanálise e Linguagem*, em 2008 e 2009 (editora Segmento), *Revista de Psicanálise*, com 36 edições (editora Mythos); *O Guia da Psicologia: da psicanálise de Freud às terapias modernas*, da revista Superinteressante, em 2014 (editora Abril) e *Segredos da Mente* entre 2013 e 2015 (editora Alto Astral).

Muitos desses especiais colocam em destaque grandes psicanalistas, uma característica marcante na divulgação científica da área. Desse modo, poderíamos dizer que a psicanálise, que estuda o sujeito, é evocada também através de uma história de sujeitos marcantes, algo que não ocorre na divulgação de neurociência, mais voltada para os desenvolvimentos atuais e suas implicações futuras. Entretanto, se essa referência constante confere legitimação, ela também intimida, possivelmente não só o leigo, mas o próprio neurocientista. Um sinal disso poderiam ser as frequentes críticas comentadas anteriormente, que aparecem também esporadicamente nos textos dos colaboradores da *Mente e Cérebro*, como veremos adiante. Mark Solms afirma que “Para os neurocientistas mais antigos, a resistência ao retorno das ideias de Freud tem origem no espectro aparentemente indestrutível da imponente construção teórica freudiana” (2004, p. 84). Como comentamos anteriormente, não poderemos nos debruçar aqui sobre o processo histórico da difusão da psicanálise. Observamos apenas que essa percepção constitui uma ironia, já que Freud, sabidamente, foi um constante reformulador de suas próprias teorias e a própria psicanálise se debruça sobre um processo permanente de elaboração, estando sujeita a modificações como qualquer teoria científica.

Outro desafio para a divulgação da psicanálise é a complexidade conceitual de suas teorias. O conceito fundamental do inconsciente é, por definição, difícil de compreender, uma vez que ele não é observável diretamente, sendo uma construção teórica que visa explicar uma variedade de fenômenos humanos. A forma como ele se manifesta, por sua vez, não é intuitiva, mensurável ou fácil de explicar. Tome-se, por exemplo, um dos mecanismos que atua sobre o inconsciente, o recalque, processo pelo qual o indivíduo manteria afastadas da consciência ideias incômodas, possivelmente porque contrariam seus padrões morais. Uma

²² *Mente e Cérebro* vendeu em média 23.004 exemplares por mês no primeiro semestre de 2014, 54% a mais que *Psique*, com 14.959 exemplares vendidos, segundo o Instituto Verificador de Circulação. Dados disponíveis em: <http://ivcbrasil.org.br/default.asp?48398> (acesso em jun. 2015).

vez que essas ideias são apartadas, não há como se dar conta delas nem do processo que as eliminou, a não ser indiretamente, através de manifestações involuntárias como atos-falhos, sonhos, chistes e sintomas que ocorrem em função daquele recalque (Garcia-Roza, 1994).

Outros exemplos de mecanismos contraintuitivos e complexos são aqueles usados para explicar como são formados os sonhos. Primeiro, Freud faz uma distinção entre conteúdo manifesto ou evidente, que a pessoa lembra e consegue contar, e conteúdo latente ou inconsciente, que contém o significado pessoal do sonho e cuja compreensão é o objetivo da análise. Para entender a diferença entre um e outro, é preciso lançar mão de novo conceito, a censura, que atua sobre os desejos inconscientes presentes no conteúdo latente, distorcendo esse conteúdo e dando origem ao conteúdo manifesto. A distorção efetuada pela censura, por sua vez, ocorre através de dois mecanismos, chamados de condensação e deslocamento. Na condensação, diversos elementos do conteúdo latente (inconsciente) se combinam em um só quando aparecem no conteúdo manifesto. No deslocamento, um objeto ou pessoa do conteúdo manifesto (consciente) se refere a uma coisa ou pessoa diferente do conteúdo latente (Freud, 1905).

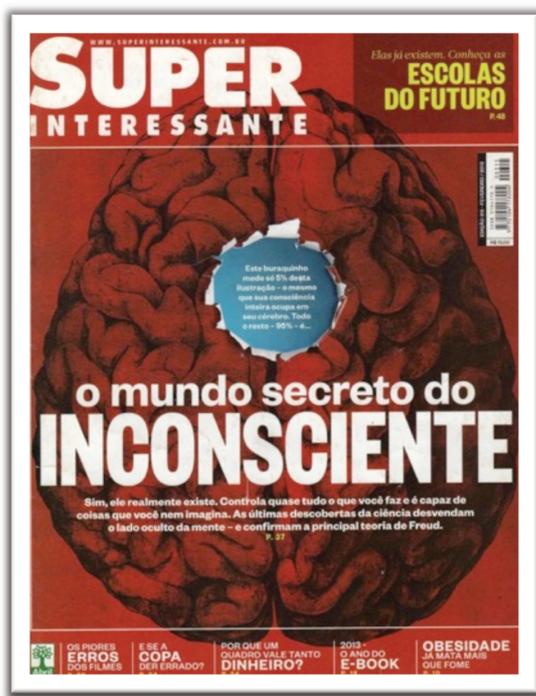


Figura 7: Um termo, dois conceitos

Note-se que essa diferença entre aparência e significado inconsciente não existe na neurociência, que trata de mecanismos cerebrais físico-químicos e suas relações com a consciência ou o comportamento (ver Tabela 4, Resumo de diferenças entre abordagens, Anexo 7.6). Nessa disciplina, o termo ‘inconsciente’ foi adotado a partir de experimentos do fisiologista Benjamin Libet realizados em 1983, demonstrando que a decisão de fazer um movimento ocorria antes de a pessoa ter consciência de que havia tomado essa decisão. A explicação para isso seria o fato de que a decisão ocorre em um local do cérebro que não é acessado pela consciência, e demora algum tempo para chegar até ela (Eagleman, 2011).²³

²³ O inconsciente cerebral foi demonstrado em outros experimentos e foi assunto de outros dois livros recentes de divulgação alé: *Quem está no comando*, de Michael Gazzaniga, (cont.)

Em ambos os casos, o conceito de inconsciente se refere a algo que não pode ser acessado pela consciência. Na neurociência, porém, o que não pode ser observado é algo concreto, os fenômenos fisiológicos do cérebro, que quando se manifestam podem ser observado objetivamente e de forma mensurável através do comportamento ou pensamento. Essas manifestações podem ser avaliadas pela ciência, que atribuem a elas um significado científico baseado em metodologia quantitativa. Na psicanálise, o que fica escondido são aspectos da vida mental, como ideias ou pensamentos, cujo significado só pode ser atribuído pela própria pessoa (Garcia-Roza, 1994).

Um exemplo de como o termo ‘inconsciente’ aparece no jornalismo científico é a matéria “O mundo secreto do inconsciente: sim, ele realmente existe. Controla quase tudo o que você faz e é capaz de coisas que você nem imagina. As últimas descobertas da ciência desvendam o lado oculto da mente – e confirmam a principal teoria de Freud”²⁴, da revista *Superinteressante*. O texto menciona experimento realizado pelo neurocientista Erik Kandel, que teria demonstrado que o inconsciente poderia funcionar como “amplificador de emoções”, o que forneceria uma “comprovação neurocientífica de uma teoria central da psicanálise: a interpretação inconsciente de coisas negativas é a fonte de muitas das aflições humanas”, e conclui dizendo que “Freud tinha razão” (p. 42). Se por um lado a psicanálise é avaliada de forma positiva, por ter sido “comprovada” pela neurociência, por outro o uso do termo ‘inconsciente’ como se fosse um conceito único serve para desqualificar a psicanálise, já que “agora o lado oculto da mente não é apenas um assunto de psicanalistas: ele também virou uma das áreas mais interessantes da neurociência moderna” (p.38). Tanto é que a psicanálise em si ou as diferenças conceituais entre as áreas não são abordadas no texto.

Para concluir, vale notar que o jornalismo da grande mídia, que abordamos neste item, embora tenha impacto considerável na disseminação do conhecimento, costuma explorar os aspectos mais sedutores da ciência – entre os quais se enquadram as promessas neurocientíficas ou a ideia de “tirar” dos psicanalistas o “monopólio” da interpretação do inconsciente. No capítulo que segue, veremos como é feita essa cobertura na revista *Mente e Cérebro*, um veículo de jornalismo científico especializado com características bastante distintas, com um público mais focado e que conta com a colaboração de pesquisadores.

Livre-arbítrio, de Sam Harris, e *Incógnito: a vida secreta do cérebro*, de David Eagleman, citado acima.

²⁴ Por Alexandre de Santi (ed. 315 fev. 2013)

2. A REVISTA *MENTE E CÉREBRO*

2.1. Apresentação

A revista *Mente e Cérebro: psicologia, psicanálise e neurociência*, publicada mensalmente pela editora Duetto desde setembro de 2004, em São Paulo, completou 10 anos e 120 edições publicadas²⁵. No primeiro semestre de 2014, a revista vendeu em média cerca de 23.000 exemplares por mês, com cerca de 8.600 assinaturas e as demais vendas avulsas. O total é cerca de 8 mil a mais que seu concorrente mais imediato, a revista *Psique*, da editora Escala, e cerca de 9 mil a mais que a própria *Scientific American Brasil*, sendo portanto a revista mais vendida da editora²⁶. Quando foi lançada, a editora Duetto comprou a revista *Viver Psicologia*, que já existia havia 13 anos e estava no número 139, por isso a numeração da *Mente e Cérebro* começa em 140. Ana Claudia Ferrari, editora da revista até outubro de 2006, gentilmente concedeu uma entrevista na qual contou um pouco da história da publicação (entrevista completa no Anexo 7.1).

A primeira edição da revista *Viver Mente&Cérebro*²⁷ foi lançada em setembro de 2004. A revista original nascera em 2002 e, ao contrário do que se pensa, isso não aconteceu nos Estados Unidos, mas na Alemanha. *Gehirn und Geist* foi um projeto do editor Carsten Koenneker (hoje editor-chefe da *Spektrum der Wissenschaft*, a *Scientific American* na Alemanha) que se espalhou pelos países que publicavam/publicam a *Scientific American*. As três primeiras edições estrangeiras foram *Cerveau&Psycho* (França), *Mente&Cervello* (Itália) e *Swiat Nauki Umysl* (Polônia). O Brasil foi a quarta, e chegou ao segundo lugar em circulação depois da *Scientific American Mind*, lançada como revista bimestral nos Estados Unidos logo depois, em dezembro de 2004 (entrevista de Ana Claudia Ferrari).

²⁵ A editora Duetto foi adquirida pela editora Segmento em outubro 2014.

²⁶ Dados disponíveis no site do Instituto Verificador de Circulação: <http://ivcbrasil.org.br/>
Acesso em jun. 2015.

²⁷ O nome inicial, *Viver Mente&Cérebro: a revista de psicologia, psicanálise, neurociência e conhecimento*, mudou em agosto de 2007.



Figura 8: Primeira edição (2004)

O material traduzido varia em torno de 50%, e a equipe é composta por jornalistas especializados na área: a editora atual, Gláucia Leal (psicóloga e psicanalista), uma editora-assistente (com especialização em neurociência), um jornalista (e psicólogo), além de um editor de arte, uma iconógrafa e uma estagiária²⁸. Seguindo o modelo da *Scientific American*, a maioria dos textos é assinada por pesquisadores e apresentam resultados de pesquisa realizadas pelo autor ou um panorama do estado da arte em sua área. O anúncio do lançamento na internet diz que “a revista apresenta matérias que tratam dos avanços e novidades das várias disciplinas que nos permitem conhecer a

mente humana e se destina a um público interessado em psicologia e neurociência, além de estudantes e profissionais da área”²⁹. O texto, portanto, pressupõe conhecimentos prévios do leitor que, entende-se, faz parte de um público mais especializado.

Apesar desse relativo grau de complexidade, não se trata de uma revista científica, uma vez que o cientista se dirige ao público amplo, abordando resultados que já foram ou serão publicados nas revistas científicas em suas respectivas áreas. Essa proposta de produzir um veículo especializado mas com alcance geral se revela no tratamento jornalístico dos textos dos colaboradores, nas reportagens, na capa e na estrutura editorial organizada em seções, colunas, resenhas e matérias com uma grande variedade temática. Os textos exploram temas de interesse geral, como novas descobertas ou abordagens que fogem ao senso comum. A revista conta ainda com seções sobre notícias e novidades culturais, sempre relacionadas com sua temática central, além de um *site* na internet que disponibiliza textos não incluídos na edição impressa. Essas características são adequadas aos propósitos deste trabalho porque o

²⁸ Informações fornecidas pela editora Gláucia Leal.

²⁹ “Nova revista une psicologia, psicanálise, neurociências e conhecimento”, disponível em <http://www.segmentocomunicacao.com.br/sci/Wce1da1d10250b.htm>. Acesso jun. 2015.

texto está mais próximo do discurso científico propriamente dito, que serve de fonte para o jornalismo na grande mídia, o que nos possibilita, até certo ponto, comparar o conteúdo das matérias com as questões levantadas na introdução, bem como observar as possibilidades e as dificuldades de articular diferentes abordagens de forma interdisciplinar.

A inclusão da psicanálise como um dos focos da revista é uma peculiaridade da versão brasileira. As similares internacionais podem incluir “psicologia e neurociência” no subtítulo, como acontece na Alemanha e Itália; “comportamento, neurociências e ideias”, como na americana; ou sem subtítulo, como acontece na Espanha e França³⁰. Ao que tudo indica, numa análise preliminar dos *sites* dessas revistas, todas têm foco exclusivo na abordagem comportamentalista e na neurociência, que compartilham a metodologia científica das ciências naturais. Ou seja, as demais revistas giram em torno de disciplinas entre as quais existe uma congruência ou sinergia básica, uma vez que o comportamento é considerado manifestação da atividade cerebral (ou, de modo geral, neurológica). Para a psicanálise, por outro lado, que é considerada uma psicologia profunda ou do inconsciente (Freud, 1964), o comportamento não teria, necessariamente, causas diretamente observáveis, podendo ser interpretado também através dos processos de significação numa perspectiva subjetiva. De um ponto de vista interdisciplinar, isso implicaria a necessidade de contemplar os aspectos do comportamento humano que são influenciados pelo inconsciente, justificando a inclusão dessa abordagem tanto na pauta de pesquisa quanto na divulgação científica. No caso específico da *Mente e Cérebro*, essa inclusão é coerente com sua proposta declaradamente interdisciplinar e humanista.

No momento em que fizemos a parceria com a *Scientific American* (via nossos parceiros alemães), tivemos absoluta liberdade para estruturar uma revista que fizesse sentido para o público brasileiro. A ideia desde o início era não só trazer o que havia de mais atual nas pesquisas desenvolvidas por europeus e americanos, ligados a institutos de pesquisa de ponta internacionais, e jornalistas especializados, traduzindo um material de excelente qualidade e sempre acessível, mas também produzir um conteúdo relevante para o Brasil. E naquele momento, embora a *Gehirn und Geist* não tivesse incluído a psicanálise na sua grade fixa de áreas a serem cobertas, a

³⁰ O site da revista menciona uma versão polonesa, mas esta não foi localizada.

interdisciplinaridade despontava como o caminho mais promissor nas discussões entre estudiosos da área da saúde mental e das ciências da mente. Pontes começavam a ser criadas entre a psicanálise e as neurociências (Mark Solms, Sidarta Ribeiro, para citar apenas dois) e conhecendo o peso que a psicanálise tem no Brasil, optamos por incluí-la na edição brasileira (entrevista de Ana Claudia Ferrari).

Isso faz com que a revista seja particularmente adequada aos nossos propósitos, em primeiro lugar, porque inclui uma abordagem que pode ser considerada como parte das ciências humanas, ampliando assim as possibilidades de interdisciplinaridade. Além disso, consideramos que, ao abordar o inconsciente, a psicanálise serve de contraponto à uma perspectiva externa que se aplica aos fenômenos naturais, mas não necessariamente a todos os aspectos dos fenômenos humanos. No nosso entendimento, isso faz com que recaia também sobre a psicanálise uma certa expectativa, no sentido de contribuir com elementos que possam favorecer essa integração dos aspectos biológicos e humanos, algo que será analisado no próximo capítulo.

2.1. Uma proposta interdisciplinar

A escolha do tema do sono e sonhos para a primeira edição da revista, com 118 páginas, não se dá por acaso: é através da análise dos sonhos que Freud funda a psicanálise, sendo posteriormente o fenômeno explorado no campo da neurociência, que passou a descrever em detalhes os mecanismos fisiológicos cerebrais envolvidos. A proposta da revista é apresentada na carta ao leitor “Convergência de saberes”, assinada por Ana Claudia Ferrari³¹.

Ao abrir a primeira página de *Viver Mente&Cérebro*, muitos leitores certamente estarão tomados por um misto de curiosidade e de inquietação. Afinal, uma revista que se propõe juntar as peças do quebra-cabeça da mente, do cérebro e do comportamento humanos reunindo ferramentas da psicologia, da psicanálise e das várias neurociências parecerá, a muitos, no mínimo ousadia. Ou ainda uma contradição (Ana Claudia Ferrari, 2004 p. 3).

³¹ Ed. 140, set 2004, p. 3 (na íntegra no anexo 7.2).

O aspecto fundamental da carta para o presente trabalho é a ênfase na interdisciplinaridade que, evocada pela metáfora do quebra-cabeça, inclui as abordagens científicas e humanistas. É apresentada como uma proposta inovadora, e que por isso poderia encontrar resistência - mas tal ousadia se justificaria pelo bom senso. Dessa forma, a revista assinala estar ciente das discussões e polêmicas, mas deixa a entender que isso não faz parte do seu recorte. Mesmo sem fazer referência à origem ontológica da mente - que aparecerá apenas de maneira pontual em matérias sobre filosofia - a proposta parece ter um caráter “dualista”, o que justifica, do ponto de vista editorial, o pluralismo de abordagens. O parágrafo seguinte deixa isso mais explícito ao defender a associação dos aspectos biológico e subjetivo.

Por acreditarmos que os complexos comportamentos que nós, humanos, mostramos requerem abordagens igualmente complexas, seria insensato não recorrer às diferentes disciplinas que se dedicam a decifrar as maneiras pelas quais agimos, aprendemos, pensamos, desejamos, amamos e odiamos e os processos cerebrais e envolvidos nessas atividades, na tentativa de construir um quadro capaz de fornecer inteligibilidade ao nosso mundo interior. Convergência e variedade de saberes só podem facilitar a exploração desse universo labiríntico, povoado de pontes misteriosas entre substâncias químicas, enzimas, hormônios, células nervosas, sinapses e história pessoal, herança genética, memória, cultura, valores, postura, expectativas (Ana Claudia Ferrari, 2004, p. 3).

Isso porque, ao incluir tanto disciplinas que estudam o cérebro (neurociência) quanto disciplinas que estudam a mente (psicologia e psicanálise), a revista transmite a ideia de que mente e cérebro são fenômenos distintos, se não por motivos filosóficos, por uma questão prática: a complexidade do comportamento humano. A imagem do quebra-cabeça indica que revista não pretende fazer apenas uma mera somatória ou justaposição de abordagens, mas também uma síntese de conhecimentos. Um objetivo audacioso – já que essa síntese ainda não existe de fato - e que, como veremos, será atingido apenas parcialmente. Mas é um entusiasmo que deve ser entendido no contexto do diálogo com um leitor curioso por novidades e que deseja novas ferramentas para compreender a si mesmo. No final, o editorial aponta as limitações do conhecimento atual, dando a entender certo ceticismo.

Questões fundamentais acerca de nós mesmos permanecem sem resposta. Talvez nunca as encontremos. Mas *Viver Mente&Cérebro*

quer penetrar nos segredos da mente munida de todo o equipamento disponível para essa aventura. Para tanto, volta-se também à filosofia, à literatura e às artes em busca da essência do homem.

A multiplicidade de olhares, mesmo sem conseguir apreender totalmente a percepção causada pelo Trenzinho do Caipira, pelo menos impedirá que a emoção de ouvirmos Villa-Lobos seja reduzida a uma série de interações de neurônios e neurotransmissores ou a uma experiência meramente subjetiva (Ana Claudia Ferrari, 2004, p.3).

Um último aspecto relevante é a forma conciliatória usada na última frase, mencionando a crítica ao reducionismo mas tomando o cuidado, também, de não desqualificar a subjetividade pelo uso do advérbio ‘meramente’. Como veremos, esse tom conciliatório predomina, de fato, no diálogo entre neurociência e psicanálise na revista, que não aborda muitas das polêmicas apresentadas na introdução desta dissertação.

2.2. Material e métodos

Ao analisarmos o arquivo da revista, buscaremos verificar de que forma essa proposta interdisciplinar é colocada em prática, quais suas limitações e possíveis mudanças ao longo do tempo. Para isso, vamos nos deter inicialmente na forma como os temas aparecem na capa, como são distribuídos interdisciplinarmente na estrutura da revista (colunas e seções) e o espaço reservado para as diversas abordagens nas matérias. Posteriormente, vamos analisar de forma qualitativa os aspectos interdisciplinares e o diálogo específico entre neurociências e psicanálise.

Na parte quantitativa, fizemos uma análise em duas etapas, começando com as ilustrações e chamadas principais da capa de todas as 120 edições do arquivo. No caso das imagens, verificamos quantas delas apresentavam uma referência explícita a cada uma das abordagens, sendo que a referência pode ser direta ou indireta (ver Exemplos de referências temáticas nas capas, em anexo). As chamadas principais foram classificadas de acordo com palavras chaves, sendo que a neurociência foi identificada por termos como ‘cérebro’ e ‘neurônio’; a psiquiatria por ‘síndrome’, ‘transtorno’, ‘hiperatividade’, etc.; e a psicanálise é identificada pelo próprio nome ou por ‘inconsciente’. Muitas das palavras que identificariam a psicologia, como ‘emoção’, ‘inveja’, ‘superação’, ‘psíquico’, etc., poderiam ser usadas em outras abordagens, por isso essas chamadas foram classificadas como genéricas. O objetivo

nesta etapa era verificar a visibilidade de cada abordagem (ver Tabela 1: Abordagens nas capas, Anexo 7.3).

Na segunda etapa, foi feito um recorte com três amostras de um ano cada um, no início, meio e final do arquivo (2004-5, 2008-9 e 2013-4), com um total de 36 edições e 323 matérias, e foi tabelada a distribuição de abordagens nas matérias em cada edição. Esse recorte temporal visava observar possíveis mudanças editoriais na revista ao longo do tempo, que comentaremos adiante. Para as duas primeiras amostras, foi usado o DVD comemorativo de cinco anos com as primeiras 60 edições completas³², e as edições da terceira amostra foram adquiridas ao longo do período de pesquisa. Na classificação de abordagens das matérias buscamos identificar o foco principal, baseado na formação do colaborador ou nos temas e abordagem do próprio texto. Trata-se de uma aproximação, já que em alguns casos há múltiplas abordagens. Além disso, assinalamos os textos em que há um diálogo mais consistente entre neurociência e psicologia e neurociência e psicanálise (ver Tabela 2: Abordagens das matérias, Anexo 7.4).

2.3. Abordagens na estrutura da revista: capas, seções, colunas e retrancas

De um total de 120 capas em dez anos, 80 (67%) apresentam ilustrações genéricas, mas, quando aparecem referências a determinada abordagem, o maior destaque é da neurociência, com 37 capas (31%) que trazem uma representação do cérebro (22 diretas e 15 indiretas); além disso, uma faz referência à psiquiatria (1%), uma à psicanálise (1%), de forma indireta, e uma referência dupla à psicanálise e neurociência (1%). No caso das chamadas principais, a contagem é feita por referência. São 70 chamadas genéricas, sem nenhuma referência específica (50%); neurociência tem 36 referências (26%), psiquiatria tem 26 (19%); e a psicanálise tem 7 referências diretas (5%) (ver Gráficos 1 e 2). Das 120 capas, 19 trazem referência a mais de uma área, de modo que o total para as chamadas é 139, o que o indica o aspecto interdisciplinar da revista (ver Tabela 1: Abordagem nas capas, anexo 7.3).

Um exemplo de chamada de capa interdisciplinar é a da edição inaugural: “A complexidade do sono e dos sonhos: natureza, distúrbios, funções, interpretações. O que as neurociências e a psicanálise sabem a respeito”. Esse tipo de chamada, que integra psicanálise e neurociência, é característica da fase inicial da revista, ocorrendo três vezes no primeiro

³² Edições 140 a 199

ano, duas no segundo e apenas mais uma vez no sexto ano, em 2009. Essa mudança talvez se justifique, primeiramente, pelo fato de que a proposta de integração, que ganhou força com a fundação da Sociedade de Internacional de Neuropsicanálise no ano 2000, em Londres, é nova e ainda pouco disseminada no âmbito científico. É provável, porém, que leve em conta também o desafio para o leitor de articular duas disciplinas por si só altamente complexas.

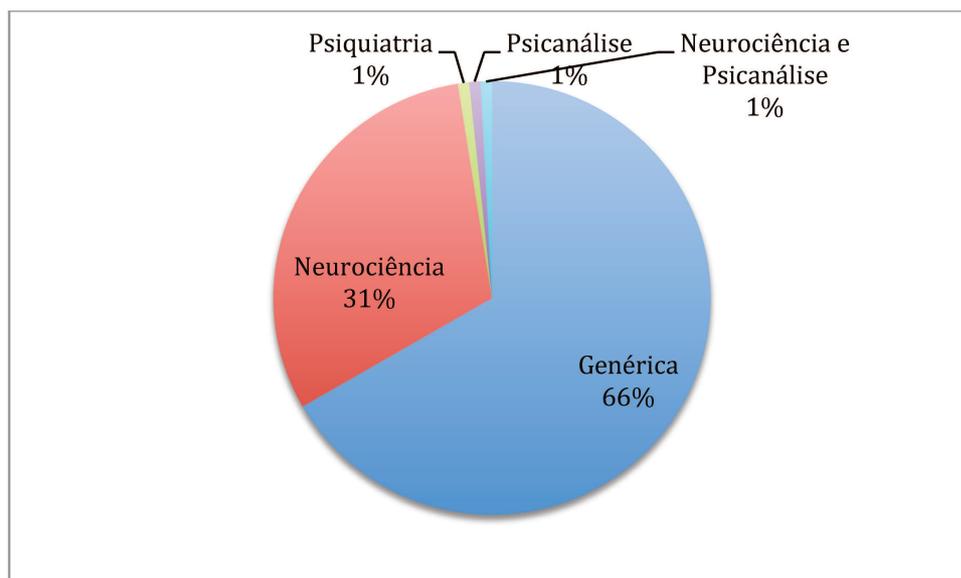


Gráfico 1: Abordagens nas ilustrações de capa

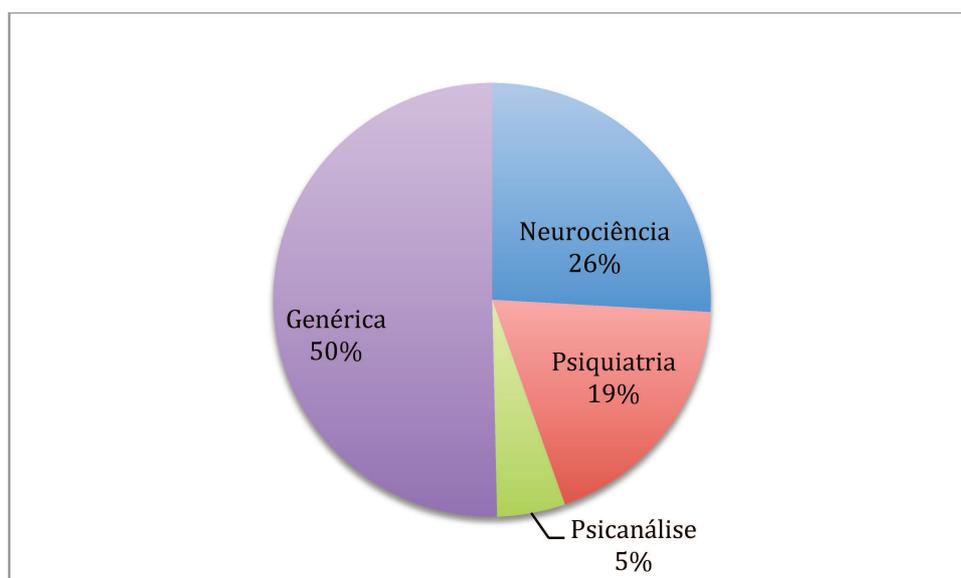


Gráfico 1: Abordagens nas chamadas principais

Como veremos a seguir, há na revista um número bem maior de matérias de neurociência do que de psicologia - algo que aparece nas capas através do destaque dado ao cérebro, explorado nas mais variadas representações artísticas, diretas ou indiretas – embora um grande número de capas, que classificamos como ‘genéricas’, remetam indiretamente à psicologia. Outra peculiaridade das chamadas de capa é que a psiquiatria recebe nelas mais destaque do que nas matérias (19% e 13%, respectivamente), indicando que ela também é considerada um atrativo para o público.

A representatividade da psicanálise nas chamadas (5%), por outro lado, é um pouco menor do que se observa nas matérias (9%), indicando que a área é considerada como pouco atrativa. Além disso, há apenas uma edição em todo o arquivo com uma chamada exclusiva para a psicanálise, “Inconsciente: o estranho que vive em você. Ele influi em nossas escolhas, organiza memórias, desejos e experiências que preferimos esquecer”³³, sendo que as outras 6 menções à psicanálise são compartilhadas com outras áreas, enquanto neurociências e psiquiatria têm uma proporção bem maior de chamadas exclusivas (25 e 19 no total, respectivamente).

Resumindo, as características da capa parecem demonstrar quais são os aspectos considerados mais atrativos para o



Figura 9: Representações do cérebro

³³ Ed. 245, jun. 2013, matéria assinada pelo psicanalista Christian Ingo Lenz Dunker, da USP.

leitor, como a neurociência, psiquiatria e a psicologia, e menos atrativos, como a psicanálise. A primeira capa da revista já ilustrava o destaque diferenciado para as abordagens da revista. A imagem mostra engrenagens no lugar onde estaria o cérebro e uma série de circuitos eletrônicos, evocando uma abordagem reducionista mais próxima da neurociência. Embora a chamada principal faça referência compartilhada à psicanálise, não há mais nenhuma chamada que indique essa abordagem, e há mais quatro relacionadas com neurociências e uma com psicologia.

A interdisciplinaridade da revista, pela justaposição de textos com diferentes abordagens, fica evidente em sua estrutura de colunas, seções e retrancas, que faz distribuição bastante equilibrada das disciplinas, especialmente neurociência e psicanálise. Na amostra mais recente (2013-14), a revista contava com as seguintes seções fixas: “Carta ao leitor”, “Palavra do leitor”, “Associação livre: notas sobre atualidades, psicologia e psicanálise”, “Na rede: o que há para ver e ler na internet”, “Cinema” (resenhas assinadas por psicanalistas), “Neurocircuito: as pesquisas recentes nas áreas de psicologia e neurociência”, “Livro”, “Lançamentos”, e as seções eventuais: “Caso clínico” e “Psicanálise além de Freud”.

As colunas fixas são: “Psicanálise”, por Christian Ingo Lenz Dunker, do Instituto de Psicologia da USP, geralmente abordando temas culturais e sociais, como é tradicional em colunas desse tipo; “Limiar”, por Sidarta Ribeiro, neurocientista da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que inicialmente tratava apenas de neurociência e depois ampliou para temas sociais variados, como drogas, desigualdade social, loucura, além de contos; e Cuide-se, coluna de autoajuda assinada pela neurocientista Suzana Herculano-Houzel, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

As retrancas, ou temas das matérias, são variadas e fornecem um bom retrato da variedade temática e de abordagens: comportamento, percepção, vida contemporânea, ética, evolução, personalidade, psicanálise lacaniana, história da neurociência, síndrome, droga, saúde mental, crença, religião, além das já esperadas psicologia, psicanálise e neurociência, para citar apenas alguns exemplos.

2.4. Matérias e o discurso de cada abordagem

Se a estrutura de colunas, sessões e retrancas proporciona certo equilíbrio de abordagens com relativo destaque para a psicanálise, nas matérias, assim como nas capas, há maior destaque para a neurociência. Do total de 323 matérias, 138 têm foco em neurociência

(43%); 41 em psiquiatria (13%); 94 em psicologia (29%); 28 em psicanálise (9%) e 22 em outras abordagens (7%), como filosofia, sociologia, medicina, história, literatura e arte, sempre relacionados de alguma forma com o eixo temático da revista. Cada uma das abordagens apresenta temáticas e características próprias, que resumiremos brevemente aqui, para facilitar a análise do diálogo interdisciplinar que faremos adiante³⁴ (ver Gráfico 3).

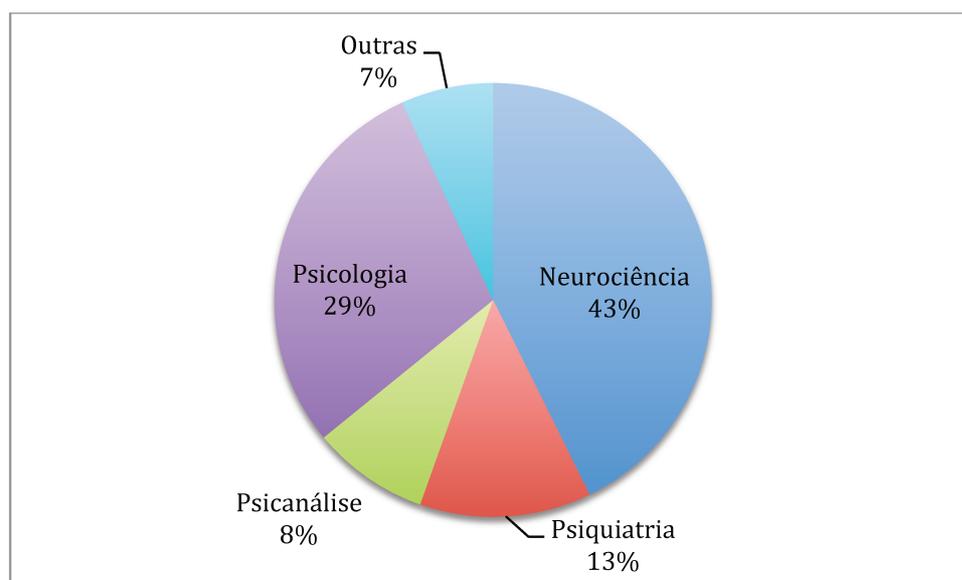


Gráfico 3: Abordagens nas matérias

Como é característico da neurociência, matérias nessa área tratam de uma grande variedade de assuntos, como os diferentes aspectos do comportamento, percepção, consciência, livre-arbítrio, formas de melhorar o desempenho de habilidades mentais, novos tratamentos para saúde mental, efeito dos alucinógenos, diferenças de gênero, fronteira com a robótica e modelos matemáticos, bem como aspectos sociais, como a relação entre pobreza e inteligência. É possível distinguir dois discursos na divulgação científica de neurociências: o primeiro tem caráter mais científico, descreve mecanismos cerebrais relacionados com determinados comportamentos ou atividades mentais, por exemplo as matérias “A neurociência da superação”³⁵, “Um cheiro que vem da infância”³⁶ e “A verdadeira diferença

³⁴ Nessa caracterização, usaremos principalmente as matérias da amostra mais recente.

³⁵ Por Gary Stix, jornalista da *Scientific American* (ed. 248, set. 2013, p. 30).

³⁶ Por Benoist Schaal e Maryse Dalaunay-El Allam, neurocientistas do Centro Europeu de Paladar e Olfato, França (ed. 251 dez 2013, p. 56).

entre os sexos”³⁷. Essa característica pode aparecer tanto nas colaborações de cientistas quanto em matérias assinadas por jornalistas. Há também um grau elevado de complexidade dos textos, com descrição dos experimentos que levaram às conclusões apresentadas e explicação sobre mecanismos cerebrais e as estruturas envolvidas neles.

O segundo tipo de discurso é mais próximo da divulgação popular, conforme discutido na introdução, apresentando frequentemente o comportamento de forma reducionista, por exemplo, quando o cérebro é usado como sinônimo do sujeito, ou apresentado como um órgão dotado de intencionalidade própria. Como visto anteriormente, esse tipo de reducionismo tem apelo e consegue despertar o interesse do público e, em alguns momentos, parece constituir uma espécie de discurso oficial da neurociência (veremos exemplos disso no capítulo 3).

Embora não seja nosso objetivo fazer uma análise específica das matérias sobre neurociência - já que pretendemos tratar dessa disciplina em seu diálogo com a psicanálise -, notamos que há uma falta de textos que discutem o significado científico das descobertas da área numa perspectiva mais filosófica, relacionada com os tópicos examinados na seção 1.2. A neurociência, assim como a psiquiatria, é apresentada em perspectiva “internalista”, ou seja, por meio de textos escritos por neurocientistas que falam sobre suas próprias pesquisas ou sobre novas descobertas da área, em geral. Sem descartar a importância desse tipo de material, acreditamos que seria importante também incluir textos de autores que apresentem uma visão mais ampla e crítica do assunto. Isso não implicaria, necessariamente, entrar nas polêmicas que a revista, ao que tudo indica, tenta evitar, mas simplesmente levar em conta outras visões, como as da filosofia e da psicanálise.

Apesar do maior destaque para a neurociência, a psicologia continua sendo um grande atrativo da revista *Mente e Cérebro*, com a segunda maior frequência de matérias que abordam os mais diversos aspectos da vida mental - emoções, sentimentos, pensamentos, cognição, aprendizado, stress, inveja, angústia, ansiedade, para citar apenas alguns. As matérias dessa área apresentam quase que invariavelmente uma abordagem comportamental, com reflexões ou sugestões sobre as melhores formas de lidar com problemas ou questões. O uso da ciência como referência para o comportamento aparece constantemente nos textos de psicologia. Um exemplo disso é a matéria “As máscaras da timidez”³⁸, por Rossana Pecorara, psicóloga da Universidade de Turim, na Itália, que apresenta as possíveis causas do problema

³⁷ Por Selma Correa, jornalista da revista *Mente e Cérebro* (ed. 259, ago. 2014, p. 38).

³⁸ Ed. 147 abr. 2005.

(fatores familiares, culturais, ou até imaginários) e diferentes estratégias para lidar com essa dificuldade (extroversão forçada, minimizar os supostos riscos de determinada situação ou ler livros de autoajuda), tudo a partir de pesquisas e das manifestações dos indivíduos que participaram delas.

A psiquiatria, terceira abordagem mais frequente nas matérias, tem um papel importante no jornalismo científico, acrescentando a dimensão médica, uma das ferramentas disponíveis para lidar com a vida mental. Além disso, é um tema que desperta interesse do público em geral e tem relevância em termos de saúde pública. Exemplo dessa visibilidade são as várias capas sobre transtornos como hiperatividade, dependência, anorexia, bulimia e obesidade, depressão, transtorno bipolar, transtornos obsessivo e compulsivo, insanidade e esquizofrenia³⁹, todas elas matérias de capas nos primeiros cinco anos da revista.

A revista, pelo menos em nossa amostra, não cobre o debate sobre a medicalização mencionado na introdução, abordando apenas as críticas internas da própria disciplina, no sentido de aperfeiçoar suas práticas. Exemplo disso são as matérias que



Figura 10: Ciência como parâmetro

discutem diagnóstico e a eficácia dos remédios e psicoterapia, como as matérias de capa “Novas formas de compreender e tratar doenças mentais”⁴⁰, sobre a possibilidade de diagnósticos mais precisos baseados no conhecimento do cérebro, e “Você é normal?”⁴¹, sobre o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais); ou então abordando supostas polêmicas como “Tratamento da depressão:

³⁹ Respectivamente, ed.144, 145, 152, 160, 167, 186, 187, 199.

⁴⁰ Ed. 207, abr. 2010, p. 38-45.

⁴¹ Ed. 240, jan. 2013, p. 24-31.

medicamento ou psicoterapia?”⁴². Ocorre também um debate interdisciplinar indireto, já que textos de psicanálise problematizam o assunto de outra perspectiva, embora sem o destaque da capa e geralmente com maior grau de dificuldade no texto, como veremos a seguir.

A reduzida representatividade numérica da psicanálise talvez se explique, em parte, pelo menor apelo de novidade e pelas dificuldades teóricas intrínsecas, comentadas na introdução. Por outro lado, essas matérias geralmente se aproximam mais de um texto dirigido aos pares, devido à complexidade e ao uso de termos técnicos. Muitas delas se referem a questões específicas da prática, como “A criatividade na clínica”⁴³, autores específicos, como “Jogo de palavras entre Freud e Ferenczi”⁴⁴ ou linhas específicas, como a psicanálise lacaniana. Isso faz com que a psicanálise não só perca a oportunidade de aproveitar o pouco espaço que lhe é concedido para atingir um público amplo como transmita a impressão de que tem pouco interesse por esse tipo de difusão. Assim, a psicanálise parece ser uma disciplina fechada em si mesma e que não se esforça para transmitir os seus conceitos fundamentais para o público, diante de uma abordagem neurocientífica não só voraz em ocupar todos os espaços da mídia, mas que apresenta abordagem reducionista atrativa e com boa receptividade de público. Apenas em casos mais raros, busca-se aplicar a psicanálise em temas de interesse geral, como em “Conectividade, compartilhamentos implicações subjetivas”⁴⁵ ou “A violência como expressão da falta de poder”⁴⁶, conferindo assim um caráter mais jornalístico a essa abordagem, mas que geralmente é pouco eficaz em demonstrar o diferencial da psicanálise.

Outro fator que complica a situação da psicanálise nesse tipo de jornalismo é a sua indefinição institucional e relativa exclusão do contexto onde é feita a pesquisa científica. Um estudo mencionado no New York Times afirma que 86% dos cursos sobre psicanálise eram oferecidos fora de departamentos de psicologia, que tenderiam a considerar a psicanálise como algo ultrapassado. Por outro lado, nos cursos de humanas, a psicanálise geralmente é usada como ferramenta interpretativa de fenômenos sociais, de forma exclusivamente

⁴² Por Steven Hollon, psicólogo da Universidade de Vanderbilt, Michael Thase, psiquiatra do Centro Médico de Pittsburgh e John Markowitz, psiquiatra da Universidade Cornell, EUA (ed. 146, mar. 2004, p. 56).

⁴³ Por Sérgio de Gouvêa Franco, psicanalista do Instituto Sedes Sapientiae, ed. 248, set. 2013, p. 44.

⁴⁴ Por Judith Dupont, psicanalista, França (ed. 253, fev. 2014, p. 48)

⁴⁵ Por Pedro Luiz Ribeiro de Santi, psicanalista da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ed. 252, jan. 2014, p. 18)

⁴⁶ Por Susana Muszkat, psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (ed. 256, maio 2014, p. 44)

humanista e sem preocupações científicas, de modo que a aplicação clínica ficaria de lado (Cohen, 2007). Um exemplo de como essa situação aparece na revista é através do tema do autismo, que aparece diversas vezes ao longo do arquivo, mas só é apresentado como algo “polêmico” no caso da psicanálise, na matéria “Autismo e tratamento psicanalítico”, assinada também por Christian Dunker⁴⁷.

Independentemente dos méritos da psicanálise na questão do autismo, para o jornalista a falta de um arcabouço institucional que confira legitimidade e credibilidade representa um entrave para a cobertura da área. Um sinal de que a psicanálise não foi abraçada pelo jornalismo é o fato de que nenhum dos textos com foco predominante nessa abordagem, em nossa amostragem, é assinado por um jornalista (ver Gráfico 4). Ou seja, além de relegado pelo especialista, o leitor interessado mas leigo em psicanálise fica sem um mediador que possa apresentar essa disciplina de forma mais acessível.

Algo que notamos, tendo em vista nossa proposta de analisar a perspectiva subjetiva dentro de um processo de elaboração individual, é que não há em nossa amostra declarações de pessoas comuns sobre o tema das matérias, por exemplo, de portadores de transtorno mental ou pessoas que tentam lidar com alguma das questões em que a ciência serve como parâmetro de comportamento. Esse tipo de declaração não seria esperado nos textos dos colaboradores, mas poderia aparecer nas matérias assinadas por jornalistas. Como esse é um recurso típico do jornalismo, uma hipótese é que a revista considere que tais declarações não estariam de acordo com seu caráter científico. A seção “Caso clínico”, assinada por profissionais variados, poderia ser considerada um espaço em que questões do sujeito são apresentadas. A maioria deles, porém, são casos históricos ou cuja temática não se articula diretamente com as questões contemporâneas abordadas nos textos principais. De qualquer forma, dois casos clínicos chamaram nossa atenção por discutir o diagnóstico psiquiátrico em um processo de significação subjetiva partindo da clínica psicanalítica e serão discutidos no próximo capítulo.

Dessa forma, esse sujeito da ciência, que se apoia nos parâmetros científico do comportamento, aparece de forma indireta e sem voz, como uma espécie de sujeito “objetificado”, ou seja, um sujeito mediado pela ciência e que aparece apenas como objeto

⁴⁷ Assinada junto com Leda Mariza Fischer Bernardino, psicanalista da Associação Psicanalítica de Curitiba e Maria Cristina M. Kupfer, do Instituto de Psicologia da USP (ed. 240, jan. 2013, p. 40-45).

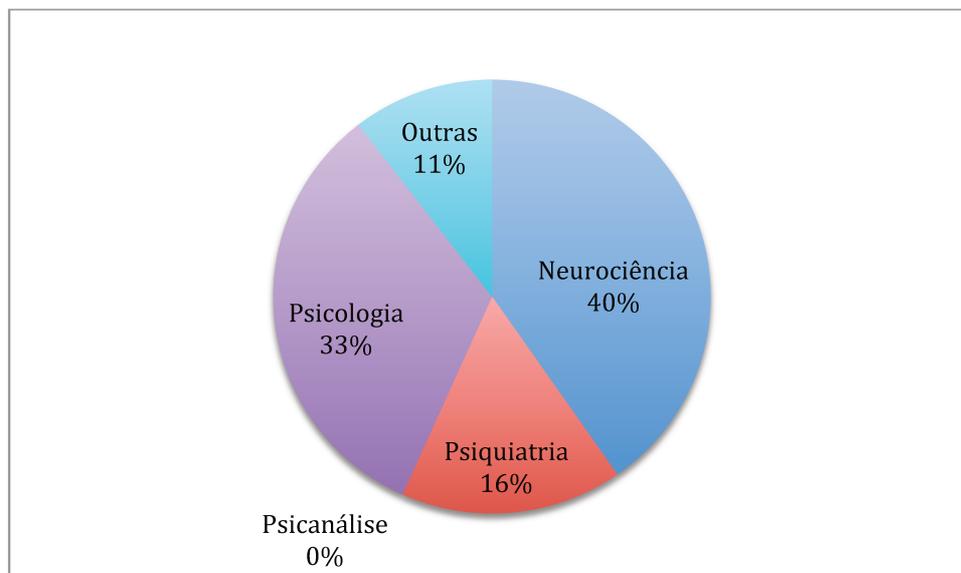


Gráfico 4: Matérias assinadas por jornalistas por abordagem

experimental de pesquisa. Isso remete ao achatamento do espaço da subjetividade na medicalização, especialmente na forma como foi formulada pela matéria sobre o conectoma na revista *Veja*, segundo a qual a ciência um dia poderá, literalmente, eliminar a voz do paciente graças à suposta descoberta da base cerebral dos pensamentos e das emoções.

Embora a revista tenha se mantido fiel à sua fórmula original, ocorreram algumas mudanças significativas ao longo do tempo, sendo que a principal delas é o fato de que a psicanálise ganhou mais destaque após a entrada da editora Gláucia Leal, jornalista, psicóloga e psicanalista, em novembro de 2006. O número de matérias sobre psicanálise foi de apenas três na primeira amostra em 2004-5, para 15 em 2008-9 e 11 em 2013-14 (ver Gráfico 5). A estrutura de seções e colunas também mudou: em fevereiro de 2007 foi criada a seção “Associação livre: notas sobre atualidades, psicologia e psicanálise”; em novembro de 2010 aparece pela primeira vez a coluna “Psicanálise”, de Christian Dunker; e em abril de 2013 a seção não mensal “Psicanálise além de Freud”.

Outra mudança é que o número de matérias assinadas por jornalistas sobe consideravelmente na última amostra. Começa com 18 (13% do total de matérias), depois vai para 14 (15%) na segunda amostra e sobe para 35 (36%) no terceiro ano de amostra. Não sabemos se isso reflete uma tendência, mas os textos dos jornalistas, além de serem muitas vezes mais acessíveis, geralmente são os mais interdisciplinares, com temas mais amplos e baseados em entrevistas com fontes de áreas variadas. Eles não são, porém, necessariamente mais interdisciplinares, já que a psicanálise raramente é abordada.

Assim, é possível perceber que a forma como a revista lida com a interdisciplinaridade passa por adaptações. Na “Carta ao leitor” da edição comemorativa de 10 anos de aniversário⁴⁸, a editora Gláucia Leal comenta, de modo geral, esse processo de mudança da revista:

É como aquela frase de Guimarães Rosa: “Digo: o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. O percurso de *Mente e Cérebro* é bem assim. A cada edição partimos com a bagagem do que já foi experimentado e aprendido, mas sem nos atermos demais a ela para não perder de vista o novo que invariavelmente se apresenta. Lemos, pesquisamos, aparamos arestas, encontramos caminhos. E a cada edição, quando a revista chega da gráfica, descobrimos – sempre surpresos – que ela não está de fato pronta. Periodicamente reaprendemos que é no encontro com o leitor que ela ganha representações e possibilidades, expande-se e estabelece diálogos múltiplos. Deixa de ser apenas papel

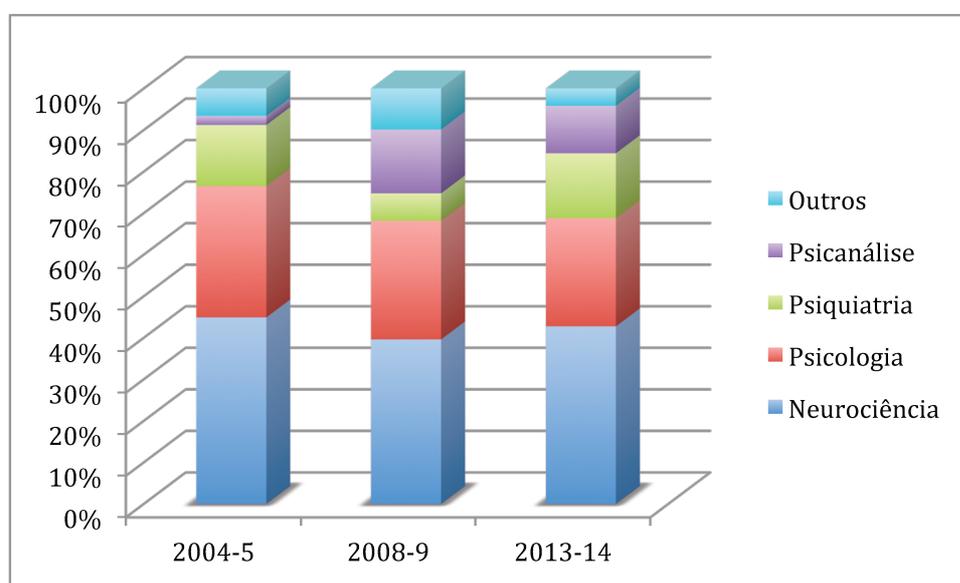


Gráfico 5: Distribuição de abordagens por amostragem

⁴⁸ Ed. 249, out. 2013, disponível em:
http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/percalcos_e_prazeres_da_travessia.html

e tinta, ganha representações. E, nessa ânsia de fazer-se, torna-se, de algum jeito, parte de outras mentes (Leal, 2013, p. 3).

Resumindo, a variedade de abordagens da revista é bastante significativa, agregando pesquisadores de áreas variadas, com espaço equilibrado para as diferentes abordagens nas colunas e seções e grande variedade temática nas matérias. Essa forma de organização da revista, por si só, já estabelece um diálogo interdisciplinar, promovendo uma interação indireta ou intertextual, para usar o termo de Bakhtin (Fiorin, 2008), ainda que se caracterize mais por uma justaposição de abordagens. Esse diálogo também pode ser mais significativo, como acontece nos especiais, em que um conjunto de matérias trata de diferentes aspectos de um mesmo tema, ou quando temas recorrentes são abordados ao longo das edições por prismas variados.

3. DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES

3.1. O diálogo fluido entre neurociência e psicologia comportamental

Ao analisarmos as interações entre áreas na revista, observamos dois níveis de diálogo: um deles é um diálogo fluido e sem conflitos, no qual há maior proximidade entre as partes, que ocorre entre a neurociência e a psicologia comportamental. O segundo é o diálogo entre neurociência e psicanálise, que transpõe a barreira entre biologia e humano e por isso pode apresentar mais conflitos. Nesta parte do trabalho, vamos abordar essas interações do ponto de vista qualitativo, levando em conta os diferentes tipos de diálogo e a forma como eles ocorrem. A revista dedica espaços semelhantes para esses dois tipos de diálogo: em nossa amostra, de um total de 323 matérias, 28 (9%) apresentaram um diálogo com a psicologia e 12 (7%), com a psicanálise. Desse total, o recurso do *box* foi usado 12 vezes no caso da psicologia e 7 no da psicanálise (ver Tabela 2: abordagens nas matérias, anexo 7.4).

A diferença principal, entretanto, se dá na variedade e na qualidade do diálogo entre essas áreas. Neurociência e psicologia comportamental refletem a interdisciplinaridade que já se estabeleceu no universo de pesquisas: muitas matérias com foco em psicologia exploram também aspectos do funcionamento do cérebro, seja no próprio texto ou através do recurso do *box*. Um exemplo de abordagem conjunta das duas áreas é a matéria “O amor é cego”⁴⁹, assinada por Selma Corrêa, jornalista da revista *Mente e Cérebro*, que começa fazendo um paralelo entre paixão e percepção:

A paixão distorce a percepção. Qualquer um que já tenha passado pela experiência do enamoramento sabe disso – nem são necessários muitos estudos sofisticados para chegar a essa conclusão. Ainda assim, o conhecimento empírico ganhou respaldo com a constatação de que, de fato, quando estamos apaixonados tendemos a olhar menos para pessoas atraentes do sexo oposto (Corrêa, 2013, p. 18).

Esse trecho ilustra bem a forma como a ciência é usada às vezes para confirmar o senso comum da perspectiva subjetiva, algo que foi comentado na introdução. A matéria descreve em seguida um experimento que demonstrava que pessoas apaixonadas instadas a lembrar da pessoa amada se distraíam com menor facilidade ao ver uma foto de uma pessoa

⁴⁹ Ed. 251, dez. 2013, p. 18-23.

atraente do que pessoas que não foram estimuladas a pensar no objeto amado. O texto apresenta uma explicação evolutiva para o fenômeno, segundo a qual a falta de interesse por outros indivíduos oferece vantagem reprodutiva e favorece a preservação da espécie. A matéria passa então a explorar aquilo que denomina “efeito ‘analgésico’ do afeto” (p. 21), associado à ação do hormônio ocitocina, que seria capaz de atenuar o sofrimento. Em seguida, descreve experimentos com ratos que, após uma separação, exibem comportamento depressivo associado ao aumento de corticosterona, hormônio do estresse equivalente ao cortisol em humanos. Um *box* de uma página resume os efeitos de diversos neurotransmissores relacionados com as emoções da paixão, e o local de ação no cérebro.

A matéria, que tem como fontes psicólogos e neurocientistas, mostra como é possível combinar esses dois tipos de abordagem de forma harmoniosa. O fato de ser assinada por uma jornalista facilita esse trânsito entre áreas, mas algo semelhante acontece em matérias assinadas por psicólogos e neurocientistas. A matéria “Dentro da mente das pessoas sem culpa”⁵⁰, dos neurocientistas Kent Kiehl e Joshua Buckoltz, dos EUA, apresenta resultados de pesquisa realizada por eles indicando que, embora o psicopata seja capaz de aparentar normalidade, seu cérebro tem uma deficiência que faz com que ele não tenha “acesso aos sentimentos (nem aos próprios nem aos alheios)” (p. 35).

Após discutirem diversos aspectos neurológicos dos psicopatas, os autores apresentam evidências de que os fatores genéticos são responsáveis por 50% do comportamento, sendo o restante adquirido, e abordam questões psicológicas: “Alguns psicopatas são assombrados por uma infância adversa, mas outros são ‘ovelhas negras’ de famílias estáveis” (p. 38). Os autores afirmam que “os psicopatas são mal compreendidos” e que “em parte, os psicólogos são desestimulados pelas evidências de que não há tratamento eficaz para os psicopatas” (p. 38-39). Mencionam, porém, o trabalho do psicólogo Michael Caldwell, que teria tido bons resultados com um trabalho “cujo objetivo é acabar com o ciclo vicioso no qual o castigo por mau comportamento inspira comportamento ainda pior, que por sua vez é punido” (p. 39).

O mesmo tipo de relação também pode ser observado em matérias assinadas por psicólogos, como ocorre em “Inveja: quem está livre dela”⁵¹, por Jan Crusius e Thomas Mussweiler, psicólogos sociais da Universidade de Colônia, na Alemanha. Após uma breve introdução sobre aspectos culturais da inveja e a forma como as pessoas em geral vivenciam

⁵⁰ Ed. 254, mar. 2014, p. 32-39.

⁵¹ Ed. 255, abr. 2013, p. 23-29.

esse sentimento, os autores começam a parte principal do texto situando a inveja no cérebro – ela estaria associada à mesma região onde a dor física é processada. O resto do texto traz uma perspectiva psicológica do assunto, explorando os diferentes tipos de inveja e como lidar com isso – de maneira destrutiva, baseada no ódio ao outro, ou de forma mais produtiva, encarando o outro como um modelo ou estímulo ao desenvolvimento.

Além disso, um *box* explica o efeito da ocitocina, descrevendo experimentos que demonstrariam que o hormônio é capaz de aumentar a inveja; um segundo *box*, assinado por Suzana Herculano-Houzel, afirma que a inveja teria sido ‘localizada’ no sistema de recompensa do cérebro, o que explicaria o suposto prazer com o sofrimento alheio; e há também um terceiro *box*, sobre psicanálise, recurso que será discutido adiante, que menciona aspectos inconscientes da inveja. Um aspecto interessante dessa edição é que a matéria de capa é seguida por “Duas formas de experimentar o mundo”⁵², pela psicanalista Audrey Setton Lopes de Souza, da Universidade de São Paulo. O texto trata da teoria de Melanie Klein sobre a inveja, autora de *Inveja e gratidão* (2006) e uma das principais referências da área, complementando assim de forma interdisciplinar o tema abordado pelo viés da psicologia na matéria anterior. Por outro lado, é um texto bastante complexo para o leigo.

Essa matéria ilustra, assim, uma forma mais pontual de interação entre psicologia e neurociência, através do uso de *box*, geralmente ilustrando mecanismos cerebrais de processos psíquicos descritos no texto. Outro exemplo é “Dentro da cabeça dos outros”, também assinada pela jornalista Selma Corrêa⁵³, que explora o tema da empatia e a capacidade de prever o comportamento alheio através de enfoque psicológico. Nela, um *box* descreve aspectos neurológicos da questão, como alterações no funcionamento cerebral do autista que fazem que com este tenha dificuldade de entender os outros.

3.2. As variedades de diálogo entre neurociência e psicanálise

Nas matérias em que há uma interação entre neurociência e psicanálise não se observa a mesma fluidez do diálogo entre neurociências e psicologia comportamental, pois nesse caso estamos falando de um diálogo entre áreas que tratam de dimensões fundamentalmente opostas: o cérebro e a consciência, por um lado, o inconsciente psíquico e a subjetividade, por outro. Do total de 323 matérias, foram selecionadas 22 (7%) para a análise do diálogo entre

⁵² Ed. 255, abr. 2013, p. 30-35.

⁵³ Ed. 254, mar. 2014, p. 18-21.

neurociências e psicanálise⁵⁴, sete das quais fazem uso do *box* apresentando uma visão psicanalítica do tema (ver Tabela 2: Abordagens nas matérias, em anexo).

Neste grupo de 22 matérias, observamos que há uma maior variedade de tipos de interação, nem sempre harmoniosas, do que entre neurociência e psicologia. Classificamos esses diálogos em: polêmica, com cinco textos; validação neurocientífica da psicanálise, com oito textos; e fusão de abordagens com dez textos (sendo sete deles com uso de *box* - ver Tabela 3: Tipos de diálogo entre neurociência e psicanálise, anexo 7.5). O objetivo desse levantamento é entender a dinâmica desse diálogo, suas limitações e possibilidades, bem como fornecer mais dados para compreender o papel desempenhado pela psicanálise na revista. Matérias sobre psiquiatria também serão incluídas, considerando que ela compartilha com a neurociência a metodologia quantitativa e o reducionismo biológico. A seguir, discutiremos cada tipo de diálogo com alguns exemplos.

3.2.1. Polêmica e discussão

As críticas à psicanálise por uma perspectiva neurocientífica, que abordamos na introdução, praticamente não aparecem em nossa amostra. Há apenas uma entrevista de uma página, depois da matéria “Sonhos ou espuma?”⁵⁵, com o título “Eficácia controvertida”, em que o psicólogo Frank Rösle, da Universidade Philips, de Marburg, afirma que a psicanálise nunca foi posta à prova em experimentos científicos. Esse ponto parece ser parte da tendência da revista de evitar polêmicas. Aparece, porém, uma defesa psicanalítica contra argumentos desse tipo, dez anos depois e no terceiro ano da amostra, na matéria “Psicanálise é ciência?”⁵⁶, assinada pelo psicanalista Christian Ingo Lenz Dunker, da Universidade de São Paulo. O autor afirma que o foco dos ataques não estaria no plano metodológico, mas numa “recusa ética de que a experiência de tratamento se unifique em torno de uma pessoa que sofre” (p. 76). Ele afirma que a psicanálise, assim como a anomalia científica descrita por Thomas Kuhn, poderia vir a transformar a ciência:

Para o autor de *Tensão essencial e Estrutura das revoluções científicas* a anomalia era originalmente um fenômeno reconhecido

⁵⁴ Lista em anexo.

⁵⁵ Por Marianne Leuzinger-Bohleber, livre-docente em psicologia psicanalítica na Universidade de Kassel, Alemanha (ed. 145, fev. 2005, p. 24-31)

⁵⁶ Ed. 249, out. 2014, p. 74-81.

por uma comunidade científica como explicável por determinado paradigma, mas que, não obstante, era refratário à decifração. Admitindo o estado de ciência normal, a anomalia deve ser incluída ou neutralizada pelo paradigma. Quando isso não ocorre a anomalia pode criar crise e, subsequentemente, *revolução científica* fazendo emergir um novo paradigma. Considero que a psicanálise é o análogo de uma anomalia desse tipo [...] (Dunker, 2014, p. 77)

Dunker apresenta ainda outros argumentos, entre eles o fato de que a psicanálise participa de instituições científicas como o CNPq e faz a ressalva de que a dimensão clínica (em qualquer área) não é uma ciência, embora a teoria e a metodologia o sejam. Do ponto de vista jornalístico, esse texto possivelmente tenta responder a uma dúvida concreta dos leitores sobre a validade da psicanálise. Por outro lado, apresenta a psicanálise como área caracterizada pela “polêmica”, algo que não ocorre com as outras disciplinas.

Embora não apareça uma crítica contra a neurociência por parte da psicanálise, encontramos em duas ocasiões uma crítica específica à psiquiatria. Na matéria “Freud e os caminhos da angústia”⁵⁷, Daniel Delouya, psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise, apresenta uma discussão, também pouco recorrente em nossa amostra, sobre as diferenças da abordagem médica da psiquiatria e a da psicanálise. Delouya critica o conceito de patologia psiquiátrica, por não abordar a dimensão psíquica, e assinala que a psicanálise tem uma visão diferente.

A psicanálise, entretanto, nunca se comprometeu com uma nosografia definida. Os quadros clínicos, que Freud retoma da psiquiatria vigente em seu tempo, nunca foram entendidos como presenças concretas e constatáveis de complexos ou organizações patológicas. Serviram-lhe apenas como pontos de saída de um trajeto para compreendê-los no contexto de uma investigação direcionada para o aparelho psíquico (Delouya, 2008, p. 46).

Ele assinala que na psicanálise os quadros clínicos são baseados em estruturas de sentido do universo psíquico, enquanto a psiquiatria descreve e explica os “transtornos e distúrbios” (aspas do autor) baseada em indícios sensoriais dos fracassos do sujeito e no desempenho de funções relativas a seu cotidiano, sem qualquer penetração na dimensão

⁵⁷ Ed. 190, nov. 2008, p. 46-53.

propriamente psíquica. Em “Interfaces entre psicose e psicanálise”⁵⁸, a autora Cláudia Beltran do Valle, psiquiatra e psicanalista do Instituto Sedes Sapientiae, apresenta uma crítica semelhante, firmando que a psicanálise foca o indivíduo e não a doença. Diz ainda que a loucura tem um significado e que o psicótico pode se constituir como agente, e não apenas como paciente, responsabilizando-se pela sua própria vida mental.

Encontramos, em nossa amostra, um único exemplo que faz uma discussão apresentando os dois lados da polêmica. “No limiar onírico”, do neurocientista e psicanalista italiano Mauro Mancina, da Universidade de Milão, é publicado na primeira edição, dentro do especial sobre sono e sonhos. A matéria apresenta um histórico dos estudos neurocientíficos do sono REM, cuja descoberta teria levado neurocientistas a formular a hipótese de que, ao contrário do que a psicanálise propõe, o sonho seria um fenômeno com base biológica, “que prescinde da história pessoal, afetiva e emocional de quem sonha” (p. 48). Dessa maneira, “A entrada das neurociências na abordagem do sonho como fenômeno fisiológico teria introduzido uma transição da análise de seu conteúdo para o estudo de sua forma” (p. 48). O autor menciona que essas hipóteses foram posteriormente contestadas por Mark Solms, como veremos em mais detalhes a seguir, cujas descobertas dariam suporte à teoria psicanalítica sobre o sonho.

Na última página do texto, Mancina compara o estudo do sonho na neurociência com o da psicanálise, afirmando que são abordagens epistemológicas distintas e defendendo o ponto de vista psicanalítico de que o sonho tem significado para o sujeito. Ele explica que o sonho guarda memórias da primeira infância, até os dois ou três anos, fase anterior à verbalização e portanto associada à sensorialidade – experiências essas que, segundo a psicanálise, formariam o núcleo do inconsciente que permanece no adulto. Assim, o sonho conseguiria dar uma forma simbólica a conteúdos vividos originalmente de forma pré-simbólica.

A experiência analítica ensina que o sonho é um processo de ativação interna só em aparência caótico, na realidade, denso de significados determinados pela história afetiva e emocional do sujeito. [...] Diversamente das neurociências, o sonho que interessa à psicanálise é uma história emocional que permite reconstruir, no decorrer do processo analítico, experiências e fatos vividos com a finalidade de

⁵⁸ Ed. 199, ago. 2009, p. 50 -55.

modificar atitudes que podem provocar desconforto ou sofrimento” (Mancia, 2004, p. 51).

O texto de Mancia aparenta ter certo aspecto fundador. Afinal, o pesquisador possuía formação nas duas áreas e apresentava uma discussão equilibrada das duas áreas, um exemplo de texto que tentava juntar as peças do quebra-cabeça, como diz o editorial. Entretanto, essa discussão comparativa não aparece novamente na revista, já indicando algumas limitações práticas da proposta, como a dificuldade de encontrar pesquisadores igualmente qualificados ou um público preparado para lidar com as dificuldades conceituais de articular essas duas áreas.

3.2.2. Validação neurocientífica

Com o lançamento da revista, é publicado no *site* o artigo “A volta de Freud”⁵⁹, de Mark Solms, neurologista e psicanalista sul-africano, mencionado na introdução. Dada a proposta editorial, é surpreendente que o artigo, que apresenta uma proposta de síntese de neurociência e psicanálise – e foi um dos elementos que inspiraram a proposta - não tenha sido incluído na revista impressa. Como vimos na introdução, essa nova área implica uma proposta de mão dupla: a psicanálise forneceria o quadro teórico mais amplo para a neurociência, enquanto a segunda forneceria base científica para a primeira. Solms defende também que a psicanálise pode contribuir para o atendimento de pacientes com lesão cerebral. O aspecto da proposta que será mais explorado na revista, porém, é a validação neurocientífica da psicanálise. Dez meses depois, outro texto do próprio Solms, “A interpretação dos sonhos e as neurociências”⁶⁰, faz isso refutando o argumento de que os sonhos não têm significado subjetivo e apresentando evidências neurocientíficas que apoiam a teoria freudiana dos sonhos.

O questionamento da teoria psicanalítica do sonho se dá a partir da descoberta do sono REM (sigla em inglês para movimento rápido dos olhos), em 1953, uma fase do sono em que “a pessoa está ao mesmo tempo em intenso estado de vigília e completamente adormecida” (p. 28), por isso chamada de sono paradoxal. Alguns cientistas acreditavam inicialmente que os sonhos ocorriam exclusivamente nessa fase e passaram a argumentar que

⁵⁹ Ed. 140, set 2004, texto publicado no *site*

http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/freud_esta_de_volta.html

⁶⁰ Ed. 150, jul.2005, p. 28-36

o sonho era uma resposta fisiológica condicionada ao REM, sendo resultado de estímulos aleatórios, não tendo portanto nenhum tipo de conteúdo significativo para o sujeito (Solms, 2004).

No entanto, a relação direta entre sono REM e sonho foi questionada quando se descobriu que o sonho pode acontecer em todas as fases do sono, e que a supressão do sono REM não o elimina – embora nessa fase os sonhos sejam mais longos. Posteriormente, descobriu-se que o sono REM e sonho são controlados por estruturas cerebrais distintas, o primeiro pelas chamadas estruturas da ponte, no tronco encefálico, próximo da nuca, e o segundo por duas regiões no lobo frontal do córtex cerebral, logo acima dos olhos. Solms cita o neurocientista Jaak Panksepp, para quem essas estruturas teriam a função de fazer o indivíduo procurar satisfazer suas necessidades biológicas ou desejos (Solms, 2004). Uma hipótese compatível, portanto, com a teoria dos sonhos como satisfação de desejos inconscientes proposta por Freud (2006).

Solms ressalta que nem todos os aspectos da teoria psicanalítica haviam sido elucidados e que ainda restava compreender aquilo Freud chamou de trabalho do sonho, que é a elaboração do sonho através de processos mentais denominados de deslocamento, condensação e censura, comentados na introdução (Freud, 2006). Ao mesmo tempo, tenta demonstrar a validade das teorias de Freud à luz da neurociência, defendendo a ideia de que a psicanálise poderá servir como uma espécie de guia de pesquisa neurocientífica:

O quadro do cérebro que sonha, que começou a emergir das mais recentes pesquisas neurocientíficas, é amplamente compatível com a teoria psicológica que Freud desenvolveu. Aspectos das proposições freudianas sobre a mente que sonha são tão consistentes com os dados neurocientíficos disponíveis que seria bastante aconselhável usarmos o modelo de Freud como guia para a próxima fase de nossas investigações neurocientíficas (Solms, 2004, p. 36).

A validação da psicanálise, mais do que sua aplicação na própria neurociência, será o aspecto mais saliente no diálogo entre neurociência e psicanálise ao longo de nossa amostra. Anteriormente ao texto de Solms, já havia sido publicada, cinco meses depois do lançamento da revista, a matéria “Sonhos ou espuma?”⁶¹, por Marianne Leuzinger-Bohleber, livre-docente em psicologia psicanalítica na Universidade de Kassel, na Alemanha. O texto também aborda as polêmicas sobre o sonho e os aspectos fisiológicos do cérebro que

⁶¹ Ed. 145, fev. 2005, p. 24-31.

corroboram a psicanálise. Além disso, faz uma ponte entre as descobertas da neurociência sobre memória e a prática clínica, em especial o fenômeno da transferência.

A autora explica que neurocientistas teriam demonstrado que a memória não funciona como um computador, onde arquivos estáticos são resgatados, mas de maneira dinâmica, em que a memória é reescrita de acordo com o contexto presente. Assim, não seria possível simplesmente resgatar traumas antigos, como arquivos de computador, para eliminar o sofrimento psíquico, porque o trauma seria atualizado constantemente. Da mesma forma, o paciente em análise, muitas vezes, reviveria situações emocionais primitivas quando se relaciona com o terapeuta, atualizando memórias traumáticas, mas agora num contexto que permitiria a reelaboração desses traumas. O texto indica, assim, uma coerência entre o funcionamento da memória no cérebro e a transferência, conceito-chave para a clínica psicanalítica.

Um exemplo de validação neurocientífica da psicanálise um pouco diferente dos anteriores é o texto “Para proteger os bebês”⁶², por Alfredo Jerusalinsky, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. O texto apresenta pesquisa realizada com a participação de psicanalistas, pediatras, psiquiatras e psicólogos que desenvolveu uma metodologia para avaliar precocemente riscos de crianças pequenas desenvolverem transtorno psíquico ao longo da vida. O texto não aborda questões científicas específicas como o sonho, mas se apropria da neurociência de forma mais genérica. A importância da validação da neurociência aparece logo no início:

Durante os últimos 20 anos houve relevantes descobertas no campo das neurociências que permitiram verificar diversas hipóteses clínicas que fundamentaram as intervenções, diagnósticos e terapêuticas desdobradas pela psicanálise desde fins do século 19 até a atualidade (Jerusalinsky, 2013, p. 18).

Ao longo de todo o texto, alternam-se trechos dedicados à neurociência e à psicanálise. Assim, o segundo e terceiro parágrafos falam sobre as descobertas de Freud e seus seguidores sobre a infância, seguido por uma breve explicação sobre neuroplasticidade do cérebro, como fenômeno que corroboraria a possibilidade de transformação do paciente na clínica psicanalítica. Mais adiante, reforça isso afirmando que “é inegável a permeabilidade do sistema nervoso central às intervenções primárias que definem não somente o domínio da língua, mas todo o elenco de modalidades adaptativas, sistemas de parentesco e modulação

⁶² Ed. 249, out. 2013, p. 18

das relações afetivas e sociais imperantes em cada cultura” (p. 21). É provável que essa validação receba ênfase, nesse texto, por ele apresentar um trabalho de psicanálise aplicada elaborado por uma equipe interdisciplinar. Resumindo, embora a validação científica da psicanálise seja tema importante e controverso, o fato de que no jornalismo esse tipo de diálogo seja o predominante reforça a percepção de um papel aparentemente secundário para a psicanálise no debate sobre as relações mente-cérebro.

3.2.3. Fusão de abordagens

Talvez essa seja a forma que resolva de maneira mais harmônica o diálogo geralmente tenso entre neurociência e psicanálise. Nessas matérias, as abordagens são apresentadas de tal maneira que parecem ter continuidade entre si, sem que as diferenças de abordagens, metodologia ou objeto sejam explicitadas, resultando numa espécie de fusão discursiva. Trata-se de uma aplicação da forma jornalística básica, em que diferentes especialistas aparecem como fontes, dando declarações, em reportagens com temas gerais. Em “Sob o peso da culpa”⁶³, de Paola Emilia Cicerone, jornalista científica italiana, o texto estabelece um tom conciliatório logo no início, afirmando que “Sobre uma coisa psicanalistas, psicólogos e médicos pesquisadores concordam: por mais que [sofrer pela culpa] incomode, não sofrer por nada é ainda mais alarmante” (p. 26). A primeira fonte, o psiquiatra Francesco Mancini, da Escola de Psicoterapia Cognitiva de Roma, faz uma distinção entre o que chama de culpa altruística, de alguém, por exemplo, que se pergunta “porque sou tão afortunado?”, e deontológica, caso de alguém que viola uma norma moral e se questiona “como pude fazer isto?” (p. 26). Segundo o psiquiatra, esses sentimentos ativariam áreas diferentes do cérebro, ligadas à capacidade de atribuir aos outros estados mentais, no primeiro caso, e relacionadas ao desgosto, no segundo.

Mais adiante, o psicólogo clínico italiano Nicola Ghezzani afirma: “Pode-se dizer que temos duas identidades, uma individual, ligada a interesses pessoais, e uma sistêmica, de grupo, que funciona pelos interesses de nossos semelhantes” (p. 27). Já o psicanalista Givoanni Foresti, explora aspectos da primeira infância: “Muitas vezes a culpa remete à infância, está enraizada no âmbito inconsciente da personalidade e a pessoa tem dificuldade de lidar sozinha com aquilo que evoca” (p. 30). Para completar as diferentes abordagens, um

⁶³ Ed. 253, fev. 2014, p. 24-31

box fala sobre neurônios-espelho, que teriam um papel nas relações sociais. Portanto, nessa matéria, há uma composição em que abordagens diferentes oferecem explicações para diferentes aspectos do problema, sem apresentar, porém, nenhum tipo de contraste que indique as diferenças disciplinares.

Outro exemplo desse tipo de interação é “A evolução do apego primordial”⁶⁴, por Anna Oliverio Ferrari, psicóloga da Universidade la Sapienza, na Itália, que analisou a relação mãe-bebê nas primeiras fases da vida. A autora começa discutindo aspectos comportamentais genéticos do vínculo afetivo, citando estudos de Konrad Lorenz e Eckhard Hess sobre a ligação mãe-bebê em animais. O comportamento, que teria origem evolutiva, estaria baseado em uma organização cerebral que favorece o apego precoce a um adulto em condições de amamentar a criança. Em caso de falta da progenitora, o filhote se apegaria a outro animal. Esses pesquisadores observaram também que, quando as mães se afastam dos filhotes por muito tempo, o afeto se extingue. O texto ressalta que o bebê tem um papel ativo em conquistar o adulto, não só pelo choro, mas também através a capacidade de aninhar-se e abandonar-se no braço do adulto para receber seus cuidados.

Em seguida, Ferrari cita Donald Winnicott e John Bowlby, estudiosos do apego, explicando que é importante que o bebê sinta que o cuidado não é apenas físico, mas que ele está na mente de alguém que quer o seu bem. “Mais tarde, quando perceber que também ele pode ‘reter’ a imagem dos outros (de suas figuras de apego) na própria mente, se tornará capaz de tolerar as inevitáveis e necessárias separações” (p. 48). Nessa fase, a criança formaria uma espécie de “conceito de si” inicial, “quando adquire um sentimento de confiança e de alegria ou, ao contrário, de desconfiança” (p. 49). O apego permitiria à criança se sentir importante aos olhos dos outros.

O texto combina abordagens diferentes do apego (biologia, psicologia comportamental e psicanálise) de maneira harmoniosa, mas não menciona as diferentes abordagens no texto. Os trechos baseados na psicanálise e em Winnicott são os que acrescentam maior complexidade ao assunto, porque tratam de aspectos inconscientes do bebê ou da mãe (alguns conceitos relativos ao inconsciente citados no texto são simbiose mãe-bebê, falso *self* ou *self* autêntico, figura parental). A autora não menciona, por exemplo, que Donald Winnicott era um psicanalista, e que John Bowlby era um psicólogo dissidente da psicanálise.

⁶⁴ Ed. 150, jul. 2005, p. 44-51.

Um efeito semelhante ao da fusão pode ser obtido também através do uso do *box*, para apresentar uma visão psicanalítica do tema. Esse recurso não aparece no primeiro período da amostra (2004-5), mas é usado duas vezes na segunda amostra (2008-9) e cinco vezes na terceira (2013-14). Na matéria “Vale quanto custa?”⁶⁵, sobre o lado emocional das finanças, há um *box* da psicanalista Vera Rita de Mello Ferreira, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sobre “satisfação de desejos” e a “intolerância à frustração” (p. 46) na perspectiva do psicanalista Wilfred Bion. Em “Prontos para a guerra?”, por Mauro Maldonato, psiquiatra da Universidade de Nápoles, com foco em psicologia comportamental, o próprio autor explora em um *box* os conceitos psicanalíticos de pulsão de morte e pulsão de vida.

Concluindo, a fusão de abordagens tem a vantagem de apresentar perspectivas diferentes num texto acessível ao leitor leigo. No caso específico da psicanálise, seja no texto principal ou pelo uso do *box*, esse formato permite que ela apresente sua perspectiva particular do tema. Uma limitação que se coloca, porém, é que os textos como um todo raramente são pautados por uma visão psicanalítica do tema, de forma que a psicanálise acaba desempenhando, no contexto mais amplo, um papel menor. Dessa forma, essa participação pontual da psicanálise através da fusão, embora desejável, não altera a posição desfavorável que ela assume na revista.

3.2.4. Relato clínico e ressignificação de sintomas pela psicanálise

Como mencionado anteriormente, uma das possíveis maneiras de explorar o processo de elaboração psicanalítica no jornalismo, estabelecendo um diálogo com a abordagem da psiquiatria biológica, seria através dos casos clínicos. A seção “Caso clínico” apareceu pela primeira vez no primeiro ano da revista, quando contava com apenas duas páginas, podendo ser assinada por psicólogos, psiquiatras, psicanalistas e neurocientistas. Nesse primeiro período, encontramos dois textos que chamaram nossa atenção porque abordam a questão dos sintomas por uma perspectiva psicanalítica, oferecendo um exemplo do processo de significação subjetiva que não encontramos em outros textos. A coluna desapareceu a partir do quarto ano da publicação, e voltou no sétimo ano, porém com tamanho bem maior, podendo ter entre seis e oito páginas, e com caráter mais científico ou

⁶⁵ Por Nikolas Westerhoff (ed. 196, maio 2009, p. 40-47).

histórico. Embora esse formato novo tenha representado um maior destaque e desenvolvimento para a coluna, por ser mais especializado também afastou a possibilidade de um diálogo mais significativo entre áreas. Nesta seção, abordaremos os dois textos do primeiro período.

Em “Sintoma banal, situação complexa”⁶⁶, a psicanalista Maria Stela de Godoy Moreira, da Sociedade Brasileira de Psicanálise, apresenta o caso de uma criança com sintomas como enurese, regurgitação do leite materno e anorexia leve. A psicanalista afirma ter percebido que a mãe da criança tem um comportamento excessivamente controlador, interferindo constantemente na vida da filha e criando um ambiente instável. No contato com a menina no consultório, porém, a psicanalista percebe que a criança teria encontrado um espaço protegido para brincar e se desenvolver, sem as interferências da mãe. Levanta então a hipótese de que a enurese - ao contrário da teoria tradicional, pela qual o sintoma representaria um pedido de socorro - seria na verdade uma forma de proteção, como se fosse uma tentativa da filha de colocar barreiras ao comportamento excessivo da mãe. O texto é um exemplo de como a psicanálise, através da clínica, busca contextualizar os problemas médicos ou psicológicos do ponto de vista emocional.

O segundo exemplo é “O pânico visto pela psicanálise”⁶⁷, do psicanalista Claudio Castelo Filho, também da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. O autor argumenta que o sintoma do pânico não precisa ser visto necessariamente como uma doença que caracteriza uma perturbação mental que deveria ser eliminada, mas como um indicador dos aspectos saudáveis do paciente. Nesse caso, o autor não faz propriamente um relato do caso, mas parte de uma situação clínica para refletir sobre o desenvolvimento de mecanismos psíquicos.

Castelo menciona um paciente com sintomas de pânico que, durante as sessões, parecia visivelmente incomodado e desconfortável, mas permanecia quieto. Instado a falar sobre o incômodo, o paciente revela ao psicanalista que estava “[...] irado por, na sessão, perceber que o que sentia não era o que gostaria de perceber nem sentir. Os pensamentos que ocupavam sua mente não eram aqueles que desejaria ter, e o que lhe passava pela cabeça o contrariava” (p. 94). Diante disso, o psicanalista comunica ao paciente que o pânico talvez indicasse que a tentativa de negar a realidade era um recurso que não estava funcionando e que, por isso, ele seria na verdade uma reação saudável. Ao negar a realidade psíquica, o

⁶⁶ Ed. 147, abr. 2005, p. 96-97.

⁶⁷ Ed. 143, dez 2004, pg. 94-95.

paciente estaria tentando destruir a própria percepção, sentindo-se indefeso, vulnerável e, conseqüentemente, em pânico. O paciente estaria se esforçando para viver em uma espécie de alucinação, em que a realidade se conformaria aos seus desejos – segundo o psicanalista, um tipo de estado mental mais corriqueiro do que se imagina. Para desenvolver esses novos recursos, seria preciso tolerar a dor dos sintomas, para entrar em contato com aquilo que realmente incomoda o paciente. Portanto, abre-se aqui um caminho para nossa personagem, mas seu sucesso depende de sua capacidade de tolerância ao sofrimento. Castelo explica assim o papel da análise:

O paciente que nos procura espera encontrar na relação com o analista recursos mais desenvolvidos e eficazes para enfrentar a realidade e usufruir o que a vida realmente tem a oferecer. Seus mecanismos habituais, no entanto, só poderão ser deixados de lado e entendidos como obsoletos ou contraproducentes à medida que o paciente se desenvolver e passar a dispor de algo mais favorável para sua vida (Castelo, 2004, p. 95).

Esse tipo de texto, ainda que curto e localizado no arquivo apenas em seu início, apresentam questões bastante relevante para este trabalho. Em ambos os casos, o texto ilustra a forma como o psicanalista busca ir além do diagnóstico médico ou psiquiátrico para encontrar um significado particular para os sintomas. Mais do que isso, a interpretação do psicanalista, de alguma forma, parece contrariar esse diagnóstico: no caso da enurese, não se trata de um pedido de socorro, mas de uma forma de afastar cuidados excessivos; no caso do pânico, os sintomas representam um aspecto saudável do paciente, quando percebe que está negando a realidade e isso não lhe faz bem. Apesar disso, não há nesses textos um confronto de abordagens propriamente dito. Castelo chega a fazer no texto uma rápida crítica ao uso da medicação, mas essa crítica é um elemento periférico, sendo que desde o início o texto é apresentado como uma abordagem alternativa à da psiquiatria biológica, e não como uma polêmica.

Nos parece que esse tipo de abordagem poderia ter se infiltrado nos textos sobre psiquiatria, introduzindo uma visão humana sobre os transtornos, mas de um total de 23 casos nos três primeiros anos, esses dois foram os únicos que encontramos com essas características. Curiosamente, esse último texto trata do mesmo assunto que a edição sobre transtorno do pânico que examinaremos em seguida, publicada nove anos depois, mas o tipo de abordagem proposta por ele não aparece dessa vez.

3.3. O sujeito em pânico

Para exemplificarmos os diversos aspectos do diálogo entre neurociência e psicanálise neste trabalho, escolhemos uma edição da revista *Mente e Cérebro* para examinar em mais detalhes. Uma revista interdisciplinar baseada na colaboração de pesquisadores e com a variedade temática de *Mente e Cérebro* não pode, evidentemente, ser reduzida a uma edição. Nossa escolha foi feita com o objetivo de ilustrar um aspecto central de nossa análise, que é o achatamento da perspectiva subjetiva diante do discurso neurocientífico predominante. Para tanto, vamos nos deter em alguns dos elementos da edição sobre transtorno do pânico⁶⁸. Nossa análise será feita por meio de uma personagem imaginária inspirada na moça da capa, uma pessoa bem instruída mas que sofre com sintomas supostamente atribuídos ao transtorno e que procura se informar sobre sua condição nas páginas da revista – para facilitar, vamos chamá-la de *Paula*. Dessa maneira, ela não corresponde ao leitor médio e não se presta a discutir as reações do público em geral, mas é uma personagem cujas características interessam para nossa análise em particular. Na capa ela aparece com os olhos arregalados, boca aberta e cabelos ondulados esvoaçantes, e seu olhar desesperado parece tentar se desviar das palavras “Transtorno de Pânico”, com “Pânico” escrito



Figura 11: Diagnóstico em evidência

⁶⁸ Ed. 249, out. 2013. Sumário disponível em:

https://www.lojasegmento.com.br/produtos/?transtorno_de_panico&idproduto=3082&action=info. Acesso jun. 2015.

em letras garrafais, evocando uma barreira ou estigma difícil de superar. O mar de cabelos, que se espalha por todos os espaços vazios, reforça a sensação de afogamento e impotência diante do desafio. Na parte de cima, para onde se dirige seu olhar, destacam-se as palavras *Mente e Cérebro*, um título atraente mas, talvez um pouco enigmático para quem está em meio a uma crise aguda.

Abaixo do título, aparecem três chamadas. A primeira, de cima para baixo, é sobre outro diagnóstico: “Síndrome de Tourette: o estranho caso do homem que late sem querer”, mais uma bizarrice ameaçadora e incompreensível da mente humana. Logo abaixo, a chamada “A predisposição para ver fantasias” parece justificar o pânico, presos que estaríamos em um mundo de ilusões. A terceira chamada é sobre “autoconsciência” – indicação, talvez, de um caminho possível de autoconhecimento para lidar com o problema. A descrição da matéria, porém, parece acrescentar mais dúvidas e incertezas existenciais: “Tem certeza de que você é você mesmo?” O autoconhecimento remete, também, à psicanálise, e talvez esse seja um caminho viável. No canto superior direito, uma chamada menciona essa possibilidade, porém dentro de uma polêmica que parece questionar a sua validade: “Psicanálise é uma ciência?” Possivelmente não, talvez seja apenas um beco sem saída.

Duas faixas vermelhas, em cima e embaixo, parecem comprimir a Paula. A de cima, com os dizeres “Detecção precoce de transtornos mentais”, parece alertar que é preciso estar sempre atento aos perigos da vida mental. Ser racional, porém, poderá acarretar problemas no futuro – pelo menos é o que evoca a chamada “Pais muito racionais e o risco de filhos autistas”. Em seguida, os dizeres enigmáticos “Os sobrenomes da vergonha” e “Substituição da satisfação” não parecem trazer muito conforto. Paula está quase desistindo. Um alento, porém, aparece logo abaixo do título da matéria principal, em letras menores, onde se lê: “Novas intervenções, como técnicas de controle da respiração e de pensamentos, ampliam as opções de tratamento”. Surge finalmente uma esperança de poder controlar a situação, e o olhar de nossa personagem se volta para a concretude física do corpo e do pensamento consciente. Antes de ir para a matéria principal, porém, Paula, que é uma leitora voraz, resolve verificar a proposta da edição na “Carta ao leitor” (p. 3), assinada pela editora Gláucia Leal:

Nesta edição de aniversário, com cem páginas, trazemos como eixo temático o medo – a forma como nos relacionamos com seus desdobramentos, com antecipações típicas da ansiedade e de transtorno do pânico, com as contingências psicológicas e ambientais que pregam peças em nossos sentidos, a ponto de nos apavorar. [...]

Ao falar sobre o assunto de capa desta edição com um colega, ele franziu a testa: “Falar de medo na edição de aniversário, você tem certeza? Não seria melhor algo mais festivo?” Sorri. Talvez. Mas acredito que ao trazermos às claras nossos receios ou mesmo pavores, ao nos aproximarmos deles e nomeá-los, é possível vê-los de forma menos assustadoras (Leal, 2013, p. 3).

Paula fica instigada e até surpreendida. Aparentemente, o eixo temático da edição não é um transtorno mental psiquiátrico propriamente dito, como aparece na capa, mas um sentimento comum a todos: o medo. Ela acha a abordagem reconfortante porque a aproxima das demais pessoas, diminuindo a carga simbólica do diagnóstico. Ela nota também uma certa semelhança com as ideias da psicanálise, sobre a qual já havia lido um pouco, e a proposta de trazer à tona seus próprios receios ou pavores para que possa vê-los de uma maneira diferente lhe parece atraente. Ela prossegue então para a matéria principal.

O texto “Em Pânico!”⁶⁹, da jornalista Fernanda Teixeira Ribeiro, da revista *Mente e Cérebro*, faz uma cobertura do tema pela perspectiva da psiquiatria biológica, incluindo um *box* com uma perspectiva psicanalítica. O texto começa com a tentativa de explicar fenômenos mentais através da história evolutiva da espécie. “A psique humana evoluiu em face do medo. Temos uma espécie de *software* - de milhões de anos, um pouco desatualizado, talvez - que traz informações necessárias para nos manter a salvo” (declaração do psicólogo Robert Leahy, da Faculdade Médica Weill-Cornell, p. 32). Essa interpretação evolutiva exerce uma função importante no texto, direcionando o leitor para os aspectos

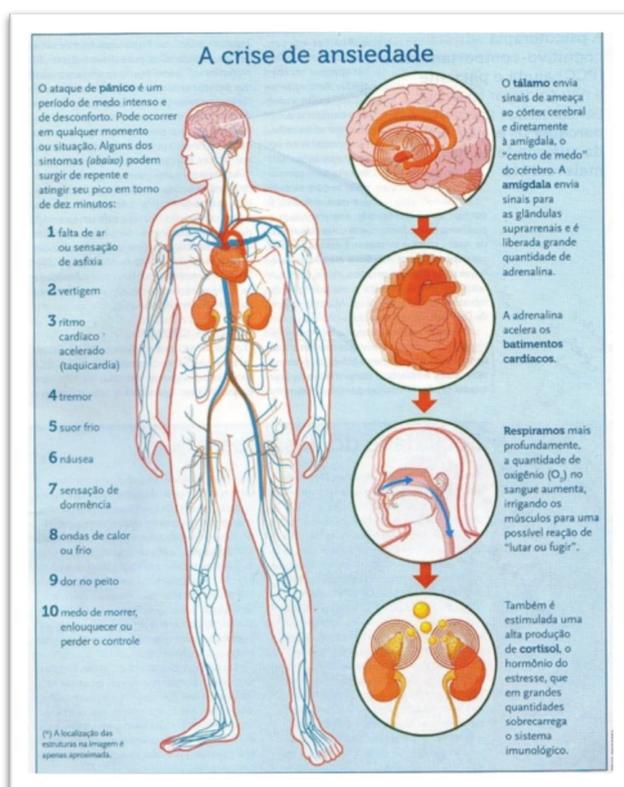


Figura 12: Concretude corpórea (p. 35)

⁶⁹ Ed. 249, out. 2013, p. 32-39.

físicos do problema. Por outro lado, apresenta o medo como algo natural, deixando pouco espaço para discutir dimensões humanas, sejam elas individuais, sociais ou psíquicas. Essa naturalização de um sentimento, porém, permite que a narrativa prossiga - agora no tempo presente - para fazer uma diferenciação entre o que seria o medo “normal” e o “patológico”, abordando aspectos fisiológicos.

Adaptativo, o medo se inicia quando reconhecemos uma ameaça e se dissipa logo que ele cessa. A ansiedade, por sua vez, está associada à antecipação. Ela é natural e nos prepara para enfrentar uma situação que nos desafia ou preocupa, como provas, entrevistas, resultados de exames médicos. Nesses momentos, é normal sentir o coração acelerar, a transpiração e mesmo insônia. Quando o problema é resolvido, [a ansiedade comum] vai embora. Já a ansiedade patológica não desaparece. Ela nos imobiliza e, para não ter de enfrentá-la, fugimos das situações. É crônica e vem sempre acompanhada de sintomas com palpitações, sudorese, tontura, sensação de estranhamento, diarreia”, diz o psiquiatra Antônio Nardi, [...] da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Teixeira, 2013, p. 32-33).

A matéria descreve a definição do transtorno no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais* (DSM), possíveis dificuldades de diagnóstico e síndromes associadas como o transtorno de ansiedade e a agorafobia, medo de ficar preso e se sentir mal. Explica também a influência dos fatores genéticos e menciona a eficácia do tratamento com medicamentos e da terapia cognitivo-comportamental, que teria 85% de sucesso, com poucas recaídas. Esse tipo de terapia expõe o paciente a fatores que causam pânico, visando uma mudança na avaliação da realidade, que pode ser exagerada, diminuindo assim respostas físicas desproporcionais. Um infográfico descreve as mudanças corporais durante a crise de ansiedade, um *box* explica técnicas de controle de estresse e outro *box* explica uma técnica de respiração.

Trata-se, portanto, de um texto completo e bem construído sobre o transtorno do pânico, incluindo informações relevantes sobre cuidados psiquiátricos com a saúde. Por enquanto, porém, o olhar de Paula se voltou para o mundo externo e objetivo do organismo, mas pouco diz sobre o significado pessoal dos sintomas para ela. Ela vislumbra, porém, uma figura desolada e partida no *box* “Sociedade do desamparo” - talvez alguém que, como ela, busque uma maior integração psíquica. Lá ela encontra a visão do pânico pela psicanálise,



Figura 13: Psicanálise em *box* (p. 36)

com trechos da entrevista da psicanalista Lucianne Sant’Anna de Menezes, da Universidade Federal de Uberlândia, disponível no site⁷⁰:

Nós somos seres desamparados. Não há garantias absolutas de nada na vida. Podemos morrer a qualquer momento, mas nem por isso deixamos de viver o cotidiano. “De uma perspectiva psicanalítica, o pânico corresponde a um afeto extremo de angústia despertado pelo confronto súbito do sujeito com seu desamparo”. [...] Ser tomado pelo pânico atesta que a pessoa não conseguiu subjetivar a condição de desamparo. Esta é a motivação básica do pânico, sob um ponto de vista psicanalítico: a perda do ideal protetor ou o medo da perda do amor (Menezes, 2013, p. 36).

Assim, a matéria indica ao leitor que existem duas abordagens diferentes: enquanto a matéria fala sobre aspectos físicos, como sintomas corporais, diagnóstico, medicação, exercícios respiratórios e controle de estresse, o *box* aborda aspectos emocionais e psíquicos, como a sensação de desamparo dos bebês e seu apego à estabilidade. O *box*, entretanto, apresenta alguns trechos ou conceitos abstratos ou difíceis de compreender, como “subjetivar a condição de desamparo” e “perda do ideal protetor”. A psicanalista aparece ainda comentando a importância do tratamento psiquiátrico: “É inegável o benefício de medicamentos na vida desses pacientes, na medida em que aliviam os sintomas, que são terríveis, incapacitantes” (Menezes, 2013, p. 37). Embora essa declaração possa refletir uma preocupação legítima, uma vez que recusar o remédio é um problema recorrente no tratamento de transtornos mentais, obriga a psicanalista a gastar uma parte do seu reduzido

⁷⁰ “Psicanalista fala sobre transtorno do pânico” (ed. 249). Acesso jul. 2015 http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/entrevista_com_lucienne_santanna.html

espaço comentando uma questão que não diz respeito à psicanálise. No *site* da revista, ela não só explica melhor as diferenças entre abordagens como faz algumas ressalvas ao uso da medicação:

O que estou querendo mostrar é que o tema ‘psicopatologia’ é complexo, que não consiste, simplesmente, em descrever e classificar sintomas e quadros clínicos, mas é uma noção que deve ser problematizada, seja na medicina, seja na psicanálise. ‘Psicopatologia psiquiátrica’ e ‘psicopatologia psicanalítica’ se referem, portanto, a campos epistemológicos distintos, o que implica abordagens teórico-metodológicas diferentes no tratamento do quadro psicopatológico do pânico, e que podem se articular. [...] Quero deixar bem claro que não estou fazendo uma crítica à psiquiatria, mas a uma vertente da psiquiatria contemporânea biologizante, que reduz o problema psicopatológico a um neurotransmissor que age no controle das emoções como a serotonina. [...] é fundamental que o paciente não deposite apenas no remédio a reorganização de sua vida e que se coloque em questão ao que acontece com ele (Menezes, 2013).

A psicanalista apresenta ainda um caso clínico de uma paciente diagnosticada com síndrome do pânico, relacionando a origem dos sintomas com suas relações familiares para ilustrar seus argumentos sobre o transtorno, e explica também como a análise pode ajudar a paciente a lidar com os sintomas. O fato de que a entrevista foi editada de modo que esse relato aparece apenas no *site* ilustra a predominância do reducionismo biológico e a ausência da perspectiva subjetiva que observamos, de modo geral, na revista. Além disso, coloca em evidência a opção da revista de não dar destaque à discussão sobre as diferenças entre abordagens, explicadas no *site* de uma maneira didática que não se observa na revista. Uma hipótese é que tanto o didatismo quanto a polêmica não são considerados atraentes do ponto de vista jornalístico. Por outro lado, é um exemplo ilustrativo dos desafios de estabelecer esse diálogo entre áreas, que cai facilmente em polemizações mas encontra dificuldades na hora de construir um discurso coeso que contemple as duas áreas e atenda às expectativas do leitor. Paula, que só terá tempo de ver o *site* depois, prossegue sua busca, na esperança de encontrar mais informações sobre as origens emocionais dos sintomas nos textos assinados por psicanalistas.

A edição do pânico, embora siga a tendência observada na revista como um todo de dar mais destaque à neurociência, é a que conta com a segunda maior proporção de

matérias de psicanálise em nossa amostra: são três matérias de neurociência, três de psiquiatria, três de psicanálise e uma de psicologia. Isso não fica evidente na capa porque, na faixa vermelha superior, duas chamadas para matérias assinadas por psicanalistas não têm uma indicação que evidencie a abordagem. Ou seja, apesar da primeira impressão de uma revista dominada pela neurociência, uma leitura mais cuidadosa revela que se trata, na verdade, de uma edição que apresenta uma variedade relativamente grande de abordagens. Duas dessas matérias, que não estão relacionadas com o transtorno do pânico, já foram analisadas anteriormente: “Psicanálise é ciência” e “Para proteger os bebês”.

Há ainda uma terceira matéria, intitulada “Os sobrenomes da vergonha: melancolia e narcisismo”⁷¹, do psicanalista Jurandir Costa Freire, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, sobre fobias sociais, tema relacionado ao pânico porque remete ao medo. Em vez de abordar os sintomas, que podem ser observados diretamente, o texto trata de mecanismos ocultos que dariam origem à vergonha. A depressão do envergonhado teria origem na sua crença de não possuir predicados para agradar ao outro. Ele elegeria o corpo físico como palco para a expressão de suas deficiências, encontrando todo tipo de defeito e gerando um processo de auto-ódio. O autor fala então sobre o que seria a origem da precariedade narcísica desse sujeito, que acabaria produzindo um discurso de subtração pautado pela falta de qualidades, dificultando o processo terapêutico, uma vez que ele não consegue produzir histórias positivas. Através do autoperdão o indivíduo passaria a se entender como agente responsável por aquilo que antes atribuía ao outro, deixando assim de se esconder atrás da vergonha. O autor afirma que o envergonhado vive um paradoxo:

O sujeito deseja ser reconhecido como objeto de investimento alheio; teme, porém, não possuir os predicados que o outro, supostamente, desejaria que ele tivesse. Resultado: nem quer ser visto nem deixar de ser visto. O paradoxo é o cerne do conflito envergonhado (Costa, 2013, p. 71).

Ele afirma que o envergonhado localiza no corpo as faltas que imagina e que a imagem corporal é submetida a uma inspeção cruel e persecutória. Ao longo do texto ele procura identificar as origens da vergonha na figura da mãe e explora as dificuldades para que o indivíduo em questão se assuma como um agente capaz de transformar a própria vida sem se vitimizar pelas suas dificuldades. Costa prossegue com a explicação do que seria essa depressão: “A depressão da vergonha não é correlata à culpa por um dano real ou imaginário

⁷¹ Ed. 249, out. 2013, p. 70-73

causado ao outro e sim ao sentimento de insuficiência diante do desejo atribuído ao outro” (p. 71). Por fim, uma última característica apresentada no texto é a visão da psicanálise de que o sujeito é responsável pelo seu sofrimento. “A vergonha, a vitimização do ego pelo ego, [...] esconde a existência de um sujeito coautor do seu destino psíquico” (p. 73). Isso se contrapõe à tendência da psiquiatria de localizar o problema no cérebro, esvaziando assim o papel do sujeito como agente da própria vida.

O texto trata de questões de extrema relevância para uma abordagem psicanalítica, complementando a visão psiquiátrica do ponto de vista teórico, tratando dos processos inconscientes e da responsabilidade individual, e é mais um exemplo de como a revista usa a interdisciplinaridade para enriquecer a cobertura dos temas. Do ponto de vista editorial, percebe-se uma preocupação evidente com uma abordagem interdisciplinar e com o papel da psicanálise na discussão do tema. Entretanto, é um texto bastante complexo e que assume uma série de conhecimentos prévios sobre psicanálise por parte do leitor, que deverá dominar conceitos técnicos ou que podem ter um significado particular na psicanálise, como melancolia, depressão, narcisismo, recusa da intenção, recalque, pulsão, mãe-ambiental e mãe-objeto. O trecho abaixo serve de exemplo dessa dificuldade para o leigo:

A recusa da intenção vai além do recalque, pois constrange o sujeito a encenar para si e para os outros a pantomima da morte da alma. A vergonha se assemelha à defesa melancólica, mas o alvo do ódio pulsional é o próprio sujeito e não o objeto incorporado, na acepção do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi da palavra “incorporação” (Costa, 2013, p. 72).

O texto, na verdade, não foi originalmente escrito para a revista, mas como prefácio do livro *Sofrimentos narcísicos*⁷², confirmando, assim, o problema mencionado anteriormente: as dificuldades que o texto de divulgação científica de psicanálise apresenta para o leitor leigo e o fato de que eles geralmente parecem ser dirigidos pelos psicanalistas aos próprios pares. Portanto, um bom texto para iniciados, mas ainda não é aqui que nossa personagem vai encontrar um espaço mais acessível sobre os processos de resignificação subjetiva dos sintomas atribuídos ao transtorno de pânico.

Resumindo nossa análise sobre essa edição, observamos que a capa enfatiza mais a neurociência e a psiquiatria, embora a proporção de matérias sobre psicanálise seja

⁷² Editora Cia de Freud e Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade (Nepecc / UFRJ), 2012.

equivalente. Embora a “Carta ao leitor” indique uma abordagem humanista, deslocando o tema do transtorno do pânico para o medo, sentimento comum a todos, o espaço para explorar a elaboração subjetiva do sofrimento psíquico aparece, em nossa interpretação, de forma reduzida. A matéria principal, ao focar aspectos físicos e a abordagem da psiquiatria biológica, reforça tal impressão, e embora apresente uma perspectiva psicanalítica no *box*, alguns conceitos são muito abstratos para o leigo, e as diferenças de abordagem, polêmicas e caso clínico são discutidos apenas no *site*. A psicanálise, por sua vez, não cumpre a expectativa de apresentar uma abordagem alternativa. A matéria que aborda o tema pela psicanálise desenvolve, no plano teórico, os aspectos inconscientes envolvidos na fobia social, e enfatiza a importância de o sujeito se responsabilizar pela sua condição. Entretanto, do ponto de vista do jornalismo científico, é uma matéria difícil e que parece ser voltada para um público já iniciado.

4. CONCLUSÕES

Nesta dissertação verificamos que a principal característica do debate sobre as relações mente-cérebro é sua interdisciplinaridade, que pode ser entendida como positiva e necessária porque agrupa perspectivas complementares. Na prática, porém, tal debate é marcado por tentativas de desqualificar as abordagens que partem de uma perspectiva subjetiva qualitativa, como a psicanálise, e até a própria psicologia como um todo, nos ataques mais radicais. Supostamente embasados na metodologia científica quantitativa, esses ataques eliminativistas não se baseiam em evidência empíricas sólidas, apoiando-se unicamente no pressuposto filosófico monista, controverso dentro da própria filosofia. A comunidade científica, no entanto, parece abraçar o materialismo como uma verdade inquestionável e última, embora os filósofos há muito tempo reconheçam que a natureza intrínseca, metafísica da matéria não pode ser conhecida. Isso leva, porém, a um ataque insistente ao dualismo, por ser o pressuposto no qual se baseiam as abordagens qualitativas mais tradicionais, embora ele seja um conceito profícuo do ponto de vista filosófico. A grande mídia, por sua vez, pega carona na promessa, sedutora porém especulativa, de “desvendar” a mente por meio de estudos físico-químicos do sistema nervoso.

Essa discussão, porém, não se restringe à filosofia, interferindo indiretamente na vida das pessoas, como procuramos mostrar, embora de forma breve, ao considerarmos o caso das políticas públicas de saúde. Como exemplo, abordamos a discussão sobre medicalização da sociedade que, por meio de uma psiquiatria biológica reducionista, reduz as possibilidades do sujeito sofrimento compreender suas questões de um ponto de vista pessoal. Por outro lado, a história da ciência nos mostra que as preferências por uma ou outra das diferentes abordagens das relações mente-cérebro oscila ao longo do tempo; como houve, em meados do século XX, uma inversão de foco da psicanálise para o reducionismo biológico, hoje se propõe que a psicanálise volte a ter um papel mais relevante. No âmbito teórico, abordamos a proposta da neuropsicanálise, segundo a qual as descobertas da neurociência hoje corroborariam a teoria psicanalítica. Essa colaboração entre neurociência e psicanálise se dá numa via de mão dupla, sendo que primeira ofereceria os detalhes do funcionamento mecânico do cérebro e a segunda o quadro teórico mais geral de funcionamento da mente.

Por ser um veículo especializado, a revista *Mente e Cérebro* - cuja proposta se inspira, em parte, na neuropsicanálise - apresenta uma cobertura mais aprofundada da pesquisa científica, e inova, em nossa visão, ao incorporar a psicanálise como uma abordagem legítima. Isso proporcionou, ao longo dos últimos dez anos, não só uma experiência de

diálogo entre neurociência e psicanálise - na qual esta dissertação se apoia - mas também de cobertura sistemática da psicanálise para um público mais amplo. Nesse contexto, entendemos que recai sobre a psicanálise uma expectativa particular de oferecer um discurso que complemente o das ciências naturais, predominante hoje, apresentando os aspectos qualitativos da elaboração psíquica para o público mais amplo. O que notamos, porém, é que os textos assinados por psicanalistas parecem ser dirigidos aos próprios pares, ou, pelo menos, a pessoas com mais conhecimento da área. Eles tendem a focar aspectos teóricos ou autores específicos, muitas vezes sem estabelecer nenhum tipo de relação com questões de interesse mais geral e frequentemente usando linguagem técnica de difícil acesso para o leigo.

Ao analisarmos os textos em que ocorre um diálogo significativo entre neurociência e psicanálise, percebemos que, nessa interação, esta última tende a ser apresentada de forma subserviente às primeira, seja como foco de polêmica ou como disciplina que precisa justificar sua existência por meio da validação neurocientífica. Em outros casos, ela é apresentada na forma de declarações de um psicanalista que serve como fonte, mas em um contexto no qual as especificidades e complexidades da área não aparecem. Além disso, não há textos sobre psicanálise assinados por jornalistas, de modo que o leitor interessado fica sem um mediador que ofereça material mais acessível. É provável que um dos motivos principais para isso seja a forma como a psicanálise está inserida nas instituições tradicionais de pesquisa, que faz com que ela, possivelmente, não seja identificada pelo jornalista como fonte que tem credibilidade.

O fato de que muitos psicanalistas - entre eles muitos brasileiros - contribuem com textos para a revista reflete, sem dúvida, o interesse em divulgar a psicanálise. No geral, porém, a oportunidade de explorar o pouco espaço que lhes é concedido para atingir um público mais amplo é pouco aproveitada por eles, o que contrasta fortemente com a divulgação de neurociência, voraz em ocupar todos os espaços da mídia e que encontra ótima receptividade de público. Indicamos uma possibilidade que, em nossa opinião, poderia ser mais explorada, que são os relatos clínicos que colocam em questão o processo de resignificação pessoal dos sintomas, apoiado na clínica psicanalítica e complementando a abordagem da psiquiatria biológica reducionista. Essa proposta não implica entrar em polêmicas entre áreas - já que nesse caso a psicanálise é apresentada desenvolvendo um trabalho próprio, que não contradiz a psiquiatria -, mas demonstrar de forma mais clara como essa área funciona na prática.

Assim, o exame do caso da revista *Mente e Cérebro* indica que explorar a psicanálise em suas especificidades no jornalismo e na divulgação científica, desenvolvendo

novas linguagens de divulgação da área, permanece sendo um desafio para psicanalistas que se proponham a explicar ao público a relevância de sua disciplina, especialmente numa época em que predomina o entusiasmo com as descobertas relativas ao funcionamento do cérebro. Por outro lado, acreditamos que o advento da neurociência e sua popularização, ao provocarem novos debates e colaborações interdisciplinares no campo científico, possa representar também para a psicanálise uma nova oportunidade de difusão. Assim, esperamos que esta dissertação possa contribuir para o debate sobre o jornalismo científico das relações mente-cérebro e, em particular, para ressaltar a importância da perspectiva qualitativa subjetiva na constituição de um debate verdadeiramente interdisciplinar e intelectualmente enriquecedor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, A. A. *A psiquiatria no divã: entre as ciências da vida e a medicalização da existência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. *Ebook*, 227 p.
- ARAÚJO, S. F. O eterno retorno do materialismo: padrões recorrentes de explicações materialista de fenômenos mentais. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, 2013, 40(3), p. 114-9.
- _____. *Psicologia e neurociência: uma avaliação da perspectiva materialista nos estudos dos fenômenos mentais*. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. 94 p.
- AZIZE, R. L. Uma neuro-weltanschauung? Fisicalismo e subjetividade na divulgação de doenças e medicamentos do cérebro. *Maná*, Rio de Janeiro, abr. 2008, 14(1), p. 7-30.
- BAKHTIN, M. *Art and answerability: early philosophical essays*. Austin: University of Texas Press, 1990 (edição original 1935).
- BERKELEY, G. *Philosophical works* (Michael R. Ayers, ed.). London, Everyman, 1975.
- BURTON, R. A. *A skeptic's guide to the mind: what neuroscience can and cannot tell us about ourselves*. New York: Saint Martin's Griffin, 2013, 264 p.
- CALAIS, J. B. *et al.* Experience-dependent upregulation of multiple plasticity factors in the hippocampus during early REM sleep. *Neurobiology of learning and memory*, vol. 122, Jul. 2015, p. 19-27.
- CHALMERS, D. J. Consciousness and its place in nature. In: STICH, S; WARFIELD, T (eds.), *Blackwell guide to philosophy of mind*. Liphook: Blackwell, 2003.
- _____. Facing Up to the problem of consciousness. *Journal of Consciousness Studies*, Exeter, 2(3):200-19, 1995.
- CHANGEAUX, J. P.; RICOEUR, P. *What makes us think? A neuroscientist and a philosopher argue about ethics, human nature, and the brain*. Princeton,: Princeton University Press, 2000.
- CHIBENI, S. S. Hume e o dogma do reducionismo. *Kriterion*, Belo Horizonte, 2011, v. 52, n. 124, p. 343-353.
- _____. A kind of “mental geography”: remarks on hume’s science of human nature, 2007. Texto disponível em:
<http://www.unicamp.br/~chibeni/public/mentalgeography.pdf>

- _____. Locke e o materialismo. In: MORAES, J. Q. K. (org.). *Materialismo e evolucionismo*. Coleção CLE, Campinas, 2007, v. 47, p. 163-192.
- _____. Hume e a razão dos animais. In: *Materialismo e evolucionismo III: evolução e acaso na hominização*. MORAES, J. C. K. Q. (org.). Campinas, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, Unicamp, 2014, p. 119-143.
- CHURCHLAND, P. M. *Matter and consciousness*. Cambridge: The MIT Press, 1994. 184p.
- COHEN, P. Freud is widely taught at universities, except in the psychology department. *New York Times*, 25 nov. 2007. Disponível em (acesso em out. 2015)
http://www.nytimes.com/2007/11/25/weekinreview/25cohen.html?_r=0
- DAMÁSIO, A. R. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 360 p.
- _____. Commentary by Antonio R. Damasio. In *Neuropsychanalysis: An Interdisciplinary Journal for Psychoanalysis and the Neurosciences*. Vol. 1, Issue 1, 1999 pages 38-39. Comentário ao artigo “Emotions as viewed by psychoanalysis and neuroscience: an exercise in consilience”, PANKSEPP, J. p. 15-38
- _____. *Descartes' error*. Nova Iorque: Avon Books, 1994. 312p.
- DESCARTES, R. As paixões da alma. In: *Os pensadores vol. 15*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 225-304.
- EAGLEMAN, D. *Incognito – the secret lives of the brain*. New York: Pantheon, 2011. 290 p.
- ECCLES, J. C. *The human mystery: the Glifford Lectures University of Edinburgh, 1977-1978*. Routledge & Kegan Paul, 1984. 255 p.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008. Ebook, 151 p.
- FLECK, L. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010. 205 p.
- FRAZZETTO, G. *What neuroscience can – and can't – tell us about how we feel – joy, built, anger and love*. New York: Penguin Books, 2013. 312 p.
- FREUD, S. Estudos sobre hysteria. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. II*. São Paulo: Imago Editora, 2006. p. 363 (edição original 1893).
- _____. Projeto para uma psicologia científica. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. 1*. São Paulo: Imago Editora, 2006. p. 335-346 (edição original 1895).

- _____. A interpretação dos sonhos. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. IV*. São Paulo: Imago Editora, 2006. p. 363 (edição original 1900)
- _____. *New introductory lectures on psycho-analysis*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1966. 253 p.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. São Paulo: Zahar, 1994. 235 p.
- _____. *Who's in charge?* New York: Ecco, 2012. 272p.
- GUARIDO, R. L. *O que não tem remédio, remediado está: medicalização da vida e algumas implicações da presença do saber médico na educação*, 2008. 116 p. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008.
- HALE JR., N. G. *The rise and crisis of psychoanalysis in the united states: freud and the americans, 1917-1985*. New York: Oxford University Press, 1995. 476 p. Apud TAUBMAN, P. M. *Disavowed knowledge: psychoanalysis, education, and teaching*. London and New York: Routledge, 2011. 224 p.
- HOLLOWCHAK, M. A. Psychotherapy as science or knack? a critique of the hermeneutic defense, *Journal of General Philosophy of Science*, Nova Iorque, 2014, 45:223–238
- HOOPER, J. e TERESI, D. *The 3-pound universe*. Nova Iorque: Macmillan Publishing Company, 1986. 410 p.
- HERCULANO-HOUZEL, S., *O cérebro em transformação*, Ed. Objetiva 2005, 221 p.
- KANDEL, E. *In search of memory*. New York: Norton, 2006, 510 p.
- KLEIN, J. T. Research integration: a comparative knowledge base. In: REPKO, A. F *Interdisciplinarity research: process and theory*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2012. p. 283-298.
- KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos - 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, 398 p.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1970. 257 p (edição original 1962).
- KUPFER, M. C. *Freud e a educação: o mestre do impossível*. São Paulo: Scipione, 2007 103 p.
- MELONI, M. Philosophical implications of neuroscience: the space for a critique. *Subjectivity*, Londres, 2011, vol. 4, 298-322.
- MEZAN, R. Psicanálise e neurociências: uma questão mal colocada. In: JUNQUEIRA FILHO, L.C.U. (org.): *CorpoMente. Uma fronteira móvel*. São Paulo: Casa do

- Psicólogo, 1995.
- MOYSÉS, M. A.; COLLARES C. A. L. O lado escuro da dislexia e do TDAH. In: MEIRA, M. E. M.; TLESKI S.; FACCI M. (Org.) *Exclusão e inclusão: falsas dicotomias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p.42.
- NICOLELIS, M. *Muito além do nosso eu: a nova neurociência que une cérebro e máquinas e como ela pode mudar nossas vidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 552.
- NOË, A. *Out of our heads: why you are not your brain, and other lessons from the biology of consciousness*. New York: Hill and Wang, 2009. 214 p.
- PINKER, S. *How the mind works*. New York: Norton, 1997. 660 p.
- PRADO Jr., B. *Aurora do século XX: onde estamos?* <http://murilocorrea.blogspot.com.br/2010/01/de-volta-ao-seculo-xix-de-bento-prado.html>, 2004 (acessado em maio 2013).
- QUINODOZ, J-M. *Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud*. São Paulo, Artmed, 2007. 326 p.
- RIBEIRO, S. Sonho, memória e o reencontro de Freud com o cérebro. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, 2003, 25 (Supl. II), p. 59-63.
- RODRIGUEZ, P. Talking brains: a cognitive semantic analysis of an emerging folk neuropsychology. *Public Understanding of Science*, Thousands Oak / Londres, v. 15, 2006, p. 301–330.
- ROSE, N. *The politics of life itself: biomedicine, power and subjectivity in the twenty-first century*. Princeton: Princeton University Press, 2007. 350 p.
- ROSE, N; ABI-RACHED, J. M. *Neuro: the new brain science and the management of the mind*. Princeton: Princeton University Press, 2013. 335.p.
- SANTANA, Wandencley Alves. *A midiatização das (neuro)ciências: discurso, ideologia, sujeito*, 2007 (Dissertação de Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- SATEL, S; LILIENFELD, S. O. *Brainwashed - the seductive appeal of mindless neuroscience*. New York: Basic books, 2013. 226 p.
- SCHWARTZ, J. M. e BEGLEY, S. *The mind and the brain*. Nova Iorque: Harper Perennial, 2002. 420 p.
- SIMANKE, R. T.; CAROPRESO, F. A metáfora psicológica de Sigmund Freud: neurologia, psicologia e metapsicologia na fundamentação da psicanálise. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 51-78, 2011.

- SOLMS, M. Freud returns. *Scientific American*, Nova Iorque/Londres, vol. 290 (5) maio, 2004 p. 82-88. Tradução em português disponível em: http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/freud_esta_de_volta.html (acesso em jun. 2015).
- SOLMS, M; TURNBULL, O. H. What is neuropsychanalysis? *Neuropsychanalysis*, Londres, 2011, 13 (2), p. 113-145.
- STAM, R. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 1992. 104 p.
- STAR, S. L. *Regions of the mind*. Stanford, California: Stanford University Press, 1989. p. xvii.
- THORNTON, D. J. *Brain culture: neuroscience and popular media*. New Brunswick, New Jersey and London: Rutgers University Press, 2011. 199 p.
- WEISBERG, D. S. et al. The seductive allure of neuroscience explanations. *Journal of Cognitive Neuroscience*, Cambridge, mar. 2008, 3, p. 470–477.
- WOLF, F. *Nossa humanidade: de aristóteles às neurociências*. São Paulo: Editora Unesp, 2012. 335 p.

6. MATERIAL DE ANÁLISE

Mídia em geral (capítulo 1):

- GIANINI, Tatiana. Cérebro: A mente ao vivo e em cores. *Veja*, São Paulo, 6 mar. 2013, p. 80-86.
- OMETTO, Helena. Cérebro nota 10: como turbinar o seu com dez atitudes simples. *Revista Popular Science*, Bauru, n. 9, 2012, p. 48-53.
- SANTI, Alexandre; LISBOA, Sílvia. O mundo secreto do inconsciente. *Superinteressante*, São Paulo, fev. de 2013, p. 37-46.
- VASCONCELOS, Yuri; BIANCHIN, Victor. *Revista Mundo Estranho*, São Paulo ed. 128, ago. 2012, p.17-27
- VILICIC, Filipi. Afinal, a leitura da mente. *Veja*, São Paulo, 4 de jul. 2012, p. 84-87.

Revista *Mente E Cérebro* (capítulos 2 e 3)

Amostra 1: set. 2004 ago. 2005

Abreviações: Ed. (edição), Ab. (abordagem principal), N (neurociência), Pq (psiquiatria), F (psicanálise), Ps (psicologia), O (outras).

Ed. 140, set. 2004	Ab.
NETO, Mario Rodrigues Louzã. Detecção precoce da esquizofrenia, p. 24.	Pq
GRITTI, Ivana. O mecanismo do sono, p. 34.	N
PALMERINI, Chiara. A epidemia da insônia, p. 42.	Pq
MANCIA, Mauro. No limiar onírico, p. 46.	N
CLAUDI, Folco. Fronteiras tênues da realidade, p. 52.	Pq
VOGELEY, Kai; NEWEN Albert. O que é pensar, p. 58.	O
HÜLSHOFF, Thomas. Louco de raiva, p. 68.	Ps
HITIER, Raphaël; PETIT, Florian; PRÉAT, Thomas. Memórias de uma mosca, p. 74.	N
ILLING, Robert-Benjamin. Das trepanações à inteligência artificial, p. 82.	N
Ed. 141, out. 2004	

- ALTENMÜLLER, Eckart. Acordes na cabeça, p. 24. N
- CAZNOK, Yara Borges. Por todos os sentidos, p. 30. O
- KRAFT, Ulrich. Riso, um instinto vital, p. 34. N
- KRAFT, Ulrich. Ninguém vive sem mentir, p. 40. Ps
- BEUTEL, Manfred; KLIMCHAK, Steve. Remédio ou divã?, p. 46. F
- SCHWARTING, Rainer. As fontes do prazer, p. 52. N
- BARTELS, Andreas; ZEKI, Semir. Cérebro apaixonado em imagens, p. 58. N
- BIERHOFF, Hans-Werner. Mil formas de amor, p. 60. PS
- FERRARIS, Ana Oliverio. Emoções e sexualidade, p. 64. N
- MALLET, Luc. Amar até a loucura, p. 66. Pq
- SEIFFGE-KRENKE, Inge. A escola do amor, p. 68. Ps
- RIBEIRO, Renato Janine. O mito do amor romântico, p. 70. O
- BOCK, Jörg; BRAUN, Katharina. Cicatrizes da infância, p. 74. N
- STROEBE, Wolfgang. Paradoxos alimentares da obesidade, p. 78. Ps
- BLIN, Olivier; SICARD, Bruno. Risco, uma necessidade biológica, p. 86. N
- Ed. 142, nov. 2004**
- GUTFREIND, Celso. Contos e desenvolvimento psíquico, p. 24. Ps
- PALMERINI, Chiara. Doentes imaginários, p. 30. Ps
- MANHART, Klaus. Os limites da simultaneidade, p. 36. N
- KRAFT, Ulrich. Em busca do gênio da lâmpada, p. 44. Ps
- NEUBAUER, Aljoscha. A arte de compreender o desconhecido, p. 52. Ps
- NEUBAUER, Aljoscha. Chaves da inteligência, p. 58. N
- HAMEISTER, Horst. As mulheres guardiãs da inteligência, p.62. N
- GANRY-TARDY, Marie-Noëlle. A dificuldade de ser superdotado, p. 64. Pq
- BRANDT, Roland; HANSER, Hartwig. O enigma de Alzheimer, p. 68. N
- MALDONATO, Mauro. Na linha do mistério – consciência de si, p.74. N
- BREUER, Hubertus. A pílula do esquecimento, p. 82. Pq
- LUMER, Ludovica. Olhos de artista, p.86. N
- Ed 143, dez. 2004**
- KÜHNEN, Ulrich. Pensar à oriental, p.24. Ps
- CHEVALIER, Sophie; MONJARET, Anne. O valor moral da troca, p.30. O
- NOBLE, Florence. Receber presentes: um prazer cerebral, p.34. N
- GASCHLER, Katja. Entre a aventura e o descanso, p.36. Ps

- DAMÁSIO, António; DAMÁSIO, Hanna. Cérebro e linguagem, p. 42. N
- BERTHOZ, Sylvie. Os segredos das emoções, p. 54. N
- KLIMCHAK, Steven. Mensagens cifradas, p. 60. N
- FREDRICKSON, Barbara. Sentimentos positivos – o poder dos bons sentimentos, p. 64. Ps
- GRÜTER, Thomas; KRAFT, Ulrich. Invasão dos sócias, p. 70. Pq
- PACHERIE, Élisabeth. Domínio emocional, p. 76. Ps
- KRAFT, Ulrich. Sobre gênios e loucos, p. 80. Pq
- IZQUIERDO, Ivan. Tipos e mecanismos de memória, p. 88. N
- FILHO, Claudio Castelo. O pânico na óptica da psicanálise, p. 94 (Caso clínico).
- Ed. 144, jan. 2005**
- LEMGRUBER, Vera. As bases neurocientíficas da pesquisa cerebral, p. 24. Ps
- FLORACK, Arnd; SCARABIS, Martin. Poderes invisíveis, p. 30. Ps
- SCHÄFER, Annette. Dentro da cabeça do consumidor, p. 40. N
- BANACHEWSKI, Tobias; ROTHENBERGER, Aribert. Mentis inquietas, p. 44. N
- SCHMIDT, Olaf. Quando o prazer vira tormento, p. 56. Pq
- KRAFT, Ulrich. Admirável (neuro) mundo novo, p. 62. N
- ELGER, Christian *et al.* Manifesto da pesquisa cerebral, p. 72. N
- FEHR, Ernst; RENNINGER, Suzann-Viola. Paradoxo do samaritano, p. 80. Ps
- CICERONE, Paola Emilia. Amigos imaginários, p. 88. Ps
- Ed. 145, fev. 2005**
- LEUZINGER-BOHLEBER, Marianne. Sonhos ou espuma?, p. 24. F
- VALLEUR, Marc. Engrenagens da dependência, p. 32. Pq
- GORWOOD, Philip. Herança genética, p. 40. N
- SONNENMOSER, Marion. Armadilhas da compulsão, p. 46. Pq
- NOBLE, Florence. Risco de recaída, p. 50. Pq
- DIDIERJEAN, A.; FERRARI, V.; MARMÈCHE, E. A mente do jogador de xadrez, p. 56. Pq
- OVADIA, Daniela. A redescoberta dos ritos, p. 62. Ps
- FLORACK, Arnd; SCARABIS, Martin. Pensamentos perigosos, p. 68. Ps
- REICHARD, Daria. Deficiência, desafio para toda a família, p. 76. Ps

- GRUNWALD, Martin. Um mundo de sensações, p. 80. N
- PAÁL, Gábor. Em busca de Vênus, p. 86. Ps
- Ed. 146, mar. 2005**
- SAPOLSKY, Robert. Memórias estressadas, p. 24. N
- KRAFT, Ulrich. Velhos clichês, nova realidade, p. 30. N
- HANSER, Hartwig. Diferentes desde o nascimento, p. 32. Ps
- HAUSMANN, Marcus. Questão de simetria, p. 40. N
- KRAFT, Ulrich. O poder do feminino, p. 46. N
- CICERONE, Paola Emilia. Os cinco sexos do cérebro, p. 50. N
- HOLLON, Steven D.; THASE, Michael; MARKOWITZ, JOHN. Tratamento da depressão: medicação ou psicoterapia?, p. 56. Pq
- KREBS, Claudia; HÜTTMANN, Kerstin; STEINHÄUSER, Christian. O cérebro esquecido, p. 62. N
- NEUMANN, Nicola; BIRBAUMER, Niels. Movidos pelo pensamento, p. 66. N
- ASCHERSLEBEN, Gisa. O despertar do raciocínio, p. 72. Ps
- GRÜTER, Thomas. Poderes ocultos por toda parte, p. 76. Ps
- KLOSINSKI, Gunther. Expulsando os demônios, p. 82. Ps
- PAUEN, Michael. Somos livres para agir?, p. 88. O
- Ed. 147, abr.2005**
- PECORARA, Rossana. As máscaras da timidez, p. 26. Ps
- ALBINI, Andrea. As vozes de Joana, p. 32. O
- SOSIS, Richard. O valor adaptativo do ritual religioso, p. 38. O
- ANGEL, Hans-Ferdinand; KRAUSS, Andreas. O deus interdisciplinar, p. 48. N
- BREUER, Hubertus. Quando morrer é parte da consciência do dever, p. 54. Ps
- LAWTON, Graham. Pessoal e intransferível, p. 62. N
- AMÂNCIO, Edson. Pensar por imagens, p. 68. N
- GROSS, Michael. O terceiro olho, p. 78. N
- SIMON, Bernd. Em sintonia com o coletivo, p. 90. Ps
- MOREIRA, Maria Stela de Godoy. Sintoma banal, situação complexa, p. 96.
(Caso clínico)
- Ed. 148, mai. 2005**
- SACKS, Oliver. No rio da consciência, p. 28. N
- WOLFRADT, Uwe. Estranhamente familiar, p. 38. Ps

GUERRERIO, Gianbruno. Corpo em ebulição, p. 44.	Pq
MALDONATO, Mauro. À beira do nada, p. 50.	Pq
OVADIA, Daniela. Serenidade em pequenas doses, p. 56.	Pq
FERRARIS, Anna Oliverio. Sobrecarga emotiva precoce, p. 60.	Ps
CASTELNUOVO, Rossella. O prazer fundamental, p. 64.	N
VERSTICHEL, Patrick; LARROUY, Pascale. Sem vontade de reagir, p. 70.	N
AYAN, Steve J. Pensamento e ação sincronizados, p. 74.	Ps
SONNENMOSER, Marion. Amigo ou inimigo?, p. 82.	Ps
PEVSNER, Jonathan. Leonardo da Vinci, neurocientista, p. 88.	N
Ed 149, jun. 2005	
VOLICH, Rubens Marcelo. Formas fabricadas, p. 28.	N
MALLOT, Hanspeter A. Bússola biológica, p. 38.	F
MECHSNER, Frans. Movendo-se com o pensamento, p. 46.	N
VIEILLARD, Sandrine. Emoções musicais, p. 52.	N
BIGAND, Emmanuel. Ouvido afinado, p. 58.	N
SCHALLER, Katrin. Acordes curativos, p. 64.	N
KHALFA, Stéphanie. Melodia para os ânimos, p. 70.	O
MONTEIRO, Ricardo. Mano a mano, p. 74.	N
DOTTORI, Maurício. Enigma e poesia na canção, p. 76.	O
MAZZONI, Giuliana. Crimes, testemunhos e falsas recordações, p. 78.	Ps
CICERONE, Paola Emilia. Questão de sorte, p. 86.	Ps
SCIORTINO, Luca. O sorriso de Mona Lisa, p. 92.	N
Ed. 150, jul. 2005	
SOLMS, Mark. A interpretação dos sonhos e as neurociências, p. 28.	N
PERES, Júlio. Reconstrução das memórias traumáticas, p. 38.	N
FERRARIS, Anna Oliverio. A evolução do apego primordial, p. 44.	Ps
MASON, Johann Rossi. O arquétipo da mãe, p. 52.	O
PAUEN, Sabina. Pensar antes de falar, p. 56.	Ps
MASON, Johann Rossi. Desequilíbrio do afeto, p. 62.	Ps
OVADIA, Daniela. Distúrbios do sono, p. 66.	Ps
WAIZBORT, Ricardo. A menteilhada, p. 70.	N
MÄDER, Alexander. As aparências curam, p. 78.	N
ALTOMARE, Edoardo. Intuições noturnas, p. 84.	Ps

CIALDIN, Robert B. A ciência da persuasão, p. 88.	Ps
Ed. 151, ago. 2005	
SCHÖPKE, Regina. A reconciliação com a natureza, p. 26.	O
NASH, Michael; BENHAM, Grant. Provando a hipnose, p. 32.	Ps
ERBA, Marta. Com o órgão de outro, p. 40.	Ps
FREITAS, Estanislau. De peito aberto, p. 45.	Ps
JÄGER, Ludwig. A palavra cria o mundo, p. 48.	N
FRIEDERICI, Angela D. A escuta da mente, p. 56.	N
PAPA, Stefano. Anatomia da frase, p. 60.	N
KRAMER, Katharina. Quanto mais cedo melhor, p. 66.	N
OVADIA, Daniela. Transtorno da linguagem, p. 70.	Pq
FELD, Michael; RÜEGG, Johann Caspar. Cabeça quente, p. 76.	N
MANHART, Klaus. No limite, p. 84.	N
SALADINI, Olivier; LUAUTÉ, Jean-Pierre. A obsessão de colecionar, p. 88.	Pq

Amostra 2: set. 2008 a ago. 2009

Ed. 188, set. 2008		Ab.
HERCULANO-HOUZEL, Suzana. De bem com seu cérebro, p. 28	N	
GUIMARÃES, Suely. Pelos meandros da dor, p. 36	Ps	
BASBAUM, Allan; JULIUS, David. Em busca de alívio, p. 44	N	
NASIO, J. D. Travessias do sofrimento, p. 52	F	
FIELDS, Douglas. Substância branca, p. 60	N	
JERUSALINSKY, Alfredo. A descoberta do mundo, p. 68	F	
LEHRMAN, Sally. Além do x e do y, p. 76	O	
Ed. 189, out. 2008		
HOPPE, Christian; STOJANOVIC, Jelena. A ciência da genialidade, p. 32.	N	
SCHLEIM, Stephan. No rastro do pensamento, p. 44.	N	
ROSS, Philip. Máquinas para ler a mente, p. 52.	N	
HYMAN, Steven. Diagnosticando transtornos, p. 56.	Pq	
GIELER, Uwe; WALTER, Bertram. Coceira: incômodo ou alerta, p. 66.	N	
CHRISTANTE, Luciana. Talidomida, o remédio amargo, p. 70.	O	
GLAUSIUSZ, Josie. O poder oculto do olfato, p. 76.	N	

Ed. 190, nov. 2008

CORRÊA, Selma. Quando o amor acaba, p. 32.	N
LAMBERT, Kelly. Tão fácil que até deprime, p. 38.	Pq
DELOUYA, Daniel. Freud e os caminhos da angústia, p. 46.	F
AMÂNCIO, Edson. Entre a realidade e a ficção, p. 54.	N
SOARES, Christine. A construção do futuro, p. 60.	N
LILIENFELD, Scott; ARKOWITZ, Hal. Na companhia dos bichos, p. 66.	Ps
BEZERRA JR, Benilton; ORTEGA, Francisco. Novas fronteiras da subjetivação, p. 72.	O
GAZZANIGA, Michael. Enigmas da consciência, p. 76.	N

Ed. 191, dez. 2008

STICKGOLD, Robert; ELLENBOGEN, Jeffrey. Dormir e lembrar, p. 30	N
HALL, Stephen. Pílulas para ficar mais esperto, p. 40	N
CAPLAN, Arthur. Cérebros turbinados, p. 48	O
PERES, Julio. Novas fronteiras da psicoterapia, p. 52	N
REINBERGER, Stefanie. Pequenos rebeldes, p. 58	Ps
AYAN, Steve. Motivação na medida certa, p. 66	Ps
WUNDER, Edgar. O silêncio dos astros, p. 76	Ps

Ed. 192, jan. 2009

CHRISTANTE, Luciana. O mistério das vozes sem rosto, p. 32	N
DAMASIO, António R. Quando tudo aconteceu, p. 40.	N
WRIGHT, Karen. Cronômetros celulares, p. 48.	N
LEAL, Gláucia. A construção do future, p. 58.	F
SOUZA, Maria L. Ribeiro. Há esperança na caixa de Pandora?, p. 66.	F
DRISCOLL, Emily. Sem preconceitos, p. 72.	Ps
BEYER, Maria. Mapas da mente, p. 78.	O

Ed. 193, fev. 2009

SIBILIA, Paula. O espetáculo do eu, p. 32.	O
FENKER, Daniela; SCHÜTZE, Hartmut. O fascínio da surpresa, p. 38.	N
WESTERHOFF, Nikolas. Doidos por novidades, p. 44.	Ps
SCHUMACHER, Ralph; STERN, Elsbeth. Quase por acaso, p. 50.	Ps
MARIANO, José António. Os porões da psiquiatria soviética, p. 56.	Pq
BROWN, Steven; PARSONS, Lawrence. Coreografias cerebrais, p. 62.	N

- PASSOS, Maria Consuêlo. Só com papai, só com mamãe, p.68. F
- CHRISTANTE, Luciana. Do fígado para o cérebro, p. 76. N
- Ed. 194, mar. 2009**
- McANDREW, Frank. A sedução da fofoca, p. 36. Ps
- GASCHLER, Katja. A descoberta do outro, p. 46. N
- GASCHLER, Katja. O contágio do sorriso, p. 52. N
- BIELLO, David. Deus no cérebro, p. 60. N
- KRUSE, Andreas. Quando a cura é impossível, p. 66. O
- STORCH, Maja. A construção da felicidade, p. 72. Ps
- DIFRANZA, Joseph, Armadilha da primeira tragada, p. 76. Pq
- Ed. 195, abr. 2009**
- STIX, Gary. Tempero para curar, p. 30. N
- NEWEN, Albert; ZINCK, Alexandra. O jogo das emoções, p. 38. Ps
- ZAPF, Dieter. Sob controle, p. 46. Ps
- TRAUE, Harald. Mímica facial, p. 52. Ps
- ORSER, Beverley. Desvendando a anestesia, p. 58. N
- GASCHLER, Katja. Psicologia da arquitetura, p. 64. Ps
- MELO, Wilson Vieira; FAVA, Débora Cristina. Sob o olhar evolucionista, p. 66. Ps
- SCHIMIDT, Ewelyn. Déjà-vu – momentos revisitados, p. 76. Ps
- Ed 196, maio 2009**
- RAMACHANDRAN, Vilaynur S.; RAMACHANDRAN, DIANE R. Mundo pela metade, p. 28. N
- BUCHANAN, Mark. Por que o dinheiro mexe com sua cabeça, p. 32. Ps
- WESTERHOFF, Nikolas. Vale quanto custa?, p. 40. Ps
- HUBERT, Mirja; KENNING, Peter. Por trás da decisão de comprar, p. 48. N
- CARPENTER, Siri. Sutilezas do preconceito, p. 54. Ps
- AHNE, Verena. Sem palavras, p. 62. Ps
- WICHT, Helmut. Marionetes cerebrais, p. 70. N
- MALDONATO, Mauro. Prontos para a guerra?, p. 74. Ps
- Ed. 197, jun. 2009**
- WILLIAMS, C. *et al.* As 5 idades do cérebro, p. 30. N
- HSU, Jeremy. Era uma vez..., p. 38. F

- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mario. Brincadeiras de palavras, p. 46. F
- HSU, Jeremy. Os encantos da narrativa, p. 52. Ps
- LAUREYS, S. Imagens da consciência, p. 60. N
- SCLIAR, Moacyr. Na casa de Freud, p. 66. F
- LOGULLO, Patrícia. X – frágil, p. 70. O
- CROMBERG, Renata Udler. Sabina Spielrein, a pioneira esquecida, p. 76. F
- Ed. 198, jul. 2009**
- CHRISTANTE, Luciana. Exames de neuroimagem são confiáveis?, p. 30. N
- AYAN, Steve. Rir é o melhor remédio, p. 36. Ps
- WISEMAN, Richard. A piada mais engraçada do mundo, p. 44. Ps
- AYAN, Steve. O tombo do cérebro, p. 52. Ps
- WERBLIN, Frank; ROSKA, Botond. Filmes em nossos olhos, p. 60. N
- JERUSALINSKY, Julieta. O olhar que faz a diferença, p. 68. F
- RAMACHANDRAN, Vilaynur S.; RAMACHANDRAN, Diane R. O poder da simetria, p. 74. N
- SCHÄFER, Annete. Geração celular, p. 78. Ps
- Ed. 199, ago. 2009**
- MARIANO, José Antonio. O mundo psíquico de Calvin e Haroldo, p. 30. F
- BENTALL, Richard. Quando o transtorno bipolar e a esquizofrenia se aproximam, p. 36. Pq
- ASSIS, Jorge Candido; VILLARES, Cecilia Cruz; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. Entre a razão e o delírio, p. 44. Pq
- VALLE, Cláudia Beltran. Interfaces entre psicose e psicanálise, p. 50. F
- FRÓES, Maira. Uma ciência sensível, p. 56. O
- DODICK, David W.; GARGUS, J.Jay. O tormento da enxaqueca, p. 64. N
- MIESENBÖCK, Gero. Cérebro iluminado, p. 72. N
- ORNELAS, César. Entre amigos, p. 78. Ps

Amostra 3: set. 2013 a ago. 2014

- Ed. 248, set. 2013** **Ab.**
- ARKOWITZ, Hal; LILIENFELD, Scott. Ervas para aliviar a ansiedade, p. 18. Pq
- SOUTHWICK, Steven; CHARNEY, Dennis. Preparados para tudo, p. 22. Pq

- STIX, Gary. A neurociência da superação, p. 30. F
- LEAL, Gláucia. Depressão, o grande desafio contemporâneo, p. 38. Pq
- FRANCO, Sérgio de Gouvêa. A criatividade na clínica, p. 44. F
- MARTINEZ-CONDE, Susana; MACKNIK, Stephen. A perder de vista, p. 52. N
- GELDER, Beatrice. A estranha visão dos cegos, p. 58. N

Ed. 249, out. 2013

- JERUSALINSKY, Alfredo. Para proteger os bebês, p. 18. F
- BARON-COHEN, Simon. Pais racionais, crianças autistas, p. 26. Ps
- RIBEIRO, Fernanda Teixeira. Em pânico!, p. 32. Pq
- ASCHWANDEN, Christie. A curiosa vida de quem nunca sente medo, p. 40. Pq
- MARTINEZ-CONDE, Susana; MACKNIK, Stephen. O que se esconde nas
sombas, p. 46. N
- KOCH, Christof. O cérebro de Buda, p.52. N
- COSTA, Jurandir Freire. Os sobrenomes da vergonha: melancolia e
narcisismo, p. 70. F
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Psicanálise é ciência?, p. 74. F
- MÜNCHAU, Alexander. O caso do homem que late, p. 82. Pq
- CORRÊA, Selma. Autoconsciência, uma conquista da mente, p. 88. N
- MENEZES, L. S. Psicanalista fala sobre transtorno do pânico. Disponível em:
http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/entrevista_com_lucienn_e_santanna.html (Acesso em jul. 2015).

Ed.250, nov. 2013

- KOCH, Christof. Sob o efeito de alucinógenos, p. 18. N
- DUNLOSKEY, John *et al.* Aprendizagem: o que (de fato) funciona, p. 22. Ps
- KEIM, Brandon. A ciência da letra, p. 32. N
- MIGHTON, John. Por amor à matemática, p. 40. O
- HIRSCHHAUSEN, Eckart. A força do pensamento versus a sedução do
chocolate, p. 48. Ps
- RIBEIRO, Fernanda. Para entender melhor a depressão, p. 54. Pq
- INTERLANDI, Jeneen. Em busca de jeitos de chegar ao cérebro, p. 58. N

Ed. 251, dez. 2013

- CORRÊA, Selma. “O amor é cego”, p. 18. N
- RIBEIRO, Fernanda Teixeira. A dieta da inteligência e do bom humor, p. 24. N

- NASCIMENTO, Renata. O cérebro também engorda, p. 32. N
- MARTINEZ-CONDE, Susana; MACKNIK, Stephen. Lugares escuros e brilhantes da mente, p. 38. N
- CHAMORRO-PREMUZIC, Tomas; STEINMETZ, Christopher. À procura do emprego (ou do funcionário) dos seus sonhos, p. 44. Ps
- MOYER, Melinda Wenner. Entre o certo e o errado, p. 50. Ps
- COOK, Gareth. Adoráveis manipuladores, p. 52. Ps
- SCHAAL, Benoist; DELAUNAY-EL ALLAM, Maryse. Um cheiro que vem da infância, p. 56. N
- HENIG, Robin Marantz. Antidepressivos: menos eficientes do que gostaríamos, p. 62. Pq
- Ed 252, jan. 2014**
- SANTI, Pedro Luiz Ribeiro. Conectividade, compartilhamento e implicações subjetivas, p. 18. F
- KRAKOVSKY, Marina. Como a ciência pode ajudar você a realizar seus planos, p. 24. Ps
- WIEDERMAN, Michael. Pausa para pensar na morte, p. 32. Ps
- NOWAK, Martin. Solidariedade para sobreviver, p. 42. Ps
- LILIENFELD, Scott; ARKOWITZ, Hal. A vida em desordem, p. 50. Pq
- NESTLER, Eric. Interruptores do cérebro, p. 54. N
- Ed 253, fev. 2014**
- EPSTEIN, Robert. Gente quase grande, p. 18. Ps
- CICERONE, Paola Emilia. Sob o peso da culpa, p. 24. Ps
- ARNOLD, Carrie. Algo errado no corpo, p. 32. N
- ALBRECHT, Jessica; WIESMANN, Martin; HAEGLER, Katrin. O cheiro do medo, p. 42. N
- DUPONT, Judith. Jogo de palavras entre Freud e Ferenczi, p. 48. F
- NICOLELIS, Miguel. Mente em movimento, p. 56. N
- TEHOVNIK, Edward. Do cérebro para a máquina, p. 64. N
- GAGE, Fred; MUOTRI, Alysson. O que torna seu cérebro único, p. 70. N
- Ed. 254, mar. 2014**
- CORRÊA, Selma. Dentro da cabeça dos outros, p. 18. Ps
- CROCKER, Jennifer; CARNEVALE, Jessica. Armadilhas da autoestima, p. 22. Ps

- KIEHL, Kent ; *BUCKHOLTZ*, Joshua. Dentro da mente das pessoas sem culpa, p. 32. N
- JABR, Ferris. Jogos e drogas, p. 46. N
- GOLEMAN, Daniel. Em foco!, p. 50. Ps
- CORRÊA, Selma. Agenda cheia demais prejudica desempenho, p. 56. N
- BAPTISTA, Angela. Canções no divã, p. 58. F
- BARTHOLET, Jeffrey. Riscos da colisão, p. 62. N
- Ed. 255, abr. 2014**
- VAN DER LINDEN, Sander. O fascínio das teorias da conspiração, p. 18. Ps
- CRUSIUS, Jan; MUSSWEILER, Thomas. Inveja: quem está livre dela?, p. 22. Ps
- LOPES DE SOUZA, Audrey. Duas formas de experimentar o mundo, p. 30. F
- MARTINEZ-CONDE, Susana; MACKNIK, Stephen. As visões de David Hubel, p. 38. N
- RIGHETTO, Germanna. Quando "outro alguém" assume o comando, p. 44. Pq
- MEYER-LINDENBERG, Andreas. Cidades enlouquecedoras, p. 48. Pq
- SERGO, Peter. Para combater os efeitos da cocaína, p. 54. Pq
- LANGE, Nicholas; MCDOUGLE, Christopher. Desafios do autismo, p. 60. Pq
- Ed. 256, maio 2014**
- LAIMAN, Jenni. Músicas que curam, p. 18. N
- RIBEIRO, Sidarta. Sonhos podem prever o futuro?, p. 22. N
- CORRÊA, Selma. O fantasma das provas, p. 32. Ps
- MACKNIK, Stephen; MARTINEZ-CONDE, Susana. Escondido diante dos olhos, p. 38. N
- MUSZKAT, Susana. A violência como expressão da falta de poder, p. 44. F
- STANNERS, Lila. Onde mora a beleza, p. 48. N
- RIBEIRO, Fernanda Teixeira. Para combater o Alzheimer, p. 50. N
- CORRÊA, Selma. Pistas que vêm do coração, p. 58. O
- JABR, Ferris. Por que seu cérebro prefere o papel, p. 62. N
- Ed. 257, jun. 2014**
- STROEBE, Wolfgang. Mensagens escondidas, p. 18. Ps
- DENWORTH, Lydia. O cérebro regenerado, p. 26. N
- KENNY, Paul. Compulsão e obesidade, p. 36. N
- WOLF, Christian. Pobreza prejudica a inteligência?, p. 42. N

SAROGLO, Vassilis. Nascemos religiosos?, p. 48.	N
UPSON, Sandra. Pelo direito de ser ateu, p. 56.	Ps
RIBEIRO, Fernanda. Modelos matemáticos do cérebro, p. 64.	Ps
Ed. 258, jul. 2014	
LILIENFELD, Scott; ARKOWITZ, Hal. A verdade sobre a terapia de choque, p. 18.	Pq
JHA, Amishi. Atenção, concentração!, p. 22.	N
VIEIRA, Wilson. Somos todos “psicossomáticos”, p. 32.	F
STIX, Gary. Agulhas contra a depressão, p. 38.	Pq
BASSUK, Shari; CHURCH, Timothy; MANSON, JoAnn. Suar para melhorar o humor e o raciocínio, p. 44.	O
BARROS Fo., Clovis. O mal não é o inverso do bem, p. 52.	O
NORTON, Michael. O ciclo das pequenas maldades, p. 60.	Ps
YONG, Ed. Preconceitos contra si mesmo, p. 64.	Ps
KOCH, Christof. Os primórdios da consciência, p. 72.	N
Ed. 259, ago. 2014	
KOCH, Christof. Você está mesmo no comando da sua vida?, p. 16.	N
HERBERT, Wray. Autocontrole com a ajuda dos outros, p. 24.	Ps
RIBEIRO, Fernanda. <i>Cannabis sativa</i> – o que a neurociência tem a dizer, p. 28.	N
CORRÊA, Selma. A verdadeira diferença entre os sexos, p. 38.	N
PARKER, Ian. A clínica da ausência e da presença, p. 44.	F
RAEBURN, Paul. Cadê o papai?, p. 50.	Ps
ROSENBLUM, Lawrence. Olhos para ouvir, ouvidos para ver, p. 54.	N
KOCH, Christof; TONONI, Giulio. Como reconhecer a consciência, p. 62.	N

7. ANEXOS

7.1. Entrevista com Ana Claudia Ferrari

Editora da revista *Mente e Cérebro* entre set. 2004 e out. 2006. Entrevista concedida ao autor desta dissertação por e-mail em 14 de junho de 2015.

Qual foi o primeiro país a lançar uma revista do grupo?

A primeira edição da revista *Viver Mente&Cérebro* [grafada na época dessa maneira] foi lançada em setembro de 2004. A revista original nascera em 2002 e, ao contrário do que se pensa, isso não aconteceu nos Estados Unidos, mas na Alemanha. *Gehirn und Geist* foi um projeto do editor Carsten Koenneker (hoje editor chefe da *Spektrum der Wissenschaft*, a *Scientific American* na Alemanha) que se espalhou pelos países que publicavam/publicam a *Scientific American*. As três primeiras edições estrangeiras foram *Cerveau&Psycho* (França), *Mente&Cervello* (Itália) e *Swiat Nauki Umysl* (Polônia). O Brasil foi a quarta, e chegou ao segundo lugar em circulação depois da *Scientific American Mind*, lançada como revista bimestral nos Estados Unidos logo depois, em dezembro de 2004).

Como surgiu a ideia de incorporar a psicanálise como tema?

No momento em que fizemos a parceria com a *Scientific American* (via nossos parceiros alemães), tivemos absoluta liberdade para estruturar uma revista que fizesse sentido para o público brasileiro. A ideia desde o início era não só trazer o que havia de mais atual nas pesquisas desenvolvidas por europeus e americanos, ligados a institutos de pesquisa de ponta internacionais, e jornalistas especializados, traduzindo um material de excelente qualidade e sempre acessível, mas também produzir um conteúdo relevante para o Brasil. E naquele momento, embora a *Gehirn und Geist* não tivesse incluído a psicanálise na sua grade fixa de áreas a serem cobertas, a interdisciplinaridade despontava como o caminho mais promissor nas discussões entre estudiosos da área da saúde mental e das ciências da mente. Pontes começavam a ser criadas entre a psicanálise e as neurociências (Mark Solms, Sidarta Ribeiro, para citar apenas dois) e conhecendo o peso que a psicanálise tem no Brasil, optamos por

incluí-la na edição brasileira. Fazia todo sentido, e sabendo que o conhecimento do cérebro, da mente e do comportamento humano abrange muitas áreas, *Mente&Cérebro* deveria incluí-las todas.

Sobre a psicanálise, acho que a *Mente&Cérebro* teve um papel muito importante na divulgação dessa área, com o lançamento de uma coleção como a *História da Psicanálise*, que fez muito sucesso. Encontramos um público ávido por informações sérias porém mais acessíveis nessa área. Aliás, em todas. *Doenças do Cérebro* foi outra coleção com muita repercussão, o que se traduziu em circulação, por isso o lançamento de *Livro do Cérebro*.

Por que a numeração da revista começou com o número 140?

A editora Segmento, cujo dono era também um dos sócios da editora Duetto, publicava uma revista de psicologia havia 13 anos, chamada *Viver Psicologia*. Sua última edição foi a número 139. A publicação tinha uma base de assinantes com quase 20 mil pessoas e por isso a Duetto decidiu comprar a *Viver Psicologia* da Segmento e lançar a *Viver Mente&Cérebro* (nome inicial da publicação, que depois perdeu o *Viver*). Embora a *Viver Psicologia* tivesse uma abordagem e um enfoque completamente diferentes da proposta da *Mente&Cérebro*, achávamos que esse público certamente gostaria de ver novos conteúdos e novas discussões teóricas abordadas na sua revista. Não foi o que aconteceu, o que no fundo não era tão surpreendente. Perdemos muitos assinantes da base da *Viver Psicologia* e, obviamente, conquistamos um outro público, com perfil mais aberto para pensar a complexa maquinaria cerebral e investigar os segredos da mente com ferramentas novas. Queríamos na verdade apresentar a busca de novas soluções para antigos problemas, ajudando a responder questões fundamentais que obviamente continuam sem resposta definitiva: O que é o ser humano? O que é a consciência, como o contato de células nervosas produz pensamentos e sentimentos? Como cérebro e mente interagem?

O projeto tinha independência editorial em relação à *Scientific American*?

Absoluta. Tínhamos uma relação de confiança e parceria e eles sabiam da nossa dificuldade em fazer revistas de divulgação científica de qualidade no Brasil (lembrando que a Duetto foi pioneira nisso, tendo em seu portfólio a *Scientific American*, a *Mente&Cérebro*, a *História Viva*, entre outras). Mas isso acontecia com cada país em que eles fechavam acordos de licenciamento ou *joint-ventures*. Com a experiência da publicação da *Scientific American* em

países tão diversos como Polônia, China, Brasil ou Bélgica, eles sabiam que as revistas precisavam produzir um conteúdo relevante para seu público e que os artigos das revistas originais, embora apresentassem discussões sem fronteiras, por assim dizer, não seriam o bastante para fazer o leitor de cada país assinar ou comprar a edição em sua língua. A questão estava muito longe de ter uma edição traduzida, ela precisava ser ajustada para cada país e, no nosso caso, tropicalizada'. Tínhamos independência total na escolha das matérias que iríamos traduzir, nas que iríamos produzir, nos especiais que concebíamos, enfim, podíamos fazer a revista em que acreditávamos. Acredito que isso tenha contribuído enormemente para fazermos a revista de sucesso que foi *Mente&Cérebro* desde o início. E os colonistas iniciais que convidamos para escrever todo mês na revista, Sidarta Ribeiro e Moacyr Scliar, nos ajudaram enormemente neste sentido.

7.2. Primeiro editorial da revista *Mente e Cérebro*

Convergência de Saberes⁷³

Ao abrir a primeira página de *Viver Mente&Cérebro*, muitos leitores certamente estarão tomados por um misto de curiosidade e de inquietação. Afinal, uma revista que se propõe juntar as peças do quebra-cabeça da mente, do cérebro e do comportamento humanos reunindo ferramentas da psicologia, da psicanálise e das várias neurociências parecerá, a muitos, no mínimo ousada. Ou ainda uma contradição.

Por acreditarmos que os complexos comportamentos que nós, humanos, mostramos requerem abordagens igualmente complexas, seria insensato não recorrer às diferentes disciplinas que se dedicam a decifrar as maneiras pelas quais agimos, aprendemos, pensamos, desejamos, amamos e odiamos e os processos cerebrais e envolvidos nessas atividades, na tentativa de construir um quadro capaz de fornecer inteligibilidade ao nosso mundo interior. Convergência e variedade de saberes só podem facilitar a exploração desse universo labiríntico, povoado de pontes misteriosas entre substâncias químicas, enzimas, hormônios, células nervosas, sinapses e história pessoal, herança genética, memória, cultura, valores, postura, expectativas.

Questões fundamentais acerca de nós mesmos permanecem sem resposta. Talvez nunca as encontremos. Mas *Viver Mente&Cérebro* quer penetrar nos segredos da mente munida de todo o equipamento disponível para essa aventura. Para tanto, volta-se também à filosofia, à literatura, e às artes em busca da essência do homem. A multiplicidade de olhares, mesmo sem conseguir apreender totalmente a percepção causada pelo Trenzinho do Caipira, pelo menos impedirá que a emoção de ouvirmos Villa-Lobos seja reduzida a uma série de interações de neurônios e neurotransmissores ou a uma experiência meramente subjetiva.

⁷³ Publicado na edição inaugural (ed. 140, set. 2004, p. 3)

7.3. Tabela 1: Abordagens nas capas

N: Neurociência Pq: Psiquiatria F: Psicanálise G: Genérico T: Total
e: exclusivo c: compartilhado d: representação direta I: representação indireta

Revista			Ilustração					Chamada principal					
Ano	Data	Ed.		N	Pq	F	NF	G		N	Pq	F	G
2004	set	140		i						c	c	c	
	out	141						1		1			
	nov	142		d						c			c
	dez	143		i									1
2005	jan	144						1			1		
	fev	145						1		c	c	c	
	mar	146		d						1			
	abr	147						1		c			c
	mai	148		i							c	c	c
	jun	149		d									1
	jul	150						1					1
	ago	151						1					1
			d	3	0	0	0	6	e	2	1	0	4
			i	3	0	0	0	0	c	4	3	3	3
			tot	6	0	0	0	6	tot	6	4	3	7
	set	152						1			1		
	out	153						1					1
	nov	154						1				c	c
	dez	155						1					1
2006	jan	156						1					1
	fev	157		d						1			
	mar	158						1					1
	abr	159					1			c		c	
	mai	160						1			1		
	jun	161		d						1			
	jul	162		i						1			
	ago	163						1					1
			d	2	0	0	1	8	e	3	2	0	5
			i	1	0	0	0	0	c	1	0	2	1
			tot	3	0	0	1	8	tot	4	2	2	6
	set	164						1					1
	out	165						1					
	nov	166		d						1			
	dez	167						1					1
2007	jan	168						1		1			
	fev	169						1					1
	mar	170						1			1		
	abr	171		i							c		c
	mai	172						1		1			
	jun	173						1					1
	jul	174						1		c			c
	ago	175						1					1
			d	1	0	0	0	10	e	3	1	0	5
			i	1	0	0	0	0	c	1	1	0	2
			tot	2	0	0	0	10	tot	4	2	0	7

Revista			Ilustração					Chamada principal					
Ano	Data	Ed.		N	Pq	F	NF	G		N	Pq	F	G
	set	176						1					1
	out	177						1					1
	nov	178		d						1			
	dez	179		d									1
2008	jan	180		i						c	c		
	fev	181						1		1			
	mar	182						1			1		
	abr	183		d									1
	mai	184		i									1
	jun	185						1					1
	jul	186						1			1		
	ago	187						1			1		
			d	3	0	0	0	7	e	2	3	0	6
			i	2	0	0	0		c	1	1	0	0
			tot	5	0	0	0	7	tot	3	4	0	6
	set	188		i						1			
	out	189		d						1			
	nov	190		d							1		
	dez	191		i						1			
2009	jan	192						1		c		c	c
	fev	193						1		1			
	mar	194						1					1
	abr	195						1					1
	mai	196		d						1			
	jun	197		d						1			
	jul	198						1			1		
	ago	199						1			1		
			d	4	0	0	0	6	e	6	3	0	2
			i	2	0	0	0		c	1	0	1	1
			tot	6	0	0	0	6	tot	7	3	1	3
	set	200						1					1
	out	201						1					1
	nov	202						1			1		
	dez	203		d						1			
2010	jan	204						1			1		
	fev	205						1					1
	mar	206						1					1
	abr	207		i							1		
	mai	208						1					1
	jun	209						1					1
	jul	210						1		1			
	ago	211						1					1
			d	1	0	0	0	10	e	2	3	0	7
			i	1	0	0	0		c	0	0	0	0
			tot	2	0	0	0	10	tot	2	3	0	7

Revista			Ilustração					Chamada principal					
Ano	Data	Ed.		N	Pq	F	NF	G		N	Pq	F	G
	set	212						1					1
	out	213						1					1
	nov	214						1					1
	dez	215						1					1
2011	jan	216						1					1
	fev	217						1		c			c
	mar	218		i						1			
	abr	219						1					1
	maio	220						1					1
	jun	221		d						1			
	jul	222						1					1
	ago	223		d									1
			d	2	0	0	0	9	e	2	0	0	9
			i	1	0	0	0		c	1	0	0	1
			tot	3	0	0	0	9	tot	3	0	0	10
	set	224		d							1		
	out	225						1	c				c
	nov	226			d						1		
	dez	227						1		1			
2012	jan	228		d						1			
	fev	229						1					1
	mar	230						1					1
	abr	231						1					1
	mai	232						1					1
	jun	233						1					1
	jul	234		i							1		
	ago	235		d									1
			d	3	1	0	0	7	e	2	3	0	6
			i	1	0	0	0		c	0	0	0	1
			tot	4	1	0	0	7	tot	2	3	0	7
	set	236		i						1			
	out	237		i							c		c
	nov	238						1					1
	dez	239						1					1
2013	jan	240						1			1		
	fev	241						1		c			c
	mar	242						1					1
	abr	243		d							1		
	mai	244						1					1
	jun	245				i						1	
	jul	246						1					1
	ago	247		d							1		
			d	2	0	0	0	7	e	1	3	1	5
			i	2	0	1	0		c	1	1	0	2
			tot	4	0	1	0	7	tot	2	4	1	7

Revista			Ilustração					Chamada principal					
Ano	Data	Ed.		N	Pq	F	NF	G		N	Pq	F	G
	set	248						1					1
	out	249						1			c		c
	nov	250		d									1
	dez	251						1					1
2014	jan	252						1					1
	fev	253						1					1
	mar	254						1					1
	abr	255						1					1
	mai	256						1		c			c
	jun	257		i						1			
	jul	258						1					1
	ago	259						1		1			
			d	1	0	0	0	10	e	2	0	0	8
			i	1	0	0	0		c	1	1	0	2
			tot	2	0	0	0	10	tot	3	1	0	10
	TOTAL		d	22	1	0	1	80	e	25	19	1	57
			i	15	0	1	0	0	c	11	7	6	13
			tot	37	1	1	1	80	tot	36	26	7	70
			tot ilustra: 120						tota chamadas: 139				

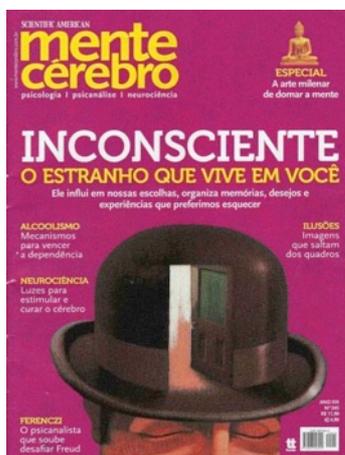
7.3.1. Exemplos de referências temáticas nas capas



Ref. direta à neurociência (jun. 2005)



Ref. ind. à neurociência (jul. 2006)



Ref. ind. à psicanálise (jun. 2013)



Ref. dir. à psiquiatria (nov. 2011)



Ref. dupla à neuroc. e psican. (abr. 2006)



Capa genérica (out. 2004)

Obs: Capas disponíveis para visualização em:

https://www.lojasegmento.com.br/edicoes_avulsas/?revista=mec (acesso em jul. 2015)

7.4. Tabela 2: Abordagens nas matérias

Ed: Edição N: Neurociência Pq: Psiquiatria F: Psicanálise Ps: Psicologia O: Outros T: Total

Revista				Matérias						Assinadas por Jornalista						N+Ps		N+F	
Ano	Mê	Ed.	Tema	N	Pq	F	Ps	O	T	N	Pq	F	Ps	O	T	box	Ps/N	box	N/F
2004	set	140	Sono e sonhos	5	3	0	1	0	9	2	2				4	1	1		1
	out	141	Amor e desejo	7	1	1	4	2	15				1		1		1		1
	nov	142	Intel. e creativ.	6	3	0	3	0	12		2		1		3		2		
	dez	143	Emoções	5	2	0	4	1	12						0				
2005	jan	144	Hiperatividade	4	1	0	4	0	9		1				1				
	fev	145	Dependência	2	4	1	4	0	11				1		1				1
	mar	146	Difer. de Sexos	7	1	0	4	1	13	1			1		2				
	abr	147	Fé	4	0	0	4	1	9						0				
	mai	148	Stress	4	3	0	4	0	11		2		1		3		1		
	jun	149	Música	7	0	1	2	2	12						0				
	jul	150	Vínc. Materno	4	0	0	6	1	11						0	1			2
	ago	151	Transplante	6	2	0	3	1	12	1			2		3	1			
Total 1				61	20	3	43	9	136	4	7	0	7	0	18	3	5	0	5
2008	set	188	Estím. p. mente	3	0	2	1	1	7						0		1		1
	out	189	Genialidade	5	1	0	0	1	7						0	1			
	nov	190	Depressão	4	1	1	1	1	8						0				1
	dez	191	Sono e memór.	3	0	0	3	1	7	1				1	2		1		
2009	jan	192	Tempo	3	0	2	1	1	7	1				1	2				
	fev	193	Aprendizado	3	1	2	1	1	8						0				
	mar	194	Fofoca	3	1	0	2	1	7						0				
	abr	195	Emoções	2	0	0	6	0	8	1			1	2	4	1	1		
	mai	196	Dinheiro	3	0	0	5	0	8				1	1	2		1	2	
	jun	197	Idades do cér.	2	0	4	1	1	8				1	1	2	1			
	jul	198	Humor	3	0	1	4	0	8				1	1	2	1			1
	ago	199	Bipol. e esquiz.	2	2	2	1	1	8						0				1
Total 2				36	6	14	26	9	91	3	0	0	4	7	14	4	4	2	4
2013	set	248	Superação	3	3	1	0	0	7	3					3	1	2		1
	out	249	Pânico	3	3	3	1	0	10	2	1				3	1		1	2
	nov	250	Aprendizado	3	1	0	2	1	7	2					2			2	
	dez	251	Dieta	5	1	0	3	0	9	1	1		3		5		1		
2014	jan	252	Realiz. de planos	1	1	1	3	0	6				1		1				
	fev	253	Culpa	5	0	1	2	0	8	1			1		2	1	1		1
	mar	254	Autoestima	4	0	1	3	0	8				2		2		2		
	abr	255	Inveja	1	4	1	2	0	8		2				2	2		2	
	mai	256	Sonhos	6	0	1	1	1	9	5			1		6				1
	jun	257	Cérebro	4	0	0	3	0	7	3			1		4				
	jul	258	Atenção	1	2	1	3	2	9	1			1		2		1		1
	ago	259	Maconha	5	0	1	2	0	8	2			1		3				
Total 3				41	15	11	25	4	96	20	4	0	11	0	35	5	7	5	6
TOTAL				138	41	28	94	22	323	27	11	0	22	7	67	12	16	7	15

7.5. Tabela 3: Tipos de diálogo entre neurociência e psicanálise

No: Número Ab: Abordagem T: Total

Edição			Tipo de diálogo				
No	Ab	Título	Polêmica	Validação	Fusão		T
					texto	box	
140	N	No Limiar Onírico					
141	F	Drogas ou Divã		1			
142		Consciência de si e consc. mundo					
		Doentes imaginários					
145	F	Sonhos ou espuma	1	1			
150	N	A interpret. dos sonhos e as neuroc.		1			
	Ps	A evolução do apego primordial			1		
Tot			1	3	1		5
188	F	A descoberta do mundo		1			
190	F	Freud e os caminhos da angústia					
196	Ps	Vale quanto custa				1	
	Ps	Prontos para a guerra				1	
198	F	O olhar que faz a diferença		1			
199	F	Interfaces entre psicose e psican.					
Tot			0	2	0	2	4
248	Pq	Depressão, o gde. desafio contemp.			1		
	N	A neurociência da superação					
249	F	Para proteger os bebês		1			
	Pq	Em Pânico				1	
	F	Psicanálise é ciência					
250	Pq	A curiosa vida de q. n. sente medo				1	
	Pq	Para entender melhor a depressão				1	
251	N	O amor é cego					
252	Pq	A vida em desordem					
253	Ps	Sob o peso da culpa			1		
255	Ps	Inveja: quem está livre dela?				1	
	Pq	Desafios do autismo				1	
256	N	Sonhos podem prever o futuro?		1			
258	F	Somos todos "psicossomáticos"		1			
Tot			0	3	2	5	10
TOTAL			5	8	3	7	19

7.6. Tabela 4: Resumo das diferenças entre abordagens

Resumimos aqui algumas das diferenças entre as áreas observadas ao longo deste trabalho, contrapondo psicanálise com as outras áreas, que têm mais afinidade por seguirem a metodologia quantitativa das ciências naturais.

PSICANÁLISE	NEUROCIÊNCIA/PSIQUIATRIA/PSICOLOGIA
Perspectiva interna da vida mental	Perspectiva externa do cérebro
Inconsciente psíquico	Comportamento e cognição
Significado pessoal	Concretude físico-química
Discurso provocativo (ex.: inconsciente, complexo de Édipo)	Projeto institucional respeitável, provoca as demais disciplinas através do reducionismo
Menor espaço na mídia e poder de atração	Maior espaço na mídia e poder de atração
Responsabilidade individual sobre o sofrimento	Intervenção prática na realidade pela tecnologia
Destaque aos grandes autores, especialmente Freud, seu fundador	Projeto coletivo e interdisciplinar
Uso de metáforas como instrumento de análise	Linguagem precisa e concreta
Uso de elementos da mitologia, literatura, cultura, história, etc	Escopo mais limitado aos fenômenos naturais
Tende a focar a especificidade do fenômeno humano	Tende a focar semelhanças com os animais
Sintoma pode indicar aspectos saudáveis ou patológicos do sujeito	Sintoma indica doença
Tende a focar o desenvolvimento do indivíduo através da clínica	Tende a focar o uso de psicofármacos

7.7. Minha trajetória acadêmica e em jornalismo científico

Ao integrar jornalismo científico, neurociência e psicanálise, este trabalho busca integrar também diferentes elementos de minha formação. Meu interesse pela divulgação científica foi despertado, durante a graduação em biologia, pela leitura de autores clássicos como Stephen Jay Gould, Oliver Sacks, Carl Zimmer, Steven Johnson e Richard Dawkins, entre outros – especialmente o primeiro, pela erudição e elegância ao transitar pelas humanidades, relacionando ciência com literatura, história, sociologia e cultura popular. Com um currículo integral de disciplinas biológicas e poucas oportunidades de perseguir o interesse pelas humanidades, passei um ano e meio na Universidade de Nova Iorque, onde frequentei aulas de humanidades. Chamou-me a atenção, nos Estados Unidos, o destaque dado à neurociência de autoajuda, e passei a acompanhar o tema através da mídia e livros de divulgação.

De volta ao Brasil e já graduado, comecei a escrever como *freelance* na revista *Superinteressante*, uma verdadeira escola de redação sobre temas os mais variados possíveis. Em seguida, participei do projeto de desenvolvimento de uma revista eletrônica de divulgação científica em ciências humanas, orientado pela Prof. Dra. Rosana de Lima Soares, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), como parte do Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico (Mídia Ciência) da Fapesp. A revista, produzida no Centro de Estudos da Metrópole/Centro Brasileiro de Análises e Pesquisas (CEM/Cebrap), um Centro de Pesquisa, Inovação e Difusão (Cepid/Fapesp), proporcionou maior proximidade com a pesquisa e convivência com antropólogos, cientistas sociais, filósofos e cineastas, o que, embora fora da minha área de formação, constituiu uma experiência significativa de divulgação científica em ciências humanas.

Paralelamente a essa trajetória na divulgação científica, atuei também na área de educação, como professor de inglês em escolas regulares, uma experiência importante que me propiciou uma dimensão dos desafios envolvidos na formação e no desenvolvimento humano. Embora não aborde o tema nesta dissertação, esse interesse permanece indiretamente, na forma como enxergo a divulgação científica como parte de um processo que pode influenciar o desenvolvimento pessoal. Foi possível aliar o interesse por ciência e por educação no campo do jornalismo científico com algumas colaborações sobre neurociência em números especiais da revista *Educação*. Ao mesmo tempo, o interesse pelo estudo da mente me levou a fazer um curso sobre psicanálise no Instituto Sedes Sapientiae, que forneceu uma introdução sobre a obra de Freud, e no qual fiz um trabalho final sobre educação e psicanálise. Na matéria

“Sonhar para aprender: a neurociência demonstra que sonhar é fundamental para o bom aprendizado” (2012), além do neurocientista Sidarta Ribeiro, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, entrevistei também o psicanalista Tales Ab’Sáber, da Universidade Federal de São Paulo e autor do livro *O sonhar restaurado*, na tentativa de mostrar a complementaridade de abordagens.

A ideia deste trabalho surgiu da percepção, ao longo dessa trajetória, de que a interdisciplinaridade permite uma melhor compreensão da mente humana. Eliminar abordagens, com seus potenciais e limitações próprias, em detrimento de outras, representa apenas prejuízo para o conhecimento do fenômeno. A experiência humana é marcada, em todos os planos, pela multiplicidade, algo que se reflete hoje na variedade de abordagens científicas no âmbito da pesquisa e do jornalismo científico.

Produção acadêmica

“Desenvolvimento de uma revista eletrônica e assessoria de imprensa para o Centro de Estudos da Metrópole”, Programa Mídia Ciência / Fapesp, Processo: 04/10218-4, jan. de 2005 a dez. 2005)

“Do cérebro ao ser: divulgação científica de neurociência e psicanálise”. XIX Seminário de Teses em Andamento – Seta, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, nov. 2013.

Colaboração em artigo científico:

SILVA, M. B. et al. Capparaceae. In: *Flora fanerogâmica do Estado de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 2002.

Textos de jornalismo científico publicados na mídia (seleção)

Revista *Pesquisa Fapesp*: Revista de divulgação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (2014 e 2015).

- “Entre cipós e algas: A partir de levantamentos de flora, pesquisadores investigam processos de diversificação das espécies” (*Especial USP 80 anos*, dez. 2014)
<http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/12/29/entre-cipos-e-algas/>

- “Um perigo a mais do sol: A luz visível, além da radiação ultravioleta, também pode causar câncer de pele (jan. 2015) <http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/01/19/um-perigo-a-mais-do-sol/>

Revista *Quanta*: especial bimestral sobre ciências voltado para educadores, produzido pela revista *Educação*, editora Segmento (2011 e 2012).

- “Fronteiras da mobilidade - entrevista com o neurocientista Miguel Nicolelis” (set. 2011)
- “Viagem por dentro do cérebro: exposição no Museu de História Natural em Nova Iorque” (set. 2011)
- “Memória: como usar? Compreender melhor o funcionamento da memória pode propiciar avanços no aprendizado e ajudar a esclarecer a relação entre o ser humano e a tecnologia” (nov./dez. 2011)
- “Empolgação robótica. Robôs mobilizam alunos durante as aulas e no contraturno” (jan./fev. 2012)
- “A cientista engajada: entrevista com Mayana Zatz” (jan./fev. 2012)
- “Última fronteira: as promessas e o debate em torno da nova geração de games educativos” (mar./abr. 2012)
- “Sonhar para aprender: a neurociência demonstra que sonhar é fundamental para o bom aprendizado” (maio/jun. 2012)
- “Cruzada científica: a jornada de Walter Neves, pesquisador incansável” (maio/jun. 2012)
- “Metamorfose cerebral: descobertas da neurociências revelam que o cérebro do adolescente está em pleno desenvolvimento” (ago./set. 2012)

Revista *diverCidade*: revista eletrônica de divulgação científica do Centro de Estudos da Metrópole (CEM - 2004 a 2010).

(<http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/v1/divercidade/numero18/>)

- “Redes sociais criam oportunidades em favela” (out./nov./dez. 2004)
- “Pesquisa traça instabilidade na trajetória dos trabalhadores em São Paulo” (jan./fev./mar. 2005)
- “CEM apresenta primeira safra de documentários e discute fronteira com ciências sociais” (abr./maio/jun. 2005)
- “Pesquisa traça desenvolvimento do marketing televisivo e fornece dados históricos de

audiência” (out./nov./dez. 2005)

- “Estudo avalia acesso dos pobres aos serviços públicos” (abr./maio/jun. 2006)

Revista Mundo Estranho, editora Abril (2002 a 2003): revista com perguntas e respostas voltada para o público adolescente.

- “Como foi construída a Ponte Rio Niterói?” (jul. 2003)
<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-foi-construida-a-ponte-rioniteroi>
- “Como funciona a montanha-russa?” (jul. 2003)
<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-funciona-uma-montanharussa>
- “O que são duendes?” (abr. 2003)
- “O que torna um queijo diferente do outro?” (fev. 2003)
- “Como ocorrem os vulcões” (out. 2002)

Revista Aventuras na História, editora Abril (2003).

- “Quem é o pai – Afinal, quem inventou o avião?” (ago. 2003)
<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/santos-dumont-ou-irmaos-wright-quem-pai-433408.shtml>
- “O verdadeiro Artur.” (jul. 2003) <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/verdadeiro-rei-artur-433395.shtml>

Revista Superinteressante, Editora Abril (2000).

- “Temperatura crítica: alterações inéditas no clima e na temperatura colocam um cenário de catástrofe no horizonte do planeta. Felizmente, a era do hidrogênio está chegando” (Especial Como Salvar a Terra, jun. 2001)
<http://super.abril.com.br/ciencia/temperatura-critica>
- “Como funciona o bumerangue?” (fev. 2001)
- “Porque a aranha não gruda em sua própria teia?” (dez. 2000)
- “O mistério da cobra com patas” (jun. 2000)

Outros (com Flávio Dieguez)

- “USP experimenta curso novo de humanidades” e “Nos EUA, clássicos formam jovens”, *Folha de São Paulo*, Caderno Sinapse, 26 nov. 2002)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u216.shtml>
- “Um pinguim em Copacabana”, *Gazeta Mercantil*, Cad. Ciência e Saúde (23 mar. 2001)